

BLUMENAU

em Cadernos




FUNDAÇÃO
CULTURAL
DE BLUMENAU

TOMO XLIV
Maio/Junho 2003
NÚMERO 5/6



BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry



Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC	
SEÇÃO DE HISTÓRIA	
Clas.:	_____
Reg.:	079
Data:	1/8/03

BLUMENAU
em Cadernos



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História - edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

**REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"
ENDEREÇO**

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425
CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC
Fone/fax: (47) 326-6990
E-Mail: *funculbl@terra.com.br*

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga
Aspectos Rurais do Vale do Itajaí
Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Cristina Ferreira (Presidente)
Annemarie Fouquet Schünke,
Cezar Zillig, Ivo Marcos Theis,
Méiri Frotscher, Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO

Marilu Antunes

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Gráfica e Editora Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento
Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

Apresentação	007
Documentos Originais - Artigos	
As vivências de Klara Hermann – Parte final	009
Artigos	
Por uma política lingüística para o alemão em Blumenau. <i>Valéria Contrucci de Oliveira Mailer</i>	038
Pesquisas & Pesquisadores	
Um estudo da história da prostituição na sociedade blumenauense entre os anos de 1890/1900 – Parte I <i>Celso Kramer Sandro Luiz Cifuentes</i>	048
Fragmentos de nossa história local	
Escola de Artífices de Blumenau	069
Memórias	
Tristeza no dia do soldado de 1947. <i>Alberto Baumgarten</i>	072
Aleixo Maba, meu tipo inesquecível. <i>Orlando Olinger</i>	075
Escola Barão do Rio Branco <i>Brigitte Fouquet Rosenbrock</i>	077

Entrevista

A vida fora das fábricas: o cotidiano dos operários da indústria têxtil de Blumenau.

Entrevista com Mário e Paula Kratz 079

Esporte & Lazer

Amazonas Esporte Clube

Adalberto Day..... 106

Burocracia & Governo

Relatório do Dr. Ignácio da Cunha Galvão ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, de 28 de fevereiro de 1867 - Parte 2

112

Autores catarinenses

Enéas Athanázio..... 122

APRESENTAÇÃO

Nesta edição da revista Blumenau em Cadernos são publicados temas que versam sobre a memória, história local e catarinense, como também comentários de obras literárias.

A coluna bilíngüe (alemão/português) **Documentos Originais - artigos** finaliza a publicação do texto intitulado “As Vivências de Klara Hermann”. Iniciado na edição de dezembro de 2002, o relato revela a história de vida da autora, que saiu da Alemanha em 1903 após o seu casamento, vindo morar na Colônia Humboldt, atual município de Corupá. Com muita propriedade e estilo descreveu suas experiências como imigrante e coadjuvante de um novo tempo que prometia prosperidade com a chegada da ferrovia naquela localidade. A tradução dos textos foi um trabalho da colaboradora Annemarie Fouquet Schunke.

Com o título “Por uma política lingüística para o alemão em Blumenau”, publica-se na coluna **Artigos**, o texto de Valéria Contrucci de Oliveira Mailer, mestre em Lingüística. Nele a autora destaca e analisa o ensino da língua alemã desde a colonização até os dias de hoje. É um artigo que aborda a problemática dos teuto-brasileiros na sociedade brasileira, que procuravam preservar sua identidade étnica, cultural e lingüística. O mesmo ressalta como esta questão passou a ser vista na época aos olhos do governo e da sociedade nacional.

Em **Pesquisa & Pesquisadores**, os autores prof. Celso Kramer e Sandro Luiz Cifuentes abordam um tema bastante polêmico, silenciado em nossa sociedade local. Com o texto “Um estudo da história da prostituição na sociedade blumenauense entre os anos de 1890 e 1990”, os autores desenvolveram uma pesquisa para buscar esta história escondida, que é uma realidade que merece ser investigada por fazer parte da sociedade.

Fragmentos de nossa História Local traz o relatório do ano letivo de 1935 da Escola Alemã de Blumenau, no qual faz referências à União de Artífices de Blumenau, que mantinha lá uma Escola de Artífices.

Na coluna **Memórias**, Alberto P. Baumgarten escreve “Tristeza no dia do Soldado de 1947”. Rememora o triste episódio de um acidente envolvendo um ônibus que transportava alunos de uma escola de Blumenau, que voltavam de uma visita ao quartel do 23º BI. Ainda nesta coluna, Orlando Olinger relembra com o texto “Aleixo Maba, meu tipo inesquecível”, a vida de um homem, empregado de seu pai, que muito marcou sua infância, o qual veio a falecer no campo de batalha durante a Segunda Guerra Mundial. E, a colaboradora Brigitte Fouquet Rosenbrock finaliza o seu texto comemorativo sobre os 50 anos da Escola Barão do Rio Branco.

A coluna **Entrevista**, traz o depoimento do casal Mário e Paula Kratz, sob o título “A vida fora das fábricas: o cotidiano dos operários da indústria têxtil de Blumenau (1950-1970)”. O mesmo faz parte de um projeto de pesquisa coordenado pela professora da Universidade Regional de Blumenau, Cristina Ferreira e do acadêmico Ricardo Machado, do Curso de História - FURB. A entrevista leva o leitor a perceber aspectos do cotidiano dos operários e operárias, dentro e fora da fábrica, incluindo vida familiar e o lazer.

Com a coluna **Esporte & Lazer**, trazemos através do cientista social Adalberto Day, um pouco da história do Amazonas Esporte Clube. O autor, com sua vivência na localidade, descreve a história do Clube, a paixão dos torcedores, seus principais jogadores dentro do contexto social do bairro e da Empresa Industrial Garcia.

Em **Burocracia & Governo**, publica-se a parte 2 do “Relatório do Dr. Ignácio da Cunha Galvão, endereçado ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, de 28 de fevereiro de 1867”. O mesmo relata a situação da Colônia de Blumenau, considera-a como a mais próspera da Província, tece comentários sobre a administração, suas necessidades, os obstáculos enfrentados, bem como a produção, importação e exportação.

O escritor Enéas Athanázio, na coluna **Autores Catarinenses**, destaca o livro intitulado “Abandonada no Campo de Centeio”, de autoria da escritora americana Joyce Maynard, no qual conta seu intrigante romance com o escritor norte-americano Jerome David Salinger. Por final o escritor relata sua última visita à localidade de General Dutra, o epicentro do “Contestado”. Ali relembra com saudades a extinta estrada de ferro Rede Viação Paraná-Santa Catarina.

Documentos
Originais –
Tradução

As vivências de
Klara Hermann
- Parte final

TEXTO:

KLARA HERMANN*

Neste meio tempo muita coisa havia mudado. Cogitava-se construir uma estrada de ferro de São Francisco para São Paulo, que também atravessaria esta nova Colônia. Havia uma grande expectativa em relação ao futuro. Com a vinda da estrada de ferro teríamos mercado para nossos produtos agrícolas. No início havia muita preocupação, quanto à eventual passagem dos trilhos em alguma propriedade, quem sabe até por terras produtivas ou pastos cuidados e cercados, além do proprietário poder não concordar com o valor da indenização.

Por várias vezes houve discussões acirradas, mesmo assim, a construção da estrada de ferro continuava através de pântanos, florestas e montanhas. Muitos vagabundos e indivíduos mal educados vieram com suas mulheres. Ao lado da estrada surgiram ruas repletas de ranchos, que sempre eram desmontados e reerguidos novamente no novo canteiro de obras. Havia bares que vendiam cachaça, administrados por comerciantes hábeis e que obtinham bons lucros. Muitas vezes a paz do nosso vale foi perturbada. Disparar uma bala era muito fácil e, muitas vezes atingia o alvo por algum motivo insignificante. Por um bom tempo teríamos o faroeste entre nós, pois aqui iniciavam as dificuldades para a construção da estrada de ferro, que serpentearia a serra. Era preciso construir túneis, e retirar a terra dos barrancos.

Alguns engenheiros brasileiros moravam no *Stadtplatz* e calculavam e calculavam. Então, alguém se lembrou do engenheiro alemão Reich, chamando a atenção dos engenheiros brasileiros para este fato.

Reich era um homem de uma inteligência excepcional, mas uma pessoa totalmente arruinada.

*Tradução: Annemarie Fouquet Schünke

Erlebnis von Klara Hermann

Inzwischen hatte sich mancherlei geändert, eine Bahn sollte gebaut werden von S. Francisco nach S. Paulo und diese kam auch durch diese neue Siedlung. Zukunftsmusik klang in allen Ohren. Kam Bahnverbindung, dann hob sich auch der Absatz für unsere ländlichen Produkte.

Zuerst gab es allerlei Aufregung, wenn z. B. das Geleis mitten durch ein Grundstück führte, vielleicht durch gutes Pflanzland oder fertige, eingezäunte Weide und der Besitzer mit der Abfindungssumme nicht zufrieden war.

Ganz erbitterte Kämpfe spielten sich oft ab, doch der Bahnbau schritt voran, durch Sumpf, Wald und Gebirge. Viel heimatloses Gesindel kam mit, wilde Gesellen mit ihren Frauen.

Neben der Strecke entstanden ganze Straßen von Ranchos, die immer wieder abgerissen wurden und beim neuen Arbeitsplatz frisch aufgebaut wurden. Dazwischen fanden sich Schnapsbuden von geschäftstüchtigen Leuten aufgestellt und mit Vorteil betrieben. Der Friede unseres Tales war oft böse gestört. Eine Kugel war leicht abgesandt und fand oft ihr Ziel, um kleiner Ursachen Willen. Ein Stück Wildwest war in unserer Nähe, für längere Zeit, denn hier fingen Schwierigkeiten für den Bahnbau an, der in Serpentina durch die Serra geführt werden sollte. Tunneln mußten gegraben, Bergabhänge abgetragen werden.

Einige brasilianische Ingenieure wohnten am Stadtplatz und rechneten und rechneten. Da besann man sich hier auf den deutschen Ingenieur Reich und machte die brasilianischen Herren darauf aufmerksam.

Reich war ein hochbegabter, aber völlig verkommener Mensch. Er hauste schlimmer, wie ein Caboclo auf seinem Lande. Sein Rancho, zum Haus hat er es nie gebracht, war so klein, daß die Füße vorn heraus, sahen, wenn er darin lag. Er lag meistens, denn er war ein Säufer, der leider immer Geld aus der alten Heimat bekam, welches er stets gleich in Cachaça, Zuckerrohrschnaps, anlegte. Er brachte es soweit, daß er Bohnen und Mais roh aß.

Freitags holte er sich in einem grauen Sack vom Schlachter, Rinderlunge und Leber. Damit setzte er sich in den Straßengraben, riß mit den Zähnen Stücke von dem rohen Fleisch und verschlang es. Einen widerlicheren Anblick kann es garnicht geben, als diesen verschmutzten und verkommene Menschen, mit von den Sandflöhen zerfressenen Füßen.

Diesen Menschen versuchten einige Leute, Klara Herrmann und Georg Herrmann wieder aufzurütteln aus seiner Verkommenheit. Es wurden Kleidungsstücke, Wäsche und Schuhe zusammen gelegt für ihn. Er mußte sich

Ele vivia pior do que um caboclo em sua terra. Seu rancho, pois nunca conseguiu fazer uma casa, era tão pequeno, que suas pernas ficavam de fora quando deitado. Geralmente permanecia deitado, pois era um beberrão. Infelizmente sempre recebia dinheiro de sua velha pátria, que imediatamente transformava em cachaça. Ele chegou a comer milho e feijão crus.

Às sextas-feiras, ele costumava buscar no açougue pulmão e fígado de gado dentro de um saco. Com isso se sentava na sarjeta, arrancava bocados da carne crua e os engolia avidamente. Não existe visão mais repugnante do que esta pessoa imunda, degradada e com os pés carcomidos pelo bicho do pé. Klara e Georg Hermann e algumas outras pessoas tentaram tirá-lo deste estado de depravação. Juntaram roupas e sapatos. Reich foi obrigado a tomar banho, pois a cor de sua pele estava irreconhecível. Colocou as roupas e foi encaminhado ao taberneiro, o proprietário do Hotel Pieper. Reich precisou ser reeducado, no que se refere a comer e beber e, recebia pouca cachaça. Bem, a experiência deu certo e, após oito semanas deu para lhe falar sobre a construção da estrada de ferro. Ele conseguiu um emprego junto aos engenheiros brasileiros e fez os cálculos mais difíceis do trecho da serra. Este engenheiro alemão se manteve com bravura, ainda acompanhou a transferência dos escritórios para o planalto, mas então sumiu sem deixar vestígio! Ninguém soube dizer se morreu ou se deixou o vício tomar conta dele novamente jogando-o na lama. Certamente ninguém mais se lembra dele, que contribuiu com o seu saber sem receber o devido agradecimento. A construção da estrada de ferro avançava e trouxe trabalho e remuneração para muitos, não apenas para aqueles que trabalhavam no trajeto, mas, também o colono em sua propriedade pôde prestar serviços para a mencionada estrada. Precisavam de milhares de dormentes. Alguns homens se reuniam e, em todo lugar soava o som do machado no corte das árvores. Eram serradas no tamanho desejado com uma serra transversal, então os troncos eram cortados com o machado até os dormentes estarem prontos.

Os carroceiros os levavam até a estrada de ferro e obtinham um bom preço. Porém, logo os colonos se uniram e compraram, em conjunto, carroças e cavalos para economizar o transporte. Logo os vendedores de cavalos se aperceberam disto e vieram com grandes tropas de cavalos, às vezes, animais selvagens, vindos diretamente dos campos, mas muitas vezes havia uns exemplares velhos bem esfalfados. Eram exatamente estes que normalmente conseguiam vender primeiro. O colono receava domar e domesticar um cavalo selvagem.

baden, seine Hautfarbe war vor Schmutz nicht zu erkennen, dann wurde er eingekleidet und zu einem Vendisten, der auch Hotel hatte, gebracht. Wilhelm Pieper erstes Hotel. Hier mußte er buchstäblich wieder anständig essen und trinken lernen, Schnaps bekam er nur wenig, das Experiment gelang, nach einigen Wochen war er soweit, daß man mit ihm über den Bahnbau sprechen konnte. Er fand Anstellung bei den brasilianischen Bahningenieuren, und machte für sie die schwierigsten Berechnungen, für die Bahnlinie in der Serra.

Er hielt sich jetzt tapfer, dieser deutsche Ingenieur, ging auch noch mit als die Bueros nach dem Hochland verlegt wurden, aber dann ist er spurlos verschwunden! Niemand konnte sagen ob er tot sei oder ob die Trunksucht wieder Herr seiner wurde und ihn in den Sumpf zurückzog. Es denkt wohl niemand mehr an ihn, der sein deutsches gründliches Wissen gab, ohne den gerechten Dank dafür zu erhalten.

Der Bahnbau schritt fort und brachte Arbeit und Lohn für Viele, nicht nur an der Strecke, sondern auch daheim konnte der Kolonist für die Bahn arbeiten. Es wurden tausende von Bahnschwellen gebraucht. Da taten sich immer einige Männer zusammen und überall erklang der helle Ton der Axt beim Fällen der Bäume. Mit der Quersäge wurden die Bäume in die gewünschten Längen zerschnitten und mit der Axt beschlagen, bis die fertigen Bahnschwellen dalagen.

Die Fuhrleute brachten sie zur Bahn und verdienten ein gutes Fuhrlohn. Aber bald taten sich mehrere Kolonisten zusammen und kauften gemeinsam Wagen und Pferde, um das Fuhrlohn zu sparen. Bald kamen die Pferdehändler dahinter und kamen mit grossen Truppen Pferde, oft ganz wilde, Frisch von den Campos, aber oft waren recht abgetriebene Mähren dabei und gerade diese wurden sie gewöhnlich zuerst los. Der Kolonist scheute sich meist, ein wildes Pferd selbst zu zähmen und einzufahren. Billig waren die Pferde zu jener Zeit, von fünfzig Milréis an konnte man sie kaufen. War man damit angeführt, merkte man erst, wenn der Händler schon weit fort war und man mußte sich mit dem Gegebenem abfinden.

Wir haben auch oft recht unterschiedliche Tiere auf unserer Weide gehabt, da heißt es eben so lange handeln bis man die richtigen Tiere hat. Ein Tier hat uns nie enttäuscht, der *Petiço* ("Isolde"). Unsere Tochter bekam ihn, als sie und nun auch das Pferdchen drei Jahre alt waren. Fünfundzwanzig Jahre diente er treu seiner Herrin und wurde sehr von ihr betrauert, als wir ihn dann eingegraben mußten.

Unser *Petiço* war eine "sie" und brachte sogar von einem Esel ein Fohlen, welches "Sebastian" hieß. Es war ein drolliger Anblick, wenn Sebastian an seiner Mutter Isolde sog und auf dieser saß unser Mädelchen und spielte Mundharmonika. Sie verstanden sich sehr gut diese drei.

Naquela época, os cavalos eram baratos, era possível comprá-los a partir de cinquenta milréis. No caso de sermos enganados, só percebíamos quando o mercador já estava longe, então só restava conformar-se.

Em várias ocasiões tivemos animais bem distintos no nosso pasto. A regra era negociar até conseguirmos os animais desejados. Um animal nunca nos decepcionou, o petiço “Isolde”. Nossa filha o ganhou quando ela e o petiço tinham três anos. Durante vinte e cinco anos ele serviu fielmente sua dona, e foi muito lamentado quando o enterramos.

Nosso petiço na verdade era “ela”, cruzou com um burro e pariu um potro, chamado “Sebastian”. Era engraçado ver o potro mamar na mãe, enquanto nossa filhinha a montava, tocando gaita de boca. Os três se entendiam muito bem.

“Isolde” era rápida, feito vento, quando montada por sua dona e já de longe relinchava alegremente quando a via atravessar o pasto. Então chegou a vez de “Isolde” trabalhar, às vezes, era atrelada à carroça para retirar madeira da mata; isto quando a carga era muito pesada, sendo necessários quatro cavalos. Esta pequena e graciosa potranca alazã puxava a carroça com a mesma bravura de um cavalo! (1.50 m de altura)

Como não tivemos o sucesso desejado com nossa queijaria, meu marido também queria aproveitar nossa madeira e vender dormentes. Até agora, quanto tronco de madeira nobre havia sido destruído, queimado ou apodrecido! Mas, muito trabalho e esforço faziam parte na manufatura dos dormentes. Recordo-me ainda hoje com pavor da época em que meu marido e um vizinho serravam os troncos, abaixo de um sol escaldante, para madeira de construção e tábuas.

Os homens usavam apenas calças durante o trabalho e o suor lhes escorria pelo corpo. Isto agora acabaria, pois meu marido conseguiu comprar uma roda d’água usada. Começamos aos domingos a medir e demarcar onde deveria ser instalada e verificamos se a correnteza do nosso rio era suficiente para pô-la em movimento. Havia muito em que pensar, muitos cálculos a fazer e, se o dinheiro seria o suficiente!!

Até agora nos mantivemos com sacrifício, porém não havíamos ganho dinheiro. Meu marido nunca ambicionou por isso. Aqui ele tinha saúde e trabalhava simplesmente pelo trabalho. Sentíamos-nos satisfeitos com o essencial, desejos especiais eram deixados para mais tarde. Assim, meu marido calculava e recalculava a instalação da pequena roda d’água e chegou à conclusão que

Isolde ging auch flink, wie der Wind, wenn ihre kleine Herrin sie ritt und wieherte freudig schon aus der Ferne, wenn sie über die Weide kam. Dann kam auch für Isolde eine Zeit der Arbeit, dann und wann mußte sie mit an den Wagen gespannt werden um Holz aus dem Walde zu holen, wenn es schwer ging und vier Pferde nötig waren. Sie zog so tapfer, wie ein großes Pferd, die kleine zierliche Fuchsstute! (1 meter, 5 cm hoch).

Weil wir mit unserer Käserei nicht den Erfolg hatten, den wir erhofften, wollte auch mein Mann unser Holz ausnutzen und Bahnschwellen verkaufen. Wieviele schöne Stämme guten Holzes waren bisher vernichtet, verbrannt oder verfault. Aber mit der Handbearbeitung der Schwellen war viel Arbeit und Mühe verbunden. Ich denke noch heute mit Grauen an die Zeit als mein Mann mit einem Nachbarn in der Sonnenglut stand und mit der Handsäge Stämme zu Bauholz und Brettern schnitt. Ich mochte das Singen der Ständig auf und nieder gezogenen Brettsäge nicht mehr hören.

Nur mit Hosen bekleidet standen die Männer bei ihrer Arbeit, in Bächen rann der Schweiß von ihren Körpern. Dies sollte jetzt aufhören, mein Mann konnte eine gebrauchte Sägemühle kaufen.

Nun begannen wir des Sonntags zu meßen und abzustecken, wohin wohl die Mühle gestellt werden könnte und ob auch die Kraft unseres Flußes reichte, sie zu betreiben. Es gab viel zu bedenken, noch mehr zu rechnen, ob das Geld auch reicht!

Bisher hatten wir uns gerade so durch geschlagen mit Mühe und Not, aber Geld hatten wir nicht verdient. Mein Mann strebte auch nie danach. Er war hier gesund und arbeitete um der Arbeit willen. Wir waren zufrieden, wenn wir das Nötigste hatten, Extrawünsche wurden auf später zurück gesteckt. So rechnete und berechnete mein Mann unsere kleine Wasserkraft und kam zu dem Resultat, sie reicht, wir können es wagen sie auszubauen. Wer sollte dies aber tun, selber Alles machen geht nicht, ein Fachmann muß dabei helfen. So gingen noch viele Monate ins Land, bis wir den fanden. Aber wir fanden ihn doch! Es war ein Italiener (Stingen), mit seinem Schwager, die dann monatelang zu uns kamen, um das Wasserrad zu bauen und das Holzgetriebe.

Alle die Kämme und Teile wurden mit der Hand ausgesägt. Maschinen dazu gab es hier noch nicht, doch sie schafften es, mein Mann half, wo er konnte. Eine Maismahlmühle wollten wir auch gleichzeitig mit aufstellen und taten es auch.

Langsam, langsam ging Alles, wurde aber doch fertig. Eines Tages sagte der Mühlenbauer, Até logo, nun sehen Sie nur zu, es wird schon Alles gehen, fort war er. Wir beide standen und sahen uns an, was wußten wir von Mais zu Mehl zu

o volume d'água era suficiente. Dessa maneira, podíamos arriscar instalá-la. Quem iria realizar isso? Não era possível fazer tudo sozinho, um especialista no assunto deveria ajudar. Assim, passaram-se vários meses, até encontrarmos a pessoa adequada. Mas o encontramos! Era um italiano (Stingen) e seu cunhado, que durante meses vieram para construir a roda d'água e demais equipamentos. Todas as engrenagens e peças eram serradas manualmente. Ainda não existiam máquinas que fizessem isso, mas eles conseguiram e também meu marido ajudou no que foi possível. Ao mesmo tempo queríamos instalar um moinho para moer o milho, o que foi feito.

Tudo andava muito devagar, mas enfim ficou pronto. Um dia o italiano nos disse: Até logo! O Sr. verá que tudo vai dar certo. E lá se foi. Meu marido e eu nos entreolhamos, o que nós sabíamos sobre moer milho. Primeiro verificamos o lago onde a água deveria ser coletada, mas como ainda não estava cheio, esperamos até o dia seguinte. Então levantamos a trava para a água passar pela calha e sobre a roda, a fim de pôr o moinho em funcionamento. Mas demorou muito a água vir, ela escorria lentamente sobre a roda d'água, tanto que esta nem se mexia.

O nível da água do lago precisou ser elevado até que a roda, se pôs em movimento com muito barulho. Bem, havia muito que aprender até conseguimos colocar as pedras e a peneira no devido lugar, secar bem o milho e regular as pedras para não esquentarem. Era um sobe e desce, regular aqui, acrescentar num lugar, tirar do outro e, então separar a farinha grossa da fina. Tivemos um dia de trabalho cheio de correria quando o primeiro saco de milho foi transformado em farinha, que no dia seguinte, aparentava ser mais volumosa, e continuava a aumentar! É que o milho era muito novo e inchou, fomos obrigados a dá-lo aos animais.

Enfim, era preciso pagar pelo aprendizado, pois de um jeito ou outro se aprendia. Para que servia a boa vontade? Precisávamos de fregueses para moer o milho. Eles foram chegando aos poucos, um vinha com dez quilos, outros com apenas cinco, que queriam trocar pela farinha. Era raro receber uma partida de vinte, trinta quilos. As pessoas queriam sempre buscar farinha fresca.

O custo para moer sessenta quilos era de oitocentos réis, e recebíamos tudo em moeda de um mil-réis. Era muito trabalho e correria para pouquíssimo dinheiro. Só podíamos moer três sacos por dia. Quando chovia rendia mais. Às vezes era tanta chuva que precisávamos parar. O rio e a lagoa não conseguiam

mahlen. Zuerst schauten wir dann in den Teich, worin sich das Wasser sammeln sollte, ach der war noch garnicht voll, also warten, bis zum andern Tag. Aber dann hin, Schütt hoch, damit das Wasser in die Rinne und über das Rad fließt und die Mühle in Bewegung kommt. Oh, wie dauerte es lange, das Wasser nahm sich Zeit und rieselte nur leise über unser Wasserrad, das sich garnicht drehen wollte.

Das Wasser im Teich mußte noch höher gestaut werden, bis das Rad sich mit Ächzen und Gepolter in Bewegung setzte. Na, es war allerlei zu lernen, bis die Steine richtig eingestellt waren, das Schüttelsieb in Ordnung, der Mais richtig trocken und das Wasser so reguliert, dass die Steine sich nicht heiß liefen! Auf und ab mußte man laufen, hier stellen, da bürsten, da nachschütten, dort fortnehmen, dann das grobe Mehl vom feinen trennen.

Und als der erste Sack Mais zu Mehl gemahlen war, hatten wir einen aufregenden Arbeitstag hinter uns.

Am nächsten Morgen sah die Menge Mehl viel grösser aus und wurde noch grösser! Der Mais war zu frisch gewesen und unser Mehl quoll auf und mußte dem Vieh gegeben werden.

Nun, Lehrgeld mußte gezahlt werden, so oder so schließlich lernt man schon, wozu man den guten Willen hat. Aber jetzt mußten sich auch die Kunden finden, die ihren Mais mahlen ließen, so tropfenweise kamen sie dann, der Eine hatte zehn Kilo Mais, der Andere nur fünf die er tauschen wollte zu Mehl, zwanzig und dreißig Kilo Posten waren schon selten. Die Leute wollten sich immer frisches Mehl holen.

Sechzig Kilo zu mahlen kosteten achthundert Réis und diese achthundert Réis mußte man vintem weise also einzeln einnehmen. Viel Arbeit und Lauferei für bitter wenig Geld. Drei Sack konnten wir pro Tag mahlen, bei Regenwetter mehr, dann schickte der Himmel Kraft herab, oft soviel, das man ganz anhalten mußte.

Fluß und Teich konnten die Wassermengen nicht halten und donnern stürzten sie über die Felsen unterhalb des Teiches, ein wilder gewaltiger Anblick bietet sich dar. Wehe dem, der da hinein gerät, da hilft kein Schwimmen, an den Felsen würde man zeschellen.

Oft habe ich mit Bangen auf meinen Mann gewartet wenn er bei plötzlichen Hochwasser mitten in der Nacht und Dunkelheit das Wehr hochziehen mußte, damit das Wasser nicht ins Haus kam.

Die Brücke ist wie alle hier aus Holz gebaut und viele Brücken sind schon vom Wasser entführt worden. Einmal war es auch bei uns sehr bedenklich, das Wasser stieg und drückte gegen das Wehr, als sollte es bersten. Mein Mann mußte auf die wackelnde Brücke, das Wehr zu öffnen. Er legte sich das Lasso um den Leib,

conter o volume de água, que despencavam com estrondo por sobre as rochas abaixo da lagoa. Era uma visão impressionante! Ai daquele que estivesse lá, não adiantaria saber nadar, pois seria destroçado nas rochas.

Muitas vezes, esperei aflita meu marido voltar, quando, no meio da noite, ele precisava abrir as comportas para a água não invadir a casa. Como em todo lugar, a ponte era de madeira e muitas já tinham sido levadas pela correnteza. Certa ocasião a situação ficou crítica, a água subia e fazia pressão sobre a comporta, como se fosse arreventá-la. Meu marido precisou ir sobre a ponte oscilante para abrir a comporta. Ele amarrou uma corda em volta do corpo, eu a segurei e no último minuto ele conseguiu abri-la. Foram minutos de tensão, pois a água já entrava na cozinha, o assoalho se desprendia e o fogão se inclinava.

Meu jardim, bem como o pasto e parte da terra para plantio viraram uma lagoa. Nosso filho e um garoto vizinho nadavam prazerosamente nela. Para eles era uma grande distração, mas tão rapidamente como a água veio, do mesmo jeito ela se foi, e o rio agora estava tranqüilo como se jamais tivesse ultrapassado a margem. As terras banhadas pelos rios são as mais férteis, mas as enchentes provocam inúmeros estragos.

É desolador o aspecto de uma plantação de milho espalhada no chão pela força das águas e coberta de lama. Geralmente a safra apodrece.

É difícil para o colono comprar farinha de trigo quando ele não tem dinheiro. Foi complicado conseguir lidar com a moeda brasileira, ou vice-versa. Em primeiro lugar, eu tinha pouco dinheiro, pois os produtos eram trocados ou, se vendidos, logo se comprava outra coisa, além disso havia muitos zeros. O marco e o mil-réis tinham praticamente o mesmo valor, mas, aqui cem réis representavam dez *Pfennig* (moeda alemã), vinte réis equivaliam a dois *Pfennig* e, um mil-réis equivalia a mil réis. Isto me confundia!

Um dia veio um homem dizendo ser o moleiro que moía nosso milho. Ele morava a três horas de distância e, nos primeiros tempos mandávamos oportunamente o milho para trocar por farinha. Bem, agora o homem queria cobrar o dinheiro relativo à moagem, dizendo que lhe devíamos oitocentos réis. Eu fiquei apavorada e disse que não tínhamos tanto dinheiro em casa, e que teria de falar com meu marido. Fiquei imaginando que teríamos de pagar oitocentos Marcos, mas constatei que eram oitocentos réis ou seja oitocentos *Pfennig*. Fiquei aliviada e todos riram de mim. Bem, naquela época ainda era uma recém chegada, isto diz tudo, pois a gente fazia muita bobagem.

ich hielt es fest und im letzten Augenblick gelang ihm das Öffnen, bange Minuten waren das, denn das Wasser war schon in der Küche, die Fußbodenbretter schwammen, mein Herd neigte sich zur Seite.

Mein Garten war ein See, ebenso Weide und ein Teil des Pflanzlandes. Unser Sohn und ein Nachbarjunge schwammen höchst vergnügt darin herum. Für die war es eine großartige Abwechslung, ebenso schnell wie es kommt, fließte das Wasser ab und so unschuldig sieht der Fluß aus, als wenn er nie über seine Ufer kann. Flußländereien sind ja die Besten, aber wenn die großen Flüsse überschwemmen, machen sie doch eingreifenden Schaden.

Traurig sieht ein Maisfeld aus, wenn die Fluten es nieder gedrückt und mit Schlamm bedeckt haben, meistens verfault dann die schöne Ernte.

Brotkorn kaufen müssen, ist schwer für den Bauern wann das Geld dazu fehlt. Das hiesige Geld wurde schwer mit mir vertraut, oder ich mit ihm, erstens hatte ich wenig, weil ja gleich für die Produkte eingekauft oder getauscht wurde und dann waren mir zuviel Nullen dabei. Mark und Milréis hatten ungefähr den gleichen Wert aber zehn Pfennig waren hier hundert Réis, zwei Pfennige zwanzig Réis und ein Milréis hat tausend Réis, das ging mir immer wieder durcheinander.

Kam da eines Tages ein Mann und sagte, er sei der Müller, der für uns mahlt. Er wohnte drei Stunden von uns entfernt und schickten wir mit Gelegenheit in dem ersten Jahre den Mais zum Tausch dorthin. Also der Mann wollte sich jetzt das Mahlgeld holen, wir seien ihm achthundert Réis schuldig! Ganz entsetzt startete ich den Mann an und sagte, soviel Geld habe ich nicht im Hause, da muß ich zuvor mit meinem Mann sprechen. In Gedanken sah ich achthundert Mark, die wir zu zahlen hätten, aber dann stellte sich heraus, daß es nur achthundert Réis, also achtzig Pfennige waren, wie war ich froh und wie wurde ich ausgelacht.

Ja, da war ich noch eine Neudeutsche, dies Wort sagt Alles, da macht man eben so allerlei Dummheiten.

Mein Mann hält mir heute noch vor, daß ich unseren Ältesten auf ein großes Nest Schleppameisen gesetzt habe in der Roça und dann nicht wußte, weshalb der kleine weinte. Als ich ihn von den Ameisen befreit hatte, sollte sein Schwesterchen auf ihn aufpassen, da mein Mann und ich Taya pflanzten. Da hörten wir immer, nimm doch "klein Mann", nimm, also die Kinder spielten. Plötzlich fürchterliches Geschrei, ich hin, da steht Hilde mit einem Wespennest in der Hand, der Junge mit anschwellendem Gesicht und herumfliegenden Wespen davon, die sich jetzt auf mich, den neuen Feind stürzten, bis mein Mann uns erlöste. Weinend und lachend betrachte und helfe ich meinen Kindern, die zusehends anschwellen, mir erging es nicht anders. Aus Mitleid mußte ich weinen, aber die ganze Komik dabei reizt

Ainda hoje em dia, meu marido fala que coloquei nosso primogênito sobre um formigueiro e não sabia porque ele chorava. Depois de tê-lo libertado das formigas, sua irmãzinha deveria cuidar dele, enquanto plantávamos taiá. Então ouvimos: “Pegue isto pequenino”. Achamos que estivessem brincando. De repente um berreiro, corri e vi Hilde com um ninho de vespas nas mãos, o menino com o rosto inchado rodeado pelos insetos. Então começaram a me atacar como seu novo inimigo, até meu marido nos socorrer. Eu ria e chorava ao mesmo tempo e assim ajudei meus filhos, pois eles estavam inchando tanto quanto eu mesma. Chorei por piedade, mas a situação era cômica, o que me levou a rir. Meu filho já era gordinho e agora ainda este inchaço... a menina foi menos atingida. Bem, pelo menos nunca mais brincaram com ninho de vespas, pois estes eles agora conheciam muito bem.

Eu teria preferido deixar meus filhos em casa, mas isto também tinha seu lado ruim, pois já havia passado por esta experiência. Meu marido pregou em volta do berço bambu para a criança não poder sair. O pequeno foi deixado lá dentro e ao lado da cama foi colocada uma mesa com os brinquedos e uma cadeira. Nossa filha mais velha deveria ficar sentada lá até que eu voltasse para casa e, ela o fez com muita obediência. Certa vez, nós estávamos na roça, mais ou menos a uns quinze minutos de distância da casa, quando de repente sobreveio uma tempestade. O barulho na mata era ensurdecedor e os galhos despençavam. Enquanto voltávamos depressa para casa, a tempestade derrubara uma figueira sobre o caminho. O vento assoviava, as telhas do curral foram arrancadas, corri para junto de meus filhos. De longe avistei a cabecinha loira de Hilde chorando ao ar livre e chamando “homem, homem”. Nós, muitas vezes, chamávamos nosso menino de “homenzinho”. Entrei em casa, onde janelas e portas batiam, e encontrei meu menino pendurado na cama com a cabeça encima da mesa. Graças a Deus estava pendurado pela roupa na travessa da cama, senão teria caído e sabe-se lá o que poderia ter acontecido!

Meus filhos estavam salvos, mesmo que a tempestade em sua fúria destelhasse os currais e derrubasse as árvores como se fossem palitos de fósforo. Não tinha importância. Isto foi um aviso para nunca mais deixar meus filhos sozinhos. Quando estava com as crianças na roça, era melhor Gerhard rolar morro abaixo e buscá-lo de volta esbaforida do que estar preocupada com os pensamentos em casa.

Durante muitos anos o menino se angustiava com o vento, ficava

doch zum lachen.

Mein Junge war so schon so kugelrund, nun noch die so unförmige Schwellung dazu, das Mädchel war noch am Besten davon gekommen. Mit Wespennestern haben sie aber nie wieder gespielt, die hatten sie gründlich kennen gelernt.

Ich hätte ja lieber meine Kinder im Hause gelassen, aber das hat auch seine Schattenseiten, die ich schon kennen gelernt hatte. Um das Kinderbett hatte mein Mann hoch herum Rohrstangen genagelt, damit das Kind nicht rausklettern kann. Da hinein kam der Kleine. Davor kam ein Tischchen mit Stuhl und Spielsachen, da mußte unsere Älteste sitzen bleiben, bis ich wieder ins Haus kam, wenn ich draußen zu tun hatte. Sie tat es auch ganz gehorsam.

Einmal waren wir Eltern in der Pflanzung, ungefähr eine Viertel Stunde vom Hause entfernt, da erhob sich plötzlich ein fürchterlich Sturm, es krachte im nahen Walde, Äste fielen zur Erde. Wir eilten dem Hause zu da warf der Sturm eine dicke Figueira quer über den Weg. Heulend fuhr der Sturm durchs Land, vom Stalldach sausten die Schindeln, ich rannte, ich flog mehr nach Haus, zu meinen Kindern.

Von weitem schon sah ich den Hellblonden Schopf meiner Hilde, weinend stand sie im Freien und rief nur immer – Mann, Mann. Kleiner Mann, so riefen wir oft unseren Jungen. Ich hinein ins Haus, wo Fenster und Türen auf und zuflogen, da hing mein Junge am Bettchen, der kleine Kopf auf dem Kindertisch, die Füße oben an der obersten Bettstange, woran das Kleidchen festhing, Gott sei Dank, und ihn hielt, sonst wäre er ganz hinaus gestürzt, wer weiss, dann gewesen wäre!

Meine Kinder waren noch unverletzt, mochte es draussen stürmen und krachen und alle Dächer von den Ställen abdecken und Bäume umknicken, wie Streichhölzer mich störte es nicht, aber eine Warnung war es mir, nie liess ich meine Kinder wieder allein. Besser war es, der Gerhard kullerte in seiner Rundlichkeit den ganzen Berg hinunter und ich holte ihn pustend wieder herauf, wenn ich mit den Kindern in der Roça war, als wenn meine Gedanken sorgenvoll zu ihnen nach dem Hause schweifen mussten.

Lange Jahre wurde der Junge ängstlich, sobald Wind aufkam, er sagte nichts, aber er wurde unruhig, lief raus und sah um alle Häusecken. Ich konnte ihm nachfühlen, denn mir ging es ähnlich so.

Ich konnte es nicht ertragen, wenn Kühe hinter mir waren. Beim in den Stall lassen, hatte sich blitzschnell eine Kuh umgedreht und wollte mich auf ihre Hörner nehmen, zum Glück konnte ich die Hörner fassen und mit einem Klimmzug meinen Leib darüber in Sicherheit bringen, ich erwartete unseren Jungen. Nun ging

inquieta, embora não dissesse nada, corria para fora, olhava pelos cantos da casa. Eu o entendia, pois comigo acontecia o mesmo.

Não suportava quando havia vacas atrás de mim. Certa ocasião ao deixá-las entrar no curral uma vaca se virou rapidamente, querendo me atingir com os chifres. Felizmente consegui pegá-los, puxando-me por cima e assim colocando-me em segurança. Estava esperando nosso filho. A vaca enfurecida foi comigo contra uma cerca de arame farpado. Neste momento meu marido veio me ajudar e consegui sair bem desta situação, apenas com o vestido rasgado e algumas manchas roxas. Ele quis sacrificar a vaca, mas, a meu pedido desistiu. Dois anos depois ela foi abatida, pois tentou atacar nosso touro, embora mansa e dócil. Precisávamos das vacas para Franz e, desse modo, termos uma nova geração. Ele precisava ter uma ocupação, pois, estava se tornando petulante no pasto e fungava de raiva.

Como prevenção, já havíamos colocado uma argola em sua narina. Então, Franz foi colocado em separado num pasto, onde ninguém passava a não ser pelo grande pasto em volta da propriedade.

Meu marido teve um bicho berne no joelho, que resultou em uma grave infecção, tanto que não podia andar e precisou ficar acamado. Eu coloquei a perna sobre uma tábua para poder levantá-la, pois, ao menor toque sentia dor.

Deveria ter cortado a ferida cheia de pus, mas não arrisquei. Em vez disso coloquei um vasilhame com água fervente debaixo do joelho. Enfim, a ferida se abriu e a dor passou.

Durante esse tempo tive a ajuda remunerada de um vizinho, até que uma tarde ele veio e disse que fora picado por uma cobra coral. Ele queria ir para casa e colocar chifre de cervo torrado sobre a picada. Antes, apliquei compressa de cachaça e, daí ele tomou uma boa dose da mesma. Já era tarde da noite quando saí do estábulo, meu marido se queixava de dor, precisava de um curativo novo, as crianças ainda não haviam tomado banho, o jantar não estava pronto. Tudo estava a minha espera.

Lá fora, alguém batia palmas e chamava para eu ir o mais rápido possível até o homem que fora picado pela cobra e que trouxesse leite fresco. Saí correndo. Lá, encontrei o barraco lotado de pessoas, o homem em sua cama, ou melhor no chão, pois de tanto jogar-se de um lado para outro o fundo da cama se quebrara.

die Kuh voller Wut mit mir gegen den Stacheldrahtzaun, aber gleichzeitig kam mir mein Mann zu Hilfe. Mit einem zerrissenen Kleide und ein paar blauen Flecken und dem Schrecken kam ich noch gnädig davon. Mein Mann wollte die Kuh totschießen, auf meinem Wunsch unterliess er es. Zwei Jahre später wurde sie geschlachtet, weil sie versuchte unseren zu stossen, sonst war sie zahm und zutraulich. Wir brauchten doch die Kühe für unsern Franz, zum Nachwuchs. Der Racker musste Arbeit haben, er wurde übermütig auf der grossen Weide und brummte oft sehr böse.

Einen Nasenring hatten wir ihm schon eingezogen, vorsichtshalber. Dann bekam er eine besondere Weide für sich, durch welche niemand gehen musste, wie durch die grosse Weide, die ringsum unser Gehöft war.

Mein Mann hatte im Kniegelenk eine Bicho gehabt und danach eine bösartige Entzündung bekommen, sodaß er das Bein nicht bewegen konnte und liegen mußte. Ich legte das Bein auf ein Brett und hob es damit jeweilig hin und her, da jede Berührung schmerzte.

Ich sollte die vereiterte Stelle aufschneiden, wagte es aber nicht, statt dessen stellte ich Gefäße mit kochendem Wasser unter das Knie und schließlich brach von dem heißen Dampf die Stelle auf und der Schmerz ließ nach.

Während dieser Zeit kam ein Nachbar und half mir gegen Zahlung, in der Wirtschaft, bis er eines Mittags kommt und sagt, ihn habe eine Korallenschlange gebissen. Er wollte nach Hause und gebrannte Rehhörner auf die Bißwunde setzen. Zuerst machten wir Cachaça darauf und eine ganz gehörige Portion nahm er innerlich! Spät abends kam ich aus dem Kuhstall, mein Mann jammerte, mußte neu verbunden werden, die Kinder waren noch nicht gebadet, Abendbrot noch nicht fertig. Alles wartete auf mich.

Da klatscht es draußen und ruft, ich solle doch so schnell, wie möglich zu dem von der Schlange gebissenen Mann kommen und frische Milch mitbringen. Also los und hin. Was für ein Anblick bot sich da, die ganze Bude voller Menschen; der Mann liegt in einem Bett, oder vielmehr auf der Erde, da der Boden des Bettes durch sein Toben zerbrochen ist.

Seinen fünfjährigen Jungen hat er fest im Arm, mit dem andern haut er um sich und schimpft auf die ganze Nachbarschaft, die da versammelt ist, die mußten schön was mit anhören.

Ich sehe mir die Bescherung an und verlange Wasser und ein Tuch, mache es tüchtig naß und will es dem Mann auf den Kopf legen. Da schreien einige los, bloß kein Wasser und gehen Sie nicht dicht an den Mann, der tobt ja. Trotzdem sprach ich ihn ruhig an machte kalte Umschläge und gab ihm viel Milch zu trinken.

Com um braço segurava firmemente seu filho de cinco anos, com o outro batia em sua volta e xingava toda vizinhança presente. Estes tiveram de ouvir!

Ao ver isso, pedi água e um pano que molhei para fazer compressa na cabeça. Nisso algumas pessoas gritaram, dizendo que de jeito nenhum deveria chegar perto do homem, pois ele estava transtornado. Mesmo assim falei calmamente com ele, fiz as compressas e lhe dei muito leite para beber.

Ele se acalmou, permitiu que lhe tirassem a criança e saiu da cama destroçada, deitando-se numa outra. Os chifres de cervo continuaram a ser colocados até se desprenderem. O homem havia tomado muita cachaça, por isso todo estardalhaço. Felizmente conseguiu escapar com vida!

Mais tarde teve inúmeras pústulas no lado do corpo, como também na perna em que foi picado, no mais, não houve nenhuma seqüela. Cheguei em casa à meia-noite, morta de cansada, sendo esperada por meu marido e pelas crianças. Estas foram semanas terríveis e ainda aconteceria o pior: fomos atacados pelos gafanhotos. Vieram à tarde, o céu escureceu, o gado mugia no pasto, e na vizinhança se escutava o bater de painéis. Com isso tentava-se espantar os gafanhotos para não atacarem as plantações.

Saí de casa para salvar minha horta. Era repugnante! Os gafanhotos voavam em volta de minha cabeça, deixavam cair suas fezes e voavam cada vez mais baixo, procurando um lugar para pernoitar. Logo percebi que não havia mais verdura e voltei. Nisso vi “Franz” correr feito louco pelo pasto. Quando me viu, pulou a cerca mugindo, tentando me atacar.

Felizmente nossa cachorra dinamarquesa estava comigo, instiguei-a contra Franz e ela conseguiu controlá-lo até que me encontrasse em segurança, quer dizer: o estábulo estava entre nós e não mais pude ser vista por ele, podendo então fugir sem correr perigo. Porém, à noite, Franz ainda estava esperando por mim junto ao estábulo. Certamente pensava que eu havia soltado os gafanhotos em cima dele.

À noite, enfurecido diante estábulo, não permitiu minha entrada. Tive de buscar um homem para levá-lo para dentro do estábulo e prendê-lo. Ele ficou lá até meu marido se restabelecer, comigo jamais fez as pazes. A partir deste dia, quando eu atravessava o pasto, nossa cachorra sempre me acompanhava e cuidava de mim. Agora, Franz precisava levar uma surra de quatro em quatro semanas por causa do seu comportamento hostil. Ele começava a correr

Er wurde ruhiger, lie sich das Kind abnehmen, ging auch aus dem zerstrümmerten Bett und legte sich in ein anderes. Die Rehhörner wurden weiter aufgesetzt, bis sie nicht mehr fest saßen. Der Mann hatte zuviel Schnaps getrunken, daher das Toben, aber er kam doch mit dem Leben davon.

An dem Bein und an der Körperhälfte, wo der Biß war, bildeten sich später viele kleine Blasen, die eine gelbliche Flüssigkeit absonderten, sonst waren keine Folgen des Schlangenbisses festzustellen. Totmüde kam ich Mitternacht nach Hause, von Kindern und Mann schon lange erwartet. Es waren schlimme Wochen und sollten noch schlimmer werden, denn es kamen die Heuschrecken! Am Nachmittag erreichten sie uns, der Himmel verdunkelte sich, das Vieh auf der Weide brüllte, in der Nachbarschaft hörte man das Geklapper von Blechlatten. Damit wurden die Heuschrecken verscheucht, damit sie sich nicht in den Pflanzungen niederliessen.

Da ging ich hinaus und wollte mein Stück Gemüse vor den Heuschrecken retten. Es war eklig, wie mir die Tiere um den Kopf flogen und wie sie andauernd Mist fallen liessen, sie kamen immer niedriger und suchten Ruheplätze für die Nacht. Mein Gemüse war hin, das sah ich bald und kehrte um, da sehe ich, wie unser Franz wie toll in seiner Weide umherrast. Als er mich sieht, kommt er mit Gebrüll, springt über das hohe Portão und stürzt wütend auf mich los.

Zum Glück war unsere große dänische Dogge bei mir, die ich auf ihn hetzte und die ihn festhielt, bis ich in Sicherheit war, d. h. der Stall war jetzt zwischen mir und Franz, und ich seinen wütenden Blicken entschwunden, konnte meine Flucht ungefährdet fortsetzen. Aber am Abend stand Franz noch am Stall und wartete auf mich. Er glaubte wohl, ich hätte die Heuschrecken auf ihn losgelassen.

Er liess mich am Abend nicht in den Stall, brummend und wühlend stand er davor. Ich mußte mir erst einen Mann holen, der ihn in den Stall brachte und festband. Dort mußte er stehen, bis mein Mann wieder gehen konnte, aber mit mir hat er sich nie wieder ausgesöhnt.

Unser Hund ging aber von dem Tage an stets vor mir her, wenn ich durch die Weide ging und bewachte mich. Franz mußte jetzt alle vier Wochen Prügel bekommen, wegen der Anbrummerei. Wie er das merkte, fing er an zu laufen, mein Mann hinter her, bis beide im Walde verschwanden, dann hörte ich nur das Knacken des Unterholzes, bis er sich im Rohr fest fing und seine Tracht Prügel bekam. Es war recht aufregend, weil ich stets fürchtete, er könnte sich gegen meinen Mann stellen, aber er kannte seinen Herrn.

Elf Jahre hatten wir ihn und wollten ihn verkaufen, an einen Fazendeiro, für ganze hundertfünfzig Milréis, es wurde nichts daraus und Franz kam nach Jaraguá,

quando percebia que meu marido queria alcançá-lo, os dois se embrenhavam mata adentro e, escutava-se apenas o quebrar dos galhos até que Franz ficasse preso. Então ele apanhava. Era uma situação preocupante, pois eu tinha medo que Franz pudesse se voltar contra meu marido, mas ele conhecia bem seu dono!

Franz estava conosco há onze anos, agora queríamos vendê-lo para um fazendeiro por cento e cinquenta mil-réis, mas o negócio não deu certo. Ele foi para Jaraguá, depois para Pomerode, em todos os lugares cumpriu com sua obrigação.

O mesmo fazendeiro que havia negociado conosco, comprou-o bem mais caro em Pomerode. Em um ano criou trinta e quatro bezerros de Franz. Então o vendeu para Lages por alguns contos de réis mais dezessete vacas prenhas por ele selecionadas. Lá, havia campos bem maiores.

Este último proprietário não ficou muito tempo com Franz, pois, ele se afogou no rio Canoas. As margens avançam sobre o leito do rio e, Franz provavelmente tinha ido lá para beber e não mais conseguiu voltar à terra firme. Desse modo, encontrou a morte na correnteza.

Era apenas um touro que se afogara, mas ficamos muito penalizados, pois ele ainda era da pátria mãe e, por isso, muito precioso para nós.

Dele foi tirada uma bela e boa descendência, como até agora não havia sido feito com qualquer outro touro importado.

Seu rebento, que tínhamos como seu substituto, o igualava em beleza, mas se enfurecia por qualquer coisa e quase teria matado meu marido se ele não o tivesse segurado pela argola, até eu chegar com o laço para prendê-lo.

Meu marido o prendera num arbusto, mas o touro se desfez do laço com a maior facilidade, apenas o final deste preso numa árvore o segurou até meu marido conseguir dominá-lo. Somente a força e a habilidade protegeram meu marido da fúria do touro. Ele foi abatido dentro pouco tempo.

Às vezes, quando passamos pela Colônia, meu marido constata com satisfação que vários animais descendem de Franz. Não obtivemos lucro com nosso touro, mas a alegria em melhorar o rebanho daqui. Frequentemente vinham compradores de gado oferecendo um bom preço para bezerros e vacas. Isto era atraente, e vários colonos vendiam seus animais, mas se arrependiam quando viam quanto leite estas vacas, de raça aprimorada produziam.

von dort nach Pomerode, überall tat er brav seine Schuldigkeit.

Vom Pomerode kaufte ihn derselbe Fazendeiro, der bei uns darum gehandelt hatte, für einen sehr viel höheren Preis. Er zog in einem Jahre vierunddreissig Kälber von Franz und verkaufte ihn dann nach Lages, nach einem größerem Campo, für einige Conto de Réis und siebzehn trachtige Rinder nach eigener Wahl.

Dieser letzte Besitzer hatte ihn nicht sehr lange, Franz kannte die Wasserverhältnisse nicht auf diesem Campo und ertrank in dem Fluß Canoas. Dieser hat weit überhängende Ufer und Franz konnte nicht auf das feste Land zurück, als er, wohl zum Saufen, in den Fluß ging. So fand er in den Fluten seinen Tod.

Es war nur ein Bulle, der da ertrank, aber es tat uns doch recht leid, denn er war ja noch aus der alten Heimat und uns deshalb besonders wert.

Es ist so viel schöner und guter Nachwuchs von ihm gezogen worden, wie bisher noch von keinen anderen hier eingeführten Bullen.

Sein Sohn war ihm an Schönheit gleich, den wir als seinen Nachfolger hatten, aber er wurde sehr schnell böse und hätte meinen Mann beinahe umgebracht, wenn dieser ihn nicht am Nasenring gehalten hätte, bis ich mit dem Lasso kam, ihn daran zu binden.

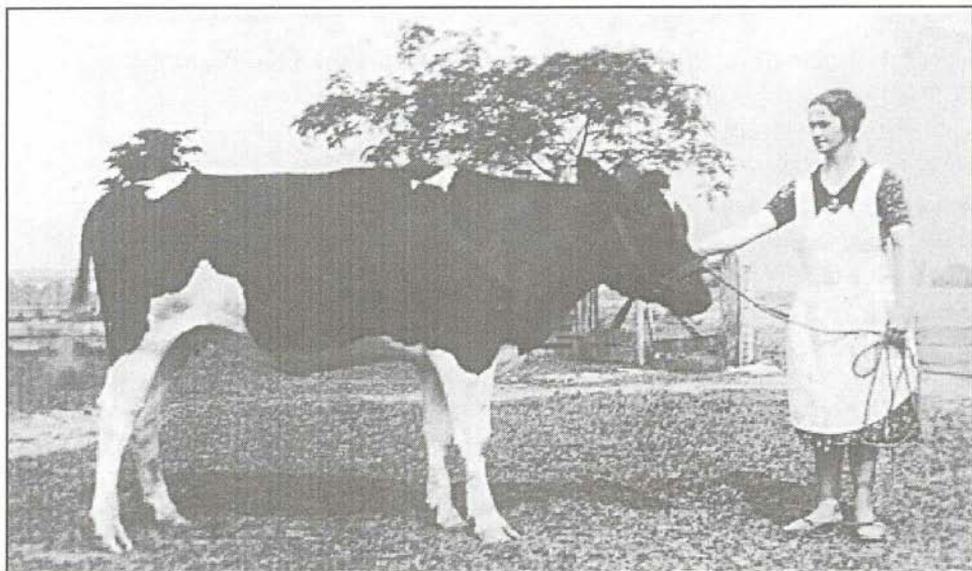
Das Lasso schlang mein Mann um einen Stubben, aber der wurde spielend von dem Bullen herausgezogen und nur das um einen Baum gehängte Ende des Lassos hielt ihn, bis mein Mann seiner wieder Herr wurde. Nur die eigene Kraft und Gewandtheit, bewahrte meinen Mann vor der Wut des Bullen, welcher bald geschlachtet wurde.

Wenn wir heute einmal durch die Kolonie kommen, dann stellt mein Mann immer höchst befriedigt fest, diese Kuh und jene dort, die stammen noch von unsern Franz.

Wir haben keinen klingenden Gewinn von Franz gehabt aber die Freude an der Aufbesserung der hiesigen Rasse. Es sind oft Viehaufkäufer nach hier gekommen, mit sehr günstigen Angeboten für gute Rinder oder Kühe. Das lockte und verschiedene Kolonisten verkauften, bereuten es aber, als sie bei anderen sahen, wieviel mehr Milch diese veredelten Kühe gaben.

In den letzten Jahren ist bei Blumenau die Viehzuchtstation, Rio Morto, eingerichtet worden, für Holländer Vieh. Gute Bullen und Rinder wurden aus Deutschland importiert. In Curityba hat Franz Schaffer und Familie eine Musterwirtschaft und beziehen auch ihre Bullen von drüben.

Es bieten sich jetzt hier im Lande also schon Gelegenheiten gute deutsche Zuchtbullen zu erhalten. Der Bahnbau hat doch vierlei Veränderungen ins Land



Novilho da Estação Agropecuária de Rio Morto.

Nos últimos anos foi instalada uma estação experimental para gado holandês em Rio Morto - Blumenau. Importavam da Alemanha touros e novilhos de boa qualidade. Em Curitiba, Franz Schaffer e família possuíam uma propriedade modelo e também importavam os touros da Alemanha.

Agora já temos aqui a oportunidade de adquirir bons touros para procriação. A construção da estrada de ferro trouxe muitas mudanças consigo, o comércio e a indústria prosperaram.

Em nosso *Stadtplatz* se construía cada vez mais e os habitantes aumentavam. Havia compradores para tudo e os preços eram mais justos. Nossos colonos se uniram numa cooperativa e fundaram uma fábrica de laticínios. Embora, tivessem muitas dificuldades nos primeiros anos, como acostumar as pessoas a fornecerem um leite de primeira qualidade, era coisa simples mas trabalhosa.

Enfim, conseguiu-se um queijo suíço, tipo "Aschnander". Com este a fábrica começou a desenvolver. Foram construídos galpões e depósitos adequados e fabricou-se um bom queijo, um tipo "Tilsit". Mas, novamente houve problemas com a venda do mesmo. O comércio de troca ainda florescia, dinheiro vivo era raro. Foi aberta uma venda junto à fábrica de laticínios para o colono pelo menos receber alguma mercadoria em troca do leite fornecido.

gebracht, Handel und Industrie blühten auf.

Auch unser Stadtplatz wurde mehr und mehr bebaut und bewohnt. Für Alles fand man schon Abnehmer, zu besseren Preisen. Unsere Bauern schlossen sich zusammen zu einer Genossenschaft und gründeten eine Molkerei. Zwar hatte diese in den ersten Jahren auch mit vielen Schwierigkeiten zu kämpfen, schon die einfachste Sache kostete Mühe, nämlich die Leute daran zu gewöhnen, eine tadellose Milch zu liefern.

Schließlich fand sich ein schweizer Käser (Aschnander), der brachte unsere Molkerei in Schwung. Baute richtige Arbeits- und Lagerräume und machte einen guten Käse, eine Art Tilsiter. Aber der Verkauf machte auch wieder viel Schwierigkeiten. Der Tauschhandel blüht immer noch, bares Geld kam stets langsam. An die Molkerei wurde nun noch eine Vanda angeschlossen, damit der Bauer wenigstens Ware für seine Milch bekam!

Bäckereien, Schlachtereien, verschiedene Kaufläden und ein Saal mit Kino sind am Stadtplatz zu finden (1915).

Sowie die Bahnstrecke bis zu uns fertig war, kam auch schon ein Zug, nahm auch Passagiere mit. Es war ein welterschütterndes Ereignis, als zum ersten male das Geheul der Lokomotive durch den Urwald schallte (Maria Fumaça), die Leute liefen zusammen und staunten das Wundertier auf den Schienen an.

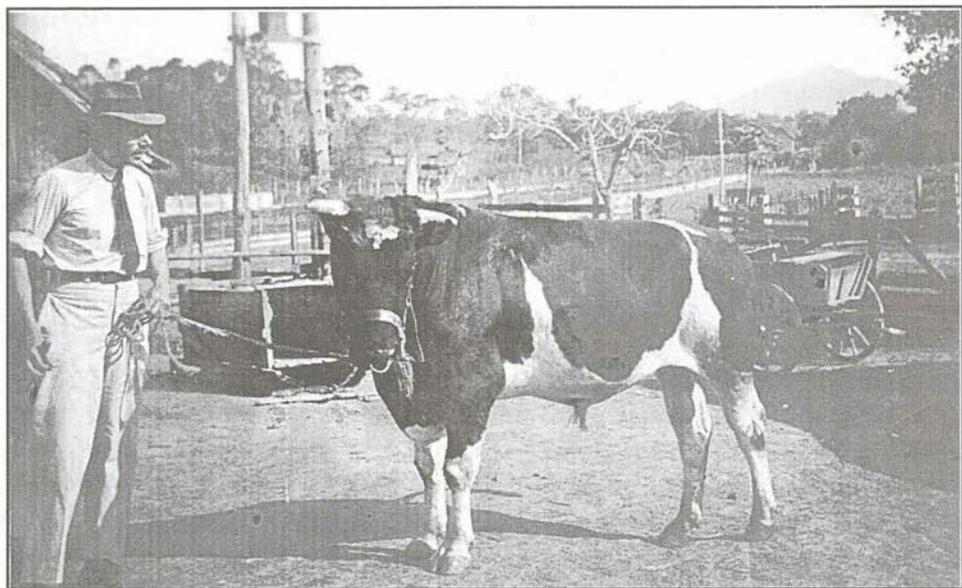
Viele Erwachsene und Kinder hatten noch keine Bahn gesehen. Weit aus den Kolonien kamen sie, um zu sehen und zu staunen. Es gibt heute noch Leute, die noch nie mit dem Zug gefahren sind und lieber zuhören, wenn andere von ihren Erlebnissen berichten.

Für den Bananananbau ist die Bahnverbindung von einschneidender Bedeutung, denn jetzt können diese nach dem Hochlande und bis nach Rio Grande verfrachtet werden.

An vielen Bergabhängen entstanden große Bananen-Anflanzungen. Je höher am Berge die Bananen stehen, desto schöner werden sie und sind sicherer gegen Frost geschützt.

Unsern Bauern ging es nun langsam besser. Fast jeder besitzt Pferd und Wagen, um selbst seine Bananen zum Händler oder gleich zur Station zu fahren. Auch Orangen werden immer mehr angepflanzt, da auch sie mit der Bahn weiter befördert werden, dahin wo keine Orangen gedeihen. Die Landstraßen und Brücken wurden verbessert von der Verwaltung, allerdings stiegen damit auch die Abgaben, die Steuern, in die Höhe.

Die Bauern bauten nach und nach ihre Gehöfte aus, nette Häuser, meist aus Fachwerk, wuchsen empor und die fleißige, deutsche Hausfrau sorgt für ein



Touro “Achilles”, importado da Alemanha no início dos anos 30 pela Estação Agropecuária de Rio Morto.

No *Stadtplatz* encontramos padarias, açougues, diversas lojas e uma sala de cinema (1915).

Logo que o trecho da estrada de ferro ficou pronto o trem começou a operar levando passageiros. Foi um acontecimento histórico, quando pela primeira vez o apito da locomotiva (Maria Fumaça) ecoou pela mata, as pessoas corriam e admiravam a maravilha sobre os trilhos.

Muitos adultos e crianças nunca haviam visto um trem, vieram do interior da Colônia para admirá-lo. Ainda hoje em dia existem pessoas que nunca andaram de trem e que preferem ouvir os outros relatarem sua experiência.

A conexão do trem foi de uma importância decisiva para o plantio da banana, pois agora ela pode ser despachada para o planalto e o Rio Grande.

Em muitas encostas surgiram grandes plantações de banana. Quanto mais altas estiverem, melhor os frutos, além disso, mais protegidas da geadas.

Aos poucos a situação do colono melhorou. Praticamente todos possuem cavalo e carroça para transportar as bananas até o comerciante ou para a estação de trem. Planta-se cada vez mais laranjeiras, e os frutos também são

heimatliches Blumengärtchen.

Ständig aber verlangt dieser Sorgfalt und Aufsicht, denn ehe man es sich versieht, sind die größten Räuber, die Blattschneideameisen da und tragen so eifrig die schönsten Blumen stückchenweis in ihre gut versteckten Nester, als Nahrung für den Schimmelpilz, von welchen sie und ihre Brut leben. Tagelang muß man oft suchen, um das Nest zu finden und es zu vernichten. Wären sie nicht so schädlich, müßte man diese Ameisen bewundern, wie sie mit ihrer, für sie recht großen Last, hunderte von Metern dahineilen. Bald über Stämme, bald kurze Strecken durch Erde, durch hohes Gras bilden sie richtige kleine Wege, eine geht hinter der andern, in gleicher Weise kommen andere leer vom Nest und treten zurück bei einer Begegnung mit den beladenen Ameisen und lassen diese höflich vorüber. Sogar über das Wasser versuchen sie zu kommen, sobald etwas Gestrüpp darüber liegt und wenn sie noch so viele Male im Zickzack hin und her müßen.

Ein Bild unermüdlichen Fleißes sind diese Schlepper, wie sie hier kurz genannt werden. Am verheerendsten wirken die Nachtschlepper, die nur des Nachts arbeiten und dann ganze Gemüsebeete oder junge Obstbäume leer tragen. Am Morgen sieht man nichts mehr davon, was man mit Liebe und Mühe gepflanzt hatte, aber auch von den Schleppern sieht man nichts. Will man sie finden, muß man sich des Nachts mit der Lanterne auf die Lauer legen und ihnen folgen, oft bis zum Nachbargrundstück.

Wir wohnen hier, so wie früher die alten Germanen im deutschen Urwald, nämlich meist auch nur einen Steinwurf weit einander entfernt und möglichst an einer Quelle oder fließendem Wasserlein. Auch hier mußte das Land öfter gegen Einfälle anderer Stämme verteidigt werden, besonders gegen die Buger. Vor zweiundreißig Jahren kamen eine größere Anzahl von Coroados, welche von Botokuden vertrieben waren in friedlicher Absicht hier durch. Sie kamen von Argentinien, aus der Provinz Missiones, wo sie früher von den Jesuiten gezähmt waren. Nach deren Vertreibung verwilderten sie auch wieder.

Sie waren sehr hungrig und verschlangen gierig, was die Kolonisten ihnen gaben. Ungefähr zwanzig Frauen und Männer wagten sich heraus, der größere Teil der Truppe blieb im Walde. Zucker kannten sie noch nicht. Sie boten einige Pfeile und Bogen zum Tausch gegen Nahrungsmittel. Da sie hier in der Siedlung nicht bleiben konnte, mußten sie weiter nach dem Hochlande wandern.

Einige Jahre später kamen Botokuden zu uns. Zuerst merkte man sie ohne sie zu sehen, sie warfen kleinere Steine auf die Dächer, aus sicherem Versteck in der Capoeira oder im Walde. Nachts verschtändigten sie sich durch Tuten. Im Walde gingen sie einzeln hintereinander auf dem gleichen Pfad, Zweige und Blätter bogen

transportados de trem até os lugares onde não crescem laranjas. As estradas e pontes foram melhoradas pela administração, embora os impostos tenham aumentado.

Os colonos investiram em suas propriedades, construíram casas simpáticas, geralmente de enxaimel, e a mulher alemã providenciou um pequeno jardim como na velha pátria.

Mas, este exigiu supervisão e cuidados constantes, senão antes de se dar conta a formiga carregadeira levaria assiduamente para seu esconderijo pedaços das mais lindas flores, como alimento para o cogumelo do bolor, do qual ela e sua criação se alimentam. Se elas não fossem tão prejudiciais, dever-se-ia admirar estas formigas por transportarem por algumas centenas de metros sua carga. Elas passam sobre troncos, em pequenos trechos por debaixo da terra, através do capim alto e formam verdadeiros caminhos, sempre enfileiradas. Do mesmo modo outras retornam sem carga dos ninhos e educadamente deixam passar as com carga. Elas até tentam passar sobre água caso tenha alguma vegetação, mesmo que tiverem de passar umas quantas vezes de lá para cá.

Estas carregadeiras, como aqui são chamadas, são o retrato de dedicação incansável. As mais arrasadoras são as da noite, estas só trabalham à noite e devastam horta e árvores jovens. Na manhã seguinte não se vê mais nada daquilo que se plantou com amor e trabalho, tampouco as formigas. Caso se queira achá-las é preciso ficar de tocaia à noite munido de lanterna e segui-las, muitas vezes, até o terreno do vizinho.

Nós moramos aqui como os antigos germanos, em geral algumas dezenas de metros de distância do vizinho e, se possível junto a uma fonte ou de um riacho. Também aqui a terra teve que ser defendida contra ataques dos bugres. Há trinta e dois anos, um grupo relativamente grande de Coroados, que haviam sido expulsos pelos bugres, passaram pacificamente por aqui. Eles vieram da Província de Misiones da Argentina e tinham sido domesticados pelos jesuítas. Depois da expulsão, tornaram-se novamente selvagens.

Estavam famintos e engoliam avidamente o que os colonos lhes davam. Apenas vinte homens e mulheres se atreveram a sair da mata, a maior parte do grupo permaneceu lá mesmo. Ainda não conheciam o açúcar. Ofereceram alguns arcos e flechas em troca de alimento. Como não podiam ficar na Colônia, tiveram de ir para o planalto.

Alguns anos mais tarde vieram os Botocudos. A princípio, somente os

sie zur Seite.

Ein Kolonist überraschte einen Botokuden, als er sich im Fluß Bienen abwusch, er hatte Honig aus einem hohlen Baum heraus geholt. Der Kolonist hatte sein Gewehr mit, schoß aber nicht, rief den Buger nur an und, laute Warnungsrufe ausstoßend flüchte der Botokude in den Wald.

Am nächsten Tage zeigten sie sich weiter oben in der Siedlung. Einem Brasilianer wurde von seinem Sohne Fruchstück in die Roça gebracht, da schrie dieser plötzlich auf und rief: Buger, der Brasilianer legte sein Gewehr an, aber ehe er zum Schießen kam, erhielt er einen Pfeil ins Bein. Er wollte den Pfeil herausziehen, aber er brach nur den Schaft ab. Die Spitze saß tief im Fleisch, sie war aus Eisen, groß und unförmig und ausserdem vergiftet. Sie mußte später heraus geschnitten werden.

Mit dieser Spitze im Bein lief der Mann ungefähr noch vierhundert Meter, fiel dann um und war tot. Wie ein Lauffeuer verbreitete sich diese Nachricht und die Männer eilten zusammen zum Schutze der am Rande der Siedlung Wohnenden.

Es war Mondschein, das letzte Haus wurde geräumt und einige Männer gingen Patrouille. Gegen Mitternacht hörten sie Gepolter und eine Fernsterluke wurde geöffnet, daraufhin eröffneten sie das Feuer und beschossen das Haus. Hierauf wurden von innen die hintere Bretterwand des netten Holzhauses heraus geschlagen und fort huschten einige Schatten.

Wohl fanden sich Blutspuren im Hause, aber kein Toter. Trotz der Wachen hatten die Wilden das Brot aus dem Ofen geholt, welches gerade zum Backen darin war, aber mitnehmen konnten sie es nicht, es lag Alles aufgetürmt auf einem Brett. Die Kolonisten verjagten in den nächsten Tagen die Buger gründlich. Zu gleicher Zeit war ein anderer Trupp Buger am Jaraguá auf Raub ausgezogen und richteten dort allerlei Schaden an, sie stahlen sogar einige Schweine. Auf Eisen waren sie besonders gierig. Sie stahlen auch Federbetten, doch schnitten sie diese auf und schütteten die Federn fort, nur der Stoff war ihnen wertvoll.

Am frühen Morgen saß eine Frau mit ihren Kindern und altem Vater beim Kaffeetrinken, der Mann war schon in die Pflanzung gegangen. Die Frau will gerade den frisch gekochten Kaffee einschenken, da sieht sie, wie zur Luke ein Buger hereinsteigen will! Schnell entschlossen gießt sie ihm den heißen Kaffee ins Gesicht und schreiend flüchtet er und noch einige die bei ihm waren. Am Jaraguá war kein Menschenleben zu beklagen. Die Indianer wollten wohl garnicht töten, sondern nur stehlen.

Es ist ein armseliges Volk, das sein Leben im brasilianische Urwalde fristete, sehr viele von ihnen starben an Grippe, noch mehr an Diphtiritis. Die Regierung

percebíamos e não os víamos, pois atiravam pequenas pedras nos telhados, lá do esconderijo na capoeira. À noite se comunicavam através de apitos. Na mata todos andavam um atrás do outro pela mesma picada. Galhos e folhas eram afastados.

Um colono surpreendeu um Botocudo quando se lavava no rio tirando abelhas, pois ele havia tirado mel de um tronco oco. O colono carregava uma espingarda, mas não atirou e o Botocudo fugiu para a mata dando gritos de alerta.

No dia seguinte eles apareceram Colônia acima. O filho de um brasileiro estava lhe trazendo o lanche para a roça, quando repentinamente gritou: bugres. O brasileiro empunhou a arma, mas, antes de conseguir atirar foi atingido por uma flecha na perna. Ele quis tirar a flecha, mas a haste quebrou. A ponta entrara fundo na carne, era de ferro, muito grande e disforme, além de tudo envenenada. O homem ainda correu uns quatrocentos metros com a ponta da flecha na perna, então tombou e morreu. A notícia se espalhou feito fogo de palha, e os homens correram para defender os moradores que moravam à beira da Colônia.

Era noite de luar, a última casa havia sido esvaziada e alguns homens faziam a patrulha. Por volta da meia-noite escutaram muito barulho. Uma das janelas da casa foi aberta, os patrulheiros abriram fogo contra a casa. Em seguida os botocudos arrebentaram, pelo lado de dentro, a parede de madeira dos fundos da simpática casa, e algumas sombras desapareceram rapidamente. Havia manchas de sangue pela casa, mas nenhum morto. Apesar da patrulha, os selvagens retiraram do forno o pão que deveria assar, porém não conseguiram levar nada, tudo estava empilhado sobre uma tábua. Nos dias seguintes os colonos enxotaram os bugres com todo rigor. Ao mesmo tempo um outro grupo de bugres atacou Jaraguá para roubar, fizeram diversos estragos e até roubaram alguns porcos. Eram especialmente ávidos por ferro. Também roubavam cobertores de pena, porém os cortavam e jogavam as penas fora, somente o tecido lhes interessava.

Bem cedo pela manhã uma mulher tomava café com seus filhos e com seu velho pai. Seu marido já havia ido para a roça. A mulher queria servir o café fresquinho, quando percebeu que um bugre tentava entrar pela janela. Rápida e decidida jogou o café quente em seu rosto, o bugre fugiu gritando e com ele mais alguns outros. Em Jaraguá nenhuma vida foi lamentada. Os índigenas

schickte Soldaten und diese beförderten die Buger weiter hinweg in unbesiedelte Gebiete ungefähr fünf oder sechs Jahre später 1914 entstand am Rio Hercilio eine Indianerstation auf Kosten der Regierung. Die Leitung hatt Herr Hoerhan, der einige Jahre mit den Bugern in Walde lebte, ihr Vertrauen gewann und sie zur Station führte, wo sie gezähmt wurden. Einige flohen wieder zu den Wenigen zurück, die noch im Walde geblieben waren, diese Wenigen kann man nur bedauern, aber nicht fürchten.

Als wir Pflugland einrichteten, fanden wir mancherlei alte Indianerwaffen, aus Stein sehr sauber hergestellt. Keulen, grosse und kleine Äxte, Stampfer und sehr sauber gearbeitete Pfeilspitzen, aus roten und weissen Quarzsteinen ausgehauen.

Zwei ungefähr fünfzehn bis zwanzig Zentimeter lange zierliche Steinäxte, erwecken den Anschein, als gehörten sie zum "Küchengerät" der Bugerfrauen oder hätten als Kinderspielzeug gedient.

Topfscherben fanden wir sehr selten. Vielleicht hatten sie auf unserm Grundstück nur vorübergehend einen Lagerplatz, denn es fanden sich viele unvollständige Steinwaffen, als hätten sie dieselben als unbrauchbar fortgeworfen.

Mein Mann erzählte mir bei jedem Fund eine lange Geschichte, wie dies und das und jenes wohl war. Aber wie es wirklich war, wird niemand berichten können.

Von Indianerüberfällen ist man jetzt in ganz Santa Catarina sicher. Aber was der Bauer zu fürchten hat, das ist die Viehpest, die seit zwei Jahrzehnten dann und wann ganz plötzlich auftritt und in unglaublich kurzer Zeit den ganzen Viehstand vernichtet.

Noch ist es nicht ganz bestimmt festgestellt was für eine Seuche es ist, die Pferde und Rindvieh befällt, man vermutet stille Wut. Mitunter fielen alle Tiere in einer Straße, nicht weit davon blieben sie gesund. Oder von einer Herde blieb noch das schwächste Tier am Leben. Machtlos steht der Bauer und kann nichts tun als das gefallene Tier möglichst tief einzugraben, damit nicht die Urubus, die Aaseier kommen, es auffressen und die Pest noch weiter verbreiten.

Oft sah man zu Zeiten der Seuche am hellen Tage Fledermäuse herumfliegen oder flattern und nahm an, daß Fledermäuse die Überträger der Krankheit seien. Wir versuchten unsern Stall fledermausdicht zu machen und ließen die Kühe des Nachts darin. Zwei Tiere erkrankten doch, wir behandelten sie Tag und Nacht und erhielten sie am Leben.

Nachdem diese Viehpest eine große Anzahl Opfer gefunden hatte an einem Ort, machte sie plötzlich Halt und erschien nach einiger Zeit z. B. in der entgegengesetzten Gegend.

provavelmente nem queriam matar, apenas roubar.

É um povo desventurado, que vivia na mata brasileira. Muitos morreram de gripe, mais ainda de difteria. O governo enviou soldados e estes obrigaram os bugres se retirarem para regiões desabitadas, mas cinco a seis anos mais tarde, em 1914, foi fundada pelo governo a estação indígena no rio Hercílio. A coordenação era do Sr. Hoerhan, que viveu vários anos em companhia dos bugres na mata, conseguindo sua confiança e civilizá-los. Alguns fugiram para junto daqueles que haviam permanecido na mata, mas somente podem ser lamentados, não temidos.

Quando preparávamos a terra para o plantio achávamos muitas armas indígenas de pedra, eram bem trabalhadas. Eram clavas, machados grandes e pequenos, socadores e pontas de flecha bem trabalhadas em quartzo vermelho e branco.

Dois graciosos machados de quinze a vinte centímetros de comprimento davam a impressão de pertencerem à “cozinha” das mulheres bugres ou que haviam sido utilizados como brinquedo. Era raro encontrar cacos de cerâmica. Talvez nosso terreno só fora usado como acampamento passageiro, pois havia muitas armas incompletas, como se tivessem sido consideradas inúteis e jogadas fora. Com cada achado meu marido contava uma história, dizendo como isto e aquilo deveria ter sido.

Agora, em toda Santa Catarina estamos a salvo de ataques indígenas. Mas, o colono precisa temer a peste do gado, que há duas décadas se manifesta de vez em quando e, num curto prazo aniquila todo o gado.

Até o momento não se sabe ao certo que epidemia é esta, que ataca cavalos e gado, desconfia-se que é um tipo de raiva. Às vezes, todo gado de uma rua era atingido, enquanto não muito longe dali ele continuava saudável, ou o animal mais fraco de um plantel permanecia vivo. O colono ficava sem ação e não podia fazer outra coisa a não ser enterrar bem fundo o animal, para que os urubus não os pudessem comer e transmitir ainda mais a peste.

Muitas vezes, em períodos de peste podia-se ver morcegos voando durante o dia, presumia-se que eles fossem os transmissores da doença. Nós tentamos fechar bem o estábulo onde, à noite, deixávamos o gado. Apesar disso dois animais adoeceram, mas conseguimos salvá-los.

Acontecia que de repente a peste sumia depois de ter feito muitas vítimas em determinado lugar, e, após certo tempo aparecia num lugar oposto

schickte Soldaten und diese beförderten die Buger weiter hinweg in unbesiedelte Gebiete ungefähr fünf oder sechs Jahre später 1914 entstand am Rio Hercilio eine Indianerstation auf Kosten der Regierung. Die Leitung hatt Herr Hoerhan, der einige Jahre mit den Bugern in Walde lebte, ihr Vertrauen gewann und sie zur Station führte, wo sie gezähmt wurden. Einige flohen wieder zu den Wenigen zurück, die noch im Walde geblieben waren, diese Wenigen kann man nur bedauern, aber nicht fürchten.

Als wir Pflugland einrichteten, fanden wir mancherlei alte Indianerwaffen, aus Stein sehr sauber hergestellt. Keulen, grosse und kleine Äxte, Stampfer und sehr sauber gearbeitete Pfeilspitzen, aus roten und weissen Quarzsteinen ausgehauen.

Zwei ungefähr fünfzehn bis zwanzig Zentimeter lange zierliche Steinäxte, erwecken den Anschein, als gehörten sie zum "Küchengerät" der Bugerfrauen oder hätten als Kinderspielzeug gedient.

Topfscherben fanden wir sehr selten. Vielleicht hatten sie auf unserm Grundstück nur vorübergehend einen Lagerplatz, denn es fanden sich viele unvollständige Steinwaffen, als hätten sie dieselben als unbrauchbar fortgeworfen.

Mein Mann erzählte mir bei jedem Fund eine lange Geschichte, wie dies und das und jenes wohl war. Aber wie es wirklich war, wird niemand berichten können.

Von Indianerüberfällen ist man jetzt in ganz Santa Catarina sicher. Aber was der Bauer zu fürchten hat, das ist die Viehpest, die seit zwei Jahrzehnten dann und wann ganz plötzlich auftritt und in unglaublich kurzer Zeit den ganzen Viehstand vernichtet.

Noch ist es nicht ganz bestimmt festgestellt was für eine Seuche es ist, die Pferde und Rindvieh befällt, man vermutet stille Wut. Mitunter fielen alle Tiere in einer Straße, nicht weit davon blieben sie gesund. Oder von einer Herde blieb noch das schwächste Tier am Leben. Machtlos steht der Bauer und kann nichts tun als das gefallene Tier möglichst tief einzugraben, damit nicht die Urubus, die Aasgeier kommen, es auffressen und die Pest noch weiter verbreiten.

Oft sah man zu Zeiten der Seuche am hellen Tage Fledermäuse herumfliegen oder flattern und nahm an, daß Fledermäuse die Überträger der Krankheit seien. Wir versuchten unsern Stall fledermausdicht zu machen und ließen die Kühe des Nachts darin. Zwei Tiere erkrankten doch, wir behandelten sie Tag und Nacht und erhielten sie am Leben.

Nachdem diese Viehpest eine große Anzahl Opfer gefunden hatte an einem Ort, machte sie plötzlich Halt und erschien nach einiger Zeit z. B. in der entgegengesetzten Gegend.

provavelmente nem queriam matar, apenas roubar.

É um povo desventurado, que vivia na mata brasileira. Muitos morreram de gripe, mais ainda de difteria. O governo enviou soldados e estes obrigaram os bugres se retirarem para regiões desabitadas, mas cinco a seis anos mais tarde, em 1914, foi fundada pelo governo a estação indígena no rio Hercílio. A coordenação era do Sr. Hoerhan, que viveu vários anos em companhia dos bugres na mata, conseguindo sua confiança e civilizá-los. Alguns fugiram para junto daqueles que haviam permanecido na mata, mas somente podem ser lamentados, não temidos.

Quando preparávamos a terra para o plantio achávamos muitas armas indígenas de pedra, eram bem trabalhadas. Eram clavas, machados grandes e pequenos, socadores e pontas de flecha bem trabalhadas em quartzo vermelho e branco.

Dois graciosos machados de quinze a vinte centímetros de comprimento davam a impressão de pertencerem à “cozinha” das mulheres bugres ou que haviam sido utilizados como brinquedo. Era raro encontrar cacos de cerâmica. Talvez nosso terreno só fora usado como acampamento passageiro, pois havia muitas armas incompletas, como se tivessem sido consideradas inúteis e jogadas fora. Com cada achado meu marido contava uma história, dizendo como isto e aquilo deveria ter sido.

Agora, em toda Santa Catarina estamos a salvo de ataques indígenas. Mas, o colono precisa temer a peste do gado, que há duas décadas se manifesta de vez em quando e, num curto prazo aniquila todo o gado.

Até o momento não se sabe ao certo que epidemia é esta, que ataca cavalos e gado, desconfia-se que é um tipo de raiva. Às vezes, todo gado de uma rua era atingido, enquanto não muito longe dali ele continuava saudável, ou o animal mais fraco de um plantel permanecia vivo. O colono ficava sem ação e não podia fazer outra coisa a não ser enterrar bem fundo o animal, para que os urubus não os pudessem comer e transmitir ainda mais a peste.

Muitas vezes, em períodos de peste podia-se ver morcegos voando durante o dia, presumia-se que eles fossem os transmissores da doença. Nós tentamos fechar bem o estábulo onde, à noite, deixávamos o gado. Apesar disso dois animais adoeceram, mas conseguimos salvá-los.

Acontecia que de repente a peste sumia depois de ter feito muitas vítimas em determinado lugar, e, após certo tempo aparecia num lugar oposto

schickte Soldaten und diese beförderten die Buger weiter hinweg in unbesiedelte Gebiete ungefähr fünf oder sechs Jahre später 1914 entstand am Rio Hercilio eine Indianerstation auf Kosten der Regierung. Die Leitung hatt Herr Hoerhan, der einige Jahre mit den Bugern in Walde lebte, ihr Vertrauen gewann und sie zur Station führte, wo sie gezähmt wurden. Einige flohen wieder zu den Wenigen zurück, die noch im Walde geblieben waren, diese Wenigen kann man nur bedauern, aber nicht fürchten.

Als wir Pflugland einrichteten, fanden wir mancherlei alte Indianerwaffen, aus Stein sehr sauber hergestellt. Keulen, grosse und kleine Äxte, Stampfer und sehr sauber gearbeitete Pfeilspitzen, aus roten und weissen Quarzsteinen ausgehauen.

Zwei ungefähr fünfzehn bis zwanzig Zentimeter lange zierliche Steinäxte, erwecken den Anschein, als gehörten sie zum "Küchengerät" der Bugerfrauen oder hätten als Kinderspielzeug gedient.

Topfscherben fanden wir sehr selten. Vielleicht hatten sie auf unserm Grundstück nur vorübergehend einen Lagerplatz, denn es fanden sich viele unvollständige Steinwaffen, als hätten sie dieselben als unbrauchbar fortgeworfen.

Mein Mann erzählte mir bei jedem Fund eine lange Geschichte, wie dies und das und jenes wohl war. Aber wie es wirklich war, wird niemand berichten können.

Von Indianerüberfällen ist man jetzt in ganz Santa Catarina sicher. Aber was der Bauer zu fürchten hat, das ist die Viehpest, die seit zwei Jahrzehnten dann und wann ganz plötzlich auftritt und in unglaublich kurzer Zeit den ganzen Viehstand vernichtet.

Noch ist es nicht ganz bestimmt festgestellt was für eine Seuche es ist, die Pferde und Rindvieh befällt, man vermutet stille Wut. Mitunter fielen alle Tiere in einer Straße, nicht weit davon blieben sie gesund. Oder von einer Herde blieb noch das schwächste Tier am Leben. Machtlos steht der Bauer und kann nichts tun als das gefallene Tier möglichst tief einzugraben, damit nicht die Urubus, die Aasgeier kommen, es auffressen und die Pest noch weiter verbreiten.

Oft sah man zu Zeiten der Seuche am hellen Tage Fledermäuse herumfliegen oder flattern und nahm an, daß Fledermäuse die Überträger der Krankheit seien. Wir versuchten unsern Stall fledermausdicht zu machen und ließen die Kühe des Nachts darin. Zwei Tiere erkrankten doch, wir behandelten sie Tag und Nacht und erhielten sie am Leben.

Nachdem diese Viehpest eine große Anzahl Opfer gefunden hatte an einem Ort, machte sie plötzlich Halt und erschien nach einiger Zeit z. B. in der entgegengesetzten Gegend.

provavelmente nem queriam matar, apenas roubar.

É um povo desventurado, que vivia na mata brasileira. Muitos morreram de gripe, mais ainda de difteria. O governo enviou soldados e estes obrigaram os bugres se retirarem para regiões desabitadas, mas cinco a seis anos mais tarde, em 1914, foi fundada pelo governo a estação indígena no rio Hercílio. A coordenação era do Sr. Hoerhan, que viveu vários anos em companhia dos bugres na mata, conseguindo sua confiança e civilizá-los. Alguns fugiram para junto daqueles que haviam permanecido na mata, mas somente podem ser lamentados, não temidos.

Quando preparávamos a terra para o plantio achávamos muitas armas indígenas de pedra, eram bem trabalhadas. Eram clavas, machados grandes e pequenos, socadores e pontas de flecha bem trabalhadas em quartzo vermelho e branco.

Dois graciosos machados de quinze a vinte centímetros de comprimento davam a impressão de pertencerem à “cozinha” das mulheres bugres ou que haviam sido utilizados como brinquedo. Era raro encontrar cacos de cerâmica. Talvez nosso terreno só fora usado como acampamento passageiro, pois havia muitas armas incompletas, como se tivessem sido consideradas inúteis e jogadas fora. Com cada achado meu marido contava uma história, dizendo como isto e aquilo deveria ter sido.

Agora, em toda Santa Catarina estamos a salvo de ataques indígenas. Mas, o colono precisa temer a peste do gado, que há duas décadas se manifesta de vez em quando e, num curto prazo aniquila todo o gado.

Até o momento não se sabe ao certo que epidemia é esta, que ataca cavalos e gado, desconfia-se que é um tipo de raiva. Às vezes, todo gado de uma rua era atingido, enquanto não muito longe dali ele continuava saudável, ou o animal mais fraco de um plantel permanecia vivo. O colono ficava sem ação e não podia fazer outra coisa a não ser enterrar bem fundo o animal, para que os urubus não os pudessem comer e transmitir ainda mais a peste.

Muitas vezes, em períodos de peste podia-se ver morcegos voando durante o dia, presumia-se que eles fossem os transmissores da doença. Nós tentamos fechar bem o estábulo onde, à noite, deixávamos o gado. Apesar disso dois animais adoeceram, mas conseguimos salvá-los.

Acontecia que de repente a peste sumia depois de ter feito muitas vítimas em determinado lugar, e, após certo tempo aparecia num lugar oposto

In den letzten Jahren hat der Staat Tierärzte in die Kolonien geschickt und lässt die gefährdeten Tiere impfen. Die Impfung wirkt aber nur für sechs Monaten, ebenso wie die Impfung gegen Maul und Klauenseuche, die auch hier ihr Opfer gefordert hat.

Bevor der Staat eingriff, half der deutsche Bauerbund, Centro Agrícola, sich selbst, ließ auf eigene Rechnung Lymph und einen Tierarzt kommen und der Arzt lernte einige junge Kolonisten an, damit diese hier in der Siedlung das Vieh impfen können.

Eine Einspritzung kostete allerdings drei Milréis, aber es ist dem Bauern doch eine Hilfe gegen die heimtückische Viehpest geboten.

Dankbar ist es zu begrüßen, daß der Staat kostenlos Impfer und Lymph zur Verfügung stellt.

Groß und weit ist das reiche schöne Land Brasilien, aber weit fort von den großen Städten, im Innern wohnen die Siedler und Farmer, die meistens keine Zeitungen halten, oft ja auch garnicht lesen können und deshalb leider sehr selten rechtzeitig Nachrichten bekommen.

Viele Prüfungen oder Schicksalsschläge hat der deutsche Bauer im neuen Heimatlande zu überwinden, sein ganzes Leben ist ein Kampf. Ich habe noch keinen "reich" gewordenen Kolonisten kennen gelernt, der nur auf seiner Hände Arbeit angewiesen war. Wohl kann er sich sein Leben menschenwürdiger gestalten, kann zu einem gewissen Wohlstand gelangen, aber reich, reich an Geld kann er nicht werden.

Sie trachten ja auch garnicht nach Geld, unsere deutschen Bauern hier, ein schuldenfreies Eigentum und die frohe Zuversicht, daß es ihre Kinder leichter haben werden, ist ihnen Lohn und Segen genug für die schweren entbehrensreichen Anfangsjahre. Die schwersten Arbeiten werden ja leicht, wenn man weiß, sie sind nicht umsonst getan und auf den Grundsteinen, die wir legen, können unsere Kinder weiterbauen.

Weiter bauen nach Art ihrer deutschen Eltern, deren Blut in ihren Adern rollt, deren Denken, Tun und Wollen nur darauf bedacht war ihnen eine Heimat zu gründen und zu geben, damit sie nicht verloren gehen im Strom der fremden Umwelt, sondern ihre Art erhalten und pflegen können auf eigener Scholle.

Arbeitsfroh und froh sind diejenigen, die durchhielten, nicht Alle die kamen, blieben.

P.S. Abgeschrieben von dem Original in Juni 1988.

àquele.

Nos últimos anos o estado mandou veterinários para as colônias para vacinar o gado. A vacina apenas imuniza por seis meses, assim como a vacina contra febre aftosa e epizootia, que também faz vítimas.

Antes do Estado interferir, o Centro Agrícola tomou as devidas providências, mandando vir por conta própria as vacinas e um veterinário, o qual ensinou aos colonos jovens como aplicá-las nos animais da Colônia. Embora uma vacina custasse três mil-réis o colono tinha como proteger os animais da peste traíçoeira.

Devemos agradecer ao Estado, que forneceu os vacinadores e as vacinas gratuitamente.

O belo Brasil é muito vasto e no interior, longe das grandes cidades, habitam colonos e fazendeiros, que de um modo geral não recebem jornais, muitas vezes nem sabem ler e por isso raramente ficam sabendo dos acontecimentos.

O colono alemão teve de superar muitas provações ou golpes do destino na nova pátria. Sua vida era uma luta contínua. Eu ainda não conheci nenhum colono que tivesse ficado rico apenas com o trabalho de suas mãos. Certamente ele pode viver condignamente e alcançar um certo bem estar, mas não se torna rico.

Nossos colonos alemães não pretendem ter muito dinheiro, o que lhes basta é ter uma propriedade livre de dívidas e a esperança de que seus filhos tenham uma vida melhor. Isto lhes é recompensa e bênção pelos anos difíceis e cheios de privações.

O trabalho mais árduo se torna leve quando sabem que não foi em vão e, que os seus filhos podem continuar a construir sobre a base sólida que edificaram.

Que possam continuar a construir de acordo com a mentalidade de seus pais alemães, cujo sangue corre em suas veias, cujo pensar, fazer e querer se restringiam em dar-lhes uma pátria, para que não se perdessem na correnteza de outro mundo, mas manter e cultivar seu modo de viver em seu próprio chão.

Felizes aqueles que perseveraram, nem todos os que vieram permaneceram!

P.S. Transcrito do original em 1988.

Por uma política lingüística para o alemão em Blumenau

TEXTO:
VALÉRIA
CONTRUCCI DE
OLIVEIRA
MAILER¹



A tentativa de inserção na sociedade brasileira dos teuto-brasileiros, preservando a identidade étnica, cultural e lingüística transformou-se em um problema de integridade nacional aos olhos do governo federal, estadual e da imprensa catarinense. A situação chegou ao seu clímax por ocasião da Segunda Guerra Mundial quando a ideologia nacionalista brasileira associou os cidadãos de origem teuta aos nazistas, evocando uma simbologia criada por Sylvio Romero no início do século, que ele denominou de “perigo alemão”, ou seja, a separação dos três estados do Sul com apoio da Alemanha. Os teuto-brasileiros vistos, a princípio, com simpatia por Getúlio Vargas, sofreriam uma dura repressão no que diz respeito principalmente ao uso da língua alemã, levando-os a um silenciamento com reflexos no exercício da cidadania e na sua concepção de identidade.

Cerca de 45 anos após a proibição da língua alemã nas escolas, imprensa, igrejas e até em público, ela voltou a fazer parte do currículo das escolas públicas municipais e estaduais no estado de Santa Catarina. No entanto, as conseqüências da frente nacionalizadora do Estado Novo continuam a influenciar as relações dos teuto-brasileiros e brasileiros de outras etnias no que se refere à língua alemã. Por esta razão, o ensino de alemão nas escolas públicas em Blumenau necessita de uma Política Lingüística que trate de questões sócio-históricas e, em última análise identitárias, que dizem respeito à especificidade do município. São questões como preconceito lingüístico, diversidade cultural e religiosa, que devem ser levadas em conta na metodologia adotada para o ensino de

¹ Professora de alemão e Mestre em Lingüística pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

alemão na rede pública. Desde a reintrodução no currículo a pedagogia adotada para o seu ensino é de língua estrangeira. Este fato tem levado a uma diminuição crescente no número de alunos, colocando em risco sua continuidade. Contudo, para que a língua alemã recupere espaços que perdeu, e não desapareça por completo, é preciso que as ações empreendidas não se restrinjam somente à sala de aula, mas avancem para a sociedade local; constituindo uma rede de apoio e incentivo ao bilingüismo na região. É um trabalho que deverá ser liderado pelos professores de alemão arregimentando forças na sociedade civil a fim de preservar o alemão como língua minoritária brasileira e esteio da identidade da maioria dos cidadãos de Blumenau.

Desde a chegada dos primeiros imigrantes em Blumenau, em 1850, o idioma alemão teve papel fundamental no cotidiano da comunidade. Foi a língua da próspera imprensa alemã, das escolas, bem como de transações comerciais na colônia. O alemão era Língua Nacional na nação blumenauense. O português, nas escolas, era ensinado como língua estrangeira e ainda perdia para o italiano e polonês como segunda língua.

Esta situação se deu, mais pela própria conjuntura da política imigratória do que voluntariamente. Os imigrantes deixados, por assim dizer, à sua própria sorte foram incentivados e obrigados a se organizar para prover a colônia de condições básicas de sobrevivência, como educação, religião e saúde.

Dessa forma, o grupo de imigrantes e seus descendentes passaram a constituir comunidades isoladas, unidas principalmente pela língua. Este tipo de organização, centrado na etnicidade, foi causa de muitos conflitos entre brasileiros de origem lusa e teuta. As acusações eram mútuas: os primeiros diziam que os imigrantes e seus descendentes se recusavam a assimilar e a miscigenar, e os segundos viam a assimilação como um caos (*Völkerchaos*) e perda da identidade cultural e lingüística, valores fundamentais da etnicidade, fruto das concepções nacionalistas de nação não unificada do final do século XIX.

O que ocorreu de forma involuntária, no entanto, se transformaria em resistência de cunho político-ideológico. A língua seria utilizada para unir a comunidade de imigrantes e segregar os demais, demarcando, assim as fronteiras étnicas de grupo. Uma forma de defesa, portanto, tentativa de inserir-se na sociedade brasileira preservando a identidade cultural e lingüística.

Contudo, a concepção de etnicidade e nacionalidade dos imigrantes e seus descendentes não foi compreendida da mesma forma pelos chamados na-

cionais e o esforço para manter uma identidade cultural e lingüística foi considerado traição à pátria brasileira.

Daí resultaram duas campanhas de nacionalização que tinham por objetivo a assimilação dos imigrantes e seus descendentes, que já eram vistos como problemáticos e até certo ponto uma ameaça. Em Bethlem e Nogueira (apud SEYFERTH 1981, p.183) pode-se constatar a concepção que levou às campanhas de nacionalização: o Vale do Itajaí é considerado como “*quisto racial ameaçador da soberania do Brasil*”, e “*foco de desagregação do espírito nacional*”. O objetivo da campanha seria “*terminar com as minorias nacionais através de uma legislação rigorosa.*” Santa Catarina é um Estado “*infestado pelo vírus da desnacionalização, no qual brasileiros são criados como se fossem estrangeiros*”. Nogueira ainda acrescenta: “*... são os ingratos, traidores da pátria, a quem o governo concedeu vastos latifúndios*” a partir dos quais pretendiam ampliar seus tentáculos, e “*funestos seriam os resultados da colonização se o Brasil não desperta a tempo*”. A primeira campanha de nacionalização do ensino já objetivava a assimilação dos alemães e foi introduzida por Orestes Guimarães (1911) no governo de Vidal Ramos, um nativista inflexível. A segunda bem mais radical ocorreu no Estado Novo (1939), sob a ditadura de Getúlio Vargas. Em virtude do estado de guerra e de o Brasil se colocar do lado dos aliados, os teuto-brasileiros se tornaram “inimigos da pátria” e foram considerados “quinta coluna”, relacionados ao partido nazista pela propaganda ideológica de políticos e intelectuais da época apoiados pela imprensa catarinense. Os efeitos simbólicos do que Sylvio Romero, no início do século, convencionou chamar de “perigo alemão”, ou seja, a separação dos três estados do sul do Brasil com apoio da Alemanha, foi o motivo para a dura repressão aos cidadãos brasileiros de origem germânica (ROMERO, 1906 apud MAGALHÃES, 1993). No entanto, não há nenhuma comprovação da ligação de teuto-brasileiros e intenções separatistas apoiadas pela Alemanha. Pelo contrário, em estudos recentes pode-se constatar que nas regiões de imigração alemã e italiana no Vale do Itajaí em Santa Catarina, o partido de preferência dos ítalo- e teuto-brasileiros não era o NSDAP (Partido Nacional Socialista Alemão), mas sim o Partido Integralista. Um partido conservador e ultra-nacionalista brasileiro, fundado por Plínio Salgado com um crescimento tão espantoso na região, que, não fosse o golpe de novembro de 1937 dissolvendo os partidos políticos, egeria com folga o próximo presidente da República nas eleições de janeiro de 1938 (FAL-

CÃO, 2000).

O apoio maciço dos teuto-brasileiros ao Partido Integralista Brasileiro, inclusive elegendo prefeitos em Blumenau, se deveu ao programa do partido que não colocou objeção quanto à prática de seus costumes e tradições, bem como o uso da língua, garantindo-lhes, assim, a inserção na sociedade brasileira com direitos de plena cidadania.

A despeito disso, a era Vargas reservaria um futuro negro aos teuto-brasileiros, com o fechamento de todas as escolas que ensinavam em alemão, cerca de 173 escolas comunitárias com mais de 7.000 alunos. Muitas crianças ficaram sem escola por não haver professor que ensinasse em português. Proibiu-se o uso de idioma estrangeiro nas escolas e em público; estabeleceu-se uma série de exigências para abertura de escolas. Tropas do exército foram enviadas para Blumenau e a cidade sofreu retaliação política, como, por exemplo, a separação de seus distritos em municípios. A imprensa alemã passou a ser publicada em português e encerrou pouco tempo depois suas atividades devido aos obstáculos impostos pela repressão.

As campanhas de nacionalização do ensino em Santa Catarina refletem bem a ideologia que pautava as ações dos governos estadual e federal, bem como de parte da sociedade e imprensa nacional: a dificuldade em lidar com o diferente, com a pluralidade cultural e étnica que passava a constituir a nação brasileira: os imigrantes (alemães, italianos, espanhóis, japoneses, austríacos, sírios, libaneses, russos, poloneses, ucranianos, suecos, holandeses, tchecos, romenos, iugoslavos e outros) as populações autóctones e os negros. As manifestações culturais e o uso da língua alemã pelos teuto-brasileiros passaram a ser consideradas questão de segurança nacional. Segundo o modelo sócio-cultural lusitano que queria se impor, os cidadãos brasileiros, filhos de imigrantes, representavam o inimigo, que recusava a falar a língua nacional e praticava religião e costumes diversos, insistindo em manter uma identidade étnica, cultural e lingüística. O alvo das perseguições nacionalistas foi, sem dúvida alguma, a língua materna desses cidadãos, vista como elemento desagregador da integridade nacional. Daí o fechamento das escolas que ensinavam em alemão e a proibição da língua. Bethlem (1939 apud SEYFERTH, 1981, p.182) justifica a nacionalização, cujo objetivo era eliminar o uso da língua alemã e substituí-la pelo português, ao revelar tais estatísticas: *no Vale do Itajaí 60% dos teuto-brasileiros não falam nem entendem o português; 30% falam e compreendem, mas procuram não*

fazê-lo, e não se consideram brasileiros, e apenas 10% falam o português e “amam sua pátria”.

Ao desconsiderar a heterogeneidade étnica, cultural e lingüística da nação brasileira, reprimindo com violência as manifestações que desviavam do modelo eleito, pode-se inferir que os projetos de imigração do governo brasileiro não pretendiam cidadãos no sentido pleno da palavra, mas sim, visavam tão somente a miscigenação do branco europeu com a população negra do país, que já era maioria. Essa concepção racista de inferioridade do negro era defendida por políticos e intelectuais da época, entre eles Romero e Oliveira Vianna.

Depois da Segunda Guerra, o alemão retornou ao sistema educacional da cidade. A rede municipal de ensino de Blumenau introduziu o alemão como língua estrangeira em 1977/78, extracurricularmente, em duas escolas. Sua inclusão na grade curricular, como disciplina opcional, oficializou-se a partir de 1984/85, em 7 escolas.

O retorno do Alemão no currículo das escolas públicas estaduais e municipais na década de 80, fez parte de um movimento que vinha ao encontro dos interesses da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como também das escolas de primeiro e segundo graus. O Projeto *Reintrodução e Diversificação de Ofertas do Ensino de Línguas Estrangeiras no Primeiro e Segundo Graus da Rede Pública Estadual de Santa Catarina*, uma iniciativa da UFSC em parceria com o governo do estado, previa inovações metodológicas e curriculares, no que diz respeito ao ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras/segundas línguas, levando em conta a realidade lingüística dos alunos. Ao mesmo tempo, visava incrementar o Curso de Letras dessa mesma universidade, oferecendo mais alternativas de trabalho aos professores formados. Por essa razão pensou-se em introduzir, nas cidades de imigração germânica e italiana, os respectivos idiomas, ao lado do inglês.

Foi através do Projeto Piloto, como ficou conhecida a iniciativa, que o alemão retornou à escola pública de Blumenau ao lado do inglês, que já havia assumido o lugar de preferência das escolas em língua estrangeira. Passou a ser disciplina opcional com o inglês e a fazer parte do currículo não só nas escolas estaduais como também nas municipais. Em 1993, havia 28 escolas com 2.287 alunos e 36 professores que ensinavam alemão em Blumenau. (Fonte: SEE-CEASC, 1993) Contudo, esse número não se manteve, caindo ano a ano, bem como o número de professores. Hoje há somente 15 professores de alemão e um

número estimado de 800 alunos em cerca de 13 escolas na rede municipal em Blumenau e o ensino desta língua corre o risco de desaparecer caso não se invista em projetos de política lingüística.

O ensino de alemão na rede pública municipal enfrenta ainda outros problemas, que colocam em risco sua continuidade:

a) Tendência homogeneizante da política de globalização, que objetiva o pragmatismo das ações, desconsiderando a diversidade lingüística e cultural do país;

b) Falta de política lingüística para línguas alóctones, especificamente o alemão de Blumenau;

c) Falta de uma proposta curricular que aborde questões histórico-sociais, culturais e identitárias/ideológicas para o ensino de alemão;

d) Formação de professores, hoje inexistente na universidade local;

e) Falta de pesquisa acadêmica na área.

O fato da constituição brasileira de 1988 não garantir aos descendentes de imigrantes o direito a sua língua e cultura revela a concepção que vem pautando as políticas lingüísticas educacionais do governo federal: eliminar o diferente, enquadrando todas as etnias, culturas e línguas, que constituem este país, em um único modelo sócio-cultural. Isso tem efeitos diretos no exercício da cidadania, que nada mais é do que o reflexo de questões identitárias.

A língua alemã carrega traços identitários constitutivos dos indivíduos descendentes de imigrantes em Blumenau. Foi nela e através dela que esses indivíduos se reconheciam como integrantes de um dos coletivos que constituem a nação brasileira. A relação com o português parece ser ainda conflituosa. Em primeiro lugar porque o português é Língua Nacional e o alemão não, e o fato de o alemão ter sido reprimido impõe a ele uma descaracterização social, estigmatizando o seu falante. O alemão em Blumenau se manteve somente na oralidade e com empréstimos lexicais ocasionados pelo contato com o português. O deslocamento da língua da zona urbana para a zona rural, na época da repressão, resultou preconceituosamente à sua associação à *“língua de colono”*. Em segundo lugar, há uma concorrência entre o alemão e o português em virtude da obrigação de uma tomada de posição quanto a um ou outro lado, por ocasião da II Guerra e seus desdobramentos. Essa atitude se deu não somente na esfera política, mas também na esfera lingüística. O fato de o português ser incompatível com o alemão revelava implicitamente: “ou você é brasileiro

ou você é alemão”. São questões de cunho histórico-sociais, cultural e identitária/ideológicas que influenciam esse processo, trazendo à tona sentimentos e ressentimentos silenciados e abafados ao longo da história.

Por estas razões, o ensino de alemão na rede escolar precisa levar em conta a especificidade histórica de Blumenau e não pode ser feito sem uma discussão sobre o *status* ou a natureza desta língua no contexto do município, e sobre os objetivos visualizados pelos alunos e professores para o aprendizado e a veicularização da língua.

Para a formulação de uma Política Lingüística para a cidade de Blumenau, e eventualmente para todo o Vale do Itajaí, há de se considerar o plurilingüismo, seja pelas políticas imigratórias, como é o caso do alemão (padrão e dialetal), italiano (padrão e dialetal), polonês, russo e a proximidade com os países do cone sul, como é o caso da Argentina, Uruguai e Paraguai, no que diz respeito ao castelhano.

Que papel tem o alemão na sociedade local e que papel deverá ter no futuro? Como contemplar e incentivar o bilingüismo nas políticas educacionais? Como combater o preconceito contra a língua? Que línguas devem fazer parte do currículo escolar e qual metodologia deve ser utilizada para seu ensino (língua estrangeira/segunda língua)? Que material didático deve ser utilizado? São tópicos relevantes para a discussão de uma política lingüística que se pretenda respeitar a especificidade histórica do município.

Levantar essas questões e construir coletivamente encaminhamentos pedagógicos e político-lingüísticos, bem como formular uma proposta curricular que toque na problemática identitária/ideológica da língua alemã no município deve ser o esforço da disciplina e dos professores de alemão, com apoio da secretaria de educação municipal. Este é o primeiro passo para formulação de uma Política Lingüística para o ensino de alemão em Blumenau. Segundo Rajagopalan:

“O plurilingüismo e o multiculturalismo assumem, neste contexto, papel fundamental. Se a identidade se constrói em movimentos e através da língua, não se pode falar em monolingüismo e monoculturalismo, já que é pela mescla, pelo hibridismo, abandonando-se, portanto, a idéia de pureza, que ela se define” (Rajagopalan, 1998).

Lista de alguns nomes mudados por força da Campanha de Nacionalização em Blumenau - SC

Ontem (até 1939)	Hoje (2002)
Deutsche Schule Altona (1907)	E.B.M. Machado de Assis
Neue Deutsche Schule (1889)	Conjunto Educacional Pedro II
Wurststrasse	Rua 15 de novembro
Sociedade Teatral Frohsinn (1885)	Teatro Carlos Gomes
Schützenverein Itoupava (1877)	Clube de Caça e Tiro Ribeirão Itoupava
Schützenverein Itoupava Alto (1894)	Sociedade Esportiva e Recreativa Alto
Schützenverein Eintracht (1899)	Clube de Caça e Tiro Concórdia
Schützenverein Carolinenstrasse (1927)	Clube de Caça e Tiro Estrada da Carolina
Tatu Tiefe Schule (1903)	E.B.M. Visconde de Taunay
Specktiefe	Bairro da Glória
Beco Franke	Rua Goiás
Beco do Hospital	Rua Araranguá
Schützenverein Vale do Garcia (1859)	Sociedade de Atiradores Vale do Garcia
Jararakenbach	Ribeirão da Jararaca
Rua Hermann Hering Senior	Rua Floriano Peixoto
Alameda Dr. Blumenau	Alameda Duque de Caxias
Rua Wendeburg	Rua João Pessoa
Rua Gottlieb Reif	Rua Benjamin Constant
Rua Bruno Hering	Rua Tiradentes
Rua Augusto Muller	Rua Marcílio Dias
Travessa Krohberger	Rua Porto Alegre
Beco Otto Stutzer	Rua Indaial
Beco Rabe	Rua Timbó
Beco Meyer	Rua Camboriú
Beco Laux	Rua Itajaí
Beco Weise	Rua Rio do Sul
Beco Weise de Clemens Weise	Rua Rodeio
Beco Gude	Rua Laguna
Beco Brückheimer	Rua Tijucas
Beco Bernhard	Rua São Joaquim
Beco Willecke	Rua Porto União
Beco Passig	Rua Itaiópolis
Beco Michels	Rua Tubarão
Beco Berndt	Rua Jaraguá

Artigos

Beco Wehmuth	Rua Imaruá
Rua Peter Wagner	Rua São Bento
Schützenverein Blumenau (1859)	Sociedade de Atiradores Blumenau
Schützenverein Jordan (1880)	Sociedade de Atiradores Garcia Jordan
Geselliger Verein Teutonia (19.03.1893)	Sociedade Recreativa Esportiva Ipiranga
Verein Gemütlichkeit (1894)	Sociedade de Atiradores Dr. Amadeu da Luz
Schützenverein Fidélis (1894)	Sociedade de Atiradores Fidélis
Schützenverein Passo Manso (1895)	Sociedade de Atiradores Passo Manso
Schützenverein Harmonie (1896)	Sociedade de Atiradores Harmonia
Schützenverein Itoupava Rega (1898)	Sociedade de Atiradores Itoupava Rega
Schützenverein Velha Central (1900)	Sociedade Esportiva Velha Central
Schützenverein Itoupavazinha (1907)	Sociedade de Atiradores Itoupavazinha
Schützenverein Fortaleza Alta (1911)	Sociedade de Atiradores Fortaleza Alta
Schützengesellschaft Neue Velha (1912)	Sociedade de Atiradores Velha Nova
Schützenverein Einigkeit (1916)	Sociedade de Atiradores União
Schützenverein Rafael (1916)	Sociedade de Atiradores Rafael
Schützenverein Oberer Rafael (1916)	Sociedade de Atiradores Alto Rafael
Schützenverein Weissbach (1916)	Sociedade de Atiradores Ribeirão Branco
Schützenverein Badenfurt (1926)	Sociedade de Atiradores Badenfurt
Schützenverein Warnow (1879)	Sociedade de Atiradores Warnow
Schützenverein Neue Breslau (1926)	Sociedade de Atiradores Nova Breslau
Schützenverein Pomerode (1930)	Sociedade de Atiradores Pomerode
Schützenverein Indaial (1875)	Sociedade de Atiradores Indaial
Schützenverein Testo Baixo (1914)	Sociedade de Atiradores Texto Baixo
Schützenverein Novo Stettin (1916)	Sociedade de Atiradores Novo Stettin
Schützenverein Salto do Norte (1926)	Sociedade de Atiradores Salto do Norte
Schützenverein G. Kameradsschaft (1933)	Sociedade de Atiradores D. Pedro I
Schützenverein Testo Central (1933)	Sociedade Esportiva Tiro ao Alvo Tiradentes
Schützenverein Ehr und Wehr (1935)	Sociedade Esportiva de Tiro Honra e defesa

A mudança de nomes de ruas foi assinada pelo Prefeito Afonso Rabe, evocando o Decreto-Lei nº 68, art. cinco, do decreto-lei nº 1202, de oito de abril de 1939.

Referências Bibliográficas

- BORN, J. Sprachpolitik. 1993, p. 706-711.
- BORN, J. Minderheiten, Sprachkontakt und Spracherhalten in Brasilien. In: KATTENBUSCH, Dieter (Org.) *Minderheiten in der Romania*. Editora Gottfried Egert, 1995, p. 129-158.
- BORN, J. Sprachbewusstsein, Sprachpraxis und Sprachkompetenz: Teuto- und italo-brasileiros in Rio Grande do Sul. In: *Ethnos e Comunità Linguistica: un confronto metodológico interdisciplinare*. Atti Del Convegno Internazionale - Udine 1996, pp. 201-226.
- FALCÃO, L.F. *Entre Ontem e Amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no Século XX*. Itajaí: Editora da Univali, 2000.
- MAGALHÃES, M.D.B. *Alemanha, mãe-pátria distante: utopia pangermanista no sul do Brasil*. Campinas, 1993. Tese (Doutorado em História) - UNICAMP.
- MONTEIRO, J. *Nacionalização do Ensino em Santa Catarina - 1930/1940*. Florianópolis, 1979. Dissertação de Mestrado - UFSC.
- OLIVEIRA, G. M. Brasileiro fala português: monolíngüismo e preconceito lingüístico. In: MOURA E SILVA (Org.) *O Direito à Fala*. Florianópolis: Editora Insular, 2000, p. 83-92
- RAJAGOPALAN, K. A construção de identidades e a política de representação. In: FERREIRA, L.M.A. e ORRICO, E.G.D. (Orgs.). *Linguagem, Identidade e Memória Social*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000, p. 77-88.
- _____. *The Politics of Language and the Concept of Linguistic Identity*. Cauce: Revista de Filologia y su Didáctica, n. 24, 2001, p. 17-28.
- _____. *Linguagem e Xenofobia*. Trabalho a ser publicado nos Anais do XLIX Seminário do GEL, 2002.
- _____. O Conceito de Identidade em Lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: *Língua(gem) e Identidade: elementos para discussão no campo aplicado*, Signorini, Inês (Org.), Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.
- SEYFERTH, G. Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania - A imigração alemã e o Estado brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 26, 1994, p. 103-122.
- _____. Os Paradoxos da Miscigenação: observações sobre o tema imigração e raça no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 20, 1991, p. 165-185.
- _____. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- TOURAINÉ, A. *¿Podremos Vivir Juntos?* Fondo de cultura econômica de Argentina. Tradução: Horácio Pons, 1996.
- TRAUER, E. *Alemão: Uma língua Estrangeira na Escola Catarinense?* Florianópolis, 1994. Dissertação (Mestrado) - UFSC.

**Um estudo da
história da
prostituição na
sociedade
blumenauense
entre os anos de
1890 e 1990
Parte I**

TEXTO:

CELSO KRAMER¹
SANDRO LUIZ
CIFUENTES²



1. Introdução

Neste trabalho nos propomos a reler a história da sociedade blumenauense a partir da ótica de um grupo minoritário, que pouco espaço teve na literatura sobre a cidade. Não que a referência a essa categoria de trabalhadoras seja imprescindível para compreendermos a história de nossa cidade, mas cremos que, de alguma forma, elas também participaram dessa história, portanto, também merecem a dedicação de um estudo e de um registro, até porque, dessa forma, nosso olhar torna-se menos parcial. Para isso nos propomos a conhecer a história da prostituição na sociedade blumenauense, marcadamente entre os anos de 1890 a 1990, período em que nossa cidade passou por grandes transformações. É também o período em que encontramos documentação que demonstra a existência de prostitutas em nossa região.

Para realizarmos nossa pesquisa, buscamos informações em diferentes meios. Destacamos os seguintes: periódicos que circularam no município de Blumenau nos anos propostos, como *Cidade de Blumenau*, *A Nação* e os que atualmente circulam, o noticiário local *Jornal de Santa Catarina* e os noticiários estaduais *Diário Catarinense* e *A Notícia*; livros e revistas que tratam do assunto; associações e/ou movimentos em defesa dos direitos das pessoas que se prostituem; através do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, delegacias, Fórum, buscando boletins de ocorrências, processos e outras fontes que documentam os fatos relacionados com a prostituição em Blumenau; entrevistas com pessoas que viveram ou vivem como prostitutas, vizinhos de casa de prostituição, etc.

¹ Professor de filosofia do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da FURB.

² Formado pelo Curso de História da FURB.

Assinalamos que o que nos motivou a emprendermos este trabalho foram algumas perguntas, que, embora simples, não encontravam uma resposta imediata. Perguntas como – De que maneira os discursos e práticas das autoridades civis, religiosas e policiais influenciaram a prostituição em Blumenau? – Quais as formas de mobilização e resistência das prostitutas no período entre 1890/1990 em nossa cidade? – Por que, atualmente, as casas de prostituição localizam-se notadamente às margens da BR 470 e atrás do campo do BEC? – O *Ser Prostituta* rompe com a moral tradicional ou é uma forma de solidificá-la? – De que forma o conceito de “mal necessário” atuou na sociedade blumenauense na relação com a prostituição? – Por quais regiões da cidade deve-se traçar o mapa histórico geográfico da prostituição em Blumenau?

A partir destas questões, nos lançamos ao trabalho. Seguem abaixo os resultados a que chegamos.

2. O contexto mais amplo em que Blumenau se inscreve

O contexto histórico em que Blumenau se constitui é altamente influenciado pela mentalidade européia, marcadamente a cristandade, que marcou as sociedades européias durante o processo de constituição das instituições da sociedade burguesa. Verifica-se que houve esforço em preservar o puritanismo do pensamento europeu, pois uma forte característica da região é a cultura germânica implantada nos tempos da colonização. Este esforço em preservar a germanidade está retratado em diversos livros e memórias documentais sobre a região. José Ferreira da Silva, em seu livro *A História de Blumenau*, retratou claramente a organização da vida social do município, desde os primeiros agrupamentos de colonos, suas atividades de lazer, os jogos, as brincadeiras, as rodas de convívio social, bem como a organização das entidades religiosas e civis, que promoveriam a *organização* (entenda-se institucionalização) do convívio social. Tal convívio social era muito incentivado, pois através dele se reproduziam os valores religiosos extremamente fortes, bem como uma educação bastante rígida e um moralismo acentuado, tanto na educação familiar como escolar, onde a família é extremamente valorizada.

O Ocidente constituiu-se, relegando um papel secundário para a mulher em relação ao homem. Inferiorizada, desqualificada intelectualmente, muitas vezes ela é representada como fonte do pecado, como inspiração do mal no mundo, como bem nos retrata a teóloga Uta Ranke-Hainemann, em seu livro

Eunucos no Reino de Deus. A crença que perpassou a Idade Média, de que a mulher é um homem inacabado, incompleto, um homem que não deu certo, perpassou séculos e serviu para orientar as ações masculinas sobre a mulher. E foi baseado principalmente nestes pré-conceitos que os homens fizeram os mais diversos usos da mulher, seja na cozinha, na cama, na indústria (quando ela é institucionalizada). Historicamente as verdades sobre a mulher sempre foram ditas pelo homem. Ele negava o acesso da mulher à formação intelectual. E isso permitiu que o homem mantivesse por mais tempo o domínio sobre a mulher.

Apenas no século XX, marcadamente na segunda metade, nós vemos uma reação mais massiva da mulher com relação à dominação que ela vinha sofrendo. É quando a mulher vai para a escola, tem acesso mais direto e intenso à formação intelectual, à pesquisa, ao conhecimento produzido. A partir disso ela amplia seu saber. Ela, que já era um gênio no saber (práticas) da vida, amplia seu campo de percepção e de ação. E uma das primeiras coisas que ela faz é rejeitar um grande número de verdades que o homem tinha produzido sobre ela. Ela passa a ocupar lugares sociais que historicamente foram ocupados pelo homem, nas artes, na ciência, na literatura, na política, na academia... Lamentavelmente, uma das grandes instituições que muito contribuiu na construção da sociedade ocidental ainda não teve a hombridade de reconhecer a igualdade da mulher em relação ao homem: é a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, que continua machista, centralista e autoritária, muito mais usando a mulher para seus propósitos, de que reconhecendo sua igualdade de condição. Espera-se o dia, e brevemente, em que a mulher derrubará mais essa barreira.

Neste século houve uma reação da mulher nesta tendência. Neste sentido, faz-se novas pesquisas referentes à mulher, à importância dela na construção da sociedade. A professora Maria Luiza Renaux, em seu livro *O outro lado da História, o papel da mulher no Vale do Itajaí*, retrata muito bem o papel fundamental das mulheres na formação histórica, social, cultural e econômica do Vale do Itajaí. Caracteriza a mulher imigrante, seus problemas, desafios e a participação ativa na construção da sociedade blumenauense. Mas verificamos a ausência, no citado livro, de um trabalho que incluísse de alguma forma a mulher prostituta em meio a esta sociedade. Pois a participação da mulher nesta forma de trabalho, por mais que os moralistas tentem negá-lo, também é importante, seja como “*mal necessário*”³ na função “reguladora” da instituição casamento, seja para “atender” as pessoas que estão fora da instituição casa-

mento. É um trabalho ingrato, desqualificado, mas que existe em todas as sociedades cristãs e burguesas e é exercido justamente pela mulher, geralmente pobre, que assim mais uma vez é preconceituada.

Para se compreender a história da prostituição na cidade de Blumenau, é preciso fazer um paralelo entre o discurso dos padres, médicos, advogados, juristas e as ações de policiais, promotores e do poder público. Deve-se ter em mente a cultura de origem alemã que desde a construção social da cidade, primava por preservar a germanidade, reproduzir a cultura trazida por seus fundadores, que reproduzia as normas morais de então. Tais normas morais estão vinculadas à espiritualidade cristã, que desde a Idade Média vinha ditando o certo e o errado sobre o corpo, sobre o sexo e sobre todas as formas de relação admissíveis ao corpo de um bom cristão.

Talvez pela influência que essa formação moralista exerce sobre os pesquisadores, faz-se de conta, entre estes que reconstituíram a história de Blumenau até o momento, que certas minorias, como as prostitutas, nunca existiram aqui. No entanto, temos registros em jornais e processos civis, datados de 1940, 50, 60..., que demonstram que a sociedade local já se debatia com a prostituição, tratando-a ora como problema social, ora como problema criminal. Em uma consulta breve ao Arquivo Histórico municipal, já nos deparamos com vários documentos históricos que registram a existência do fenômeno da prostituição em Blumenau.

Neste sentido, um estudo mais aprofundado da prostituição dentro deste contexto, analisando os aspectos morais, educacionais, o racismo, a segregação, em seus aspectos religiosos, políticos e econômicos, demonstra ser de grande utilidade para conhecermos novos aspectos sobre a história da sociedade blumenauense.

Parece-nos que um certo “esquecimento” sobre estes grupos minoritários não se dá ao acaso. O próprio conjunto de atividades em que se constituiu a sociedade blumenauense faz parte de um contexto social mais amplo: o da sociedade burguesa, em que diferentes agentes sociais, como “médicos, juristas, legisladores e até o poder de polícia” (ENGEL, 1989, p. 109) eram empregados para moralizar e controlar as pessoas, através da moralização e controle do sexo e das relações de casamento e parentesco entre as pessoas. Sendo que este controle era usado para “reproduzir a força de trabalho, reproduzir as formas das relações sociais, em suma, proporcionar uma sociedade economicamente útil e política-

mente conservadora” (Foucault, 1985, p.129). Segundo Foucault, dentro desta linha, interliga-se o poder público com a moral religiosa do cristianismo, formulando leis para às chamadas irregularidades sexuais que pudessem vir a ofuscar o controle que a classe dominante vinha mantendo sobre a população.

Observamos ainda que, atualmente, às margens da BR 470, concentra-se um número elevado de casas de prostituição. Perguntamo-nos sobre os motivos que influenciaram este fenômeno. No jornal *A Nação*, de 21.05.1969, encontramos uma nota do Promotor Público de Blumenau, encaminhando um processo ao juiz. Na nota, o promotor está acusando uma mulher de manter uma casa onde se podia manter relações sexuais ilícitas. Relata ainda que a polícia prendeu em flagrante um casal que tinha intenção de manter relação sexual na referida casa. Pelo endereço citado na nota de jornal, verifica-se que ali era uma região de residências de famílias honradas, corretas. Atualmente não existe mais casa de prostituição no referido endereço. Neste sentido, buscamos saber onde se localizaram as casas de prostituições ao longo da história de Blumenau, como elas funcionaram, qual o tipo de relação que elas tiveram com a comunidade próxima, a vizinhança... buscamos saber também quais as ações das autoridades sanitárias, policiais, políticas, religiosas e jurídicas para como a prostituição. Em que medida existe uma relação entre as ações destas autoridades e os locais onde atualmente se situam as casas de prostituição, marcadamente às margens da BR 470 e atrás do campo do BEC.

Faz-se necessário aqui uma nota, esclarecendo que nosso projeto de pesquisa, não incluiu o novo modelo de prostituição que vem se desenvolvendo atualmente. Seu funcionamento se dá através de agências, camuflando a atividade real (que é a prostituição). São casas que apresentam uma fachada de residências familiares e não possuem identificação externa. Sua divulgação funciona através de cartão, recomendações de amigos ou anúncios em jornais. Nunca dão o endereço, apenas um telefone para contato. Nós já visitamos duas destas casas, na etapa anterior de nossa pesquisa,⁴ uma na rua São Paulo e a outra na rua Joinville. Quem passa em frente à casa, desconfia da atividade que se desenvolve em seu interior. Esta forma de prostituição pretendemos investigar mais profundamente em etapa posterior.

Mas voltando ao nosso problema de pesquisa, desejamos saber em que medida o “*desejo de moralizar o espaço urbano*” (MACHADO, 1978: p. 331) influenciou a história da prostituição em Blumenau. É importante buscarmos

saber de que forma as mulheres reagiram as essas ações, quais as estratégias de resistência que elas desenvolveram, quais suas bandeiras, suas lutas, seus sofrimentos e conquistas.

3. Prostituta: Mulher Trabalhadora

A prostituição é um fenômeno fortemente carregado de valores, opiniões, preconceitos e estereótipos. A sociedade geralmente manifesta-se exibindo idéias bem formadas de condenação e reprovação moral dessa atividade. No entanto, conhecer o universo da prostituição é encontrar um mundo de relações de trabalho e, por conseguinte, a prostituta como mulher trabalhadora. Esta identidade profissional implica em uma construção de subjetividade inusitada onde são contrariados os valores determinados pelas instituições tradicionais que impõem ao corpo feminino severas limitações de expressão e sentimento. A subjetividade que se reestrutura na emergência da identidade profissional da prostituição, perpassa por hesitações, tensões e conflitos com as outras identidades incorporadas.

Através de inúmeros estudos historiográficos, dentre os quais destaca-se aqui a obra de Michel Foucault, *A História de Sexualidade*, é possível perceber a existência de diversas construções históricas ao redor dos sujeitos classificados em níveis distintos e fazendo com que uns sejam mais iguais do que outros, e outros mais diferentes. Em vários contextos sociais, culturais ou econômicos, pode-se perceber que os sujeitos diferentes são justamente aqueles que fogem às normas e padrões instituídos pelas sociedades nos diversos tempos históricos, ao mesmo tempo em que são classificados como diferentes a partir de novas normas.

A prostituição aparece sempre como um mal, algo indesejável, detestável e deve ser combatida das mais diversas maneiras, pois acredita-se que o sexo deva ser tratado somente para a procriação. “O lavrador semeia seu campo após tê-lo livrado de toda planta parasita”, assim Foucault⁵ verifica como o pensamento ocidental se posicionava ao relacionar o sexo com a ordem social que determina o sexo correto, o corpo/alma limpo de qualquer deterioramento que leve ao pecado.

É no final do século XIX e início deste, que a medicina social recebe o papel fundamental e a árdua tarefa de organizar o “caos urbano” para a socie-

dade burguesa. Magali Engel retrata em seu livro *Meretrizes e Doutores, saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. *Afirma que os médicos incorporam a tarefa de enquadrar padrões de comportamento sociais, afetivos, sexuais de acordo com as necessidades da burguesia. Ressalta que a partir da medicina social a prostituta passa a ser o objeto do saber médico, pois cabia a eles a “higienização do espaço urbano”, projeto de cunho público e social. A própria autora cita Alan Corbin que observará desde o século XVIII como os médicos sociais representavam as prostitutas. “Quer se trate do excremento, quer se trate da prostituta ou do catador, o incessante vaivém do fascínio à repulsa pontua o discurso do mesmo modo como regula a atitude dos higienistas e dos pesquisadores sociais”.*⁶ Então os que fogem dos padrões normais e morais obtêm parentesco ao lixo? Os médicos sociais ou pesquisadores sociais acreditavam que as doenças sexualmente transmitidas foram produzidas pela prostituição e caberia aos médicos a descoberta das faces da cidade doente. Então o sexo deveria ter a finalidade reprodutora. A atividade sexual que excedesse a esta finalidade seria perversão e, com a perversão, as doenças sexualmente transmitidas. Pressupõem-se então duas alternativas para a mulher: ser sexualmente doente (prostituta) ou sexualmente sadia (esposa/mãe).

No que se refere ao tratamento da prostituição, há duas tendências distintas. Uma das tendências é através de um regulamento sanitário e a outra, através da repressão policial. Os médicos atribuem a si o direito e o dever de zelar pelo correto das instituições como a família, a escola e a igreja.

Os pesquisadores sociais, ligados à ordem burguesa, procurando tornar suas pesquisas necessárias e legítimas, ampararam suas abordagens no modelo médico. Com estas tendências há uma “*ordenação da cidade e o controle dos grupos populares*” (ENGEL, 1989: p.140), dentro de um ponto de vista científico, bem como na concepção do moralismo cristão.

Os sanitaristas produzem idéias para as autoridades civis legislarem e produzirem normas. Então o conhecimento científico, as idéias, vão para os legisladores que, por sua vez, transformam-nas em normas. Pautando-se nestas normas, as autoridades policiais impunham a moralidade através de leis.

O problema da inferiorização da mulher e o uso dela para satisfazer aos impulsos masculinos vêm desde épocas muito remotas, entre os povos bíblicos. Neste sentido, o livro *As Prostitutas na Bíblia, algumas Histórias censuradas* de Jonathan Kirsch, faz um levantamento sobre os tipos de relações entre o

homem e a mulher, a partir da Bíblia e de alguns textos que foram proibidos ou retirados da Bíblia. O que se vê ao longo de todo livro, que tem trezentas e sessenta páginas, é que a condição da mulher, da esposa e dos filhos, é ser propriedade do homem, propriedade que o homem compra, troca, mata, expulsa, usa a seu bel-prazer para satisfação de todas as suas paixões e necessidades. Como se vê nesta passagem, à página 253:

“Assim, o levita levantou-se do canto da sala onde havia estado agachado, cheio de medo, acercou-se do quarto onde a concubina estava também trêmula, e arrastou-a para a porta (...) A moça esbravejava e arranhava enquanto procurava segurar-se ao portal, mas depois vários homens que estavam lá fora agarraram-na pelos cabelos, pulsos e tornozelos. Empurrada para trás e puxada para frente (...) os terríveis sons que vinham da rua, os sons que um bando de homens fazem quando se alternam no ato de estuprar uma mulher, revezando-se repetidamente, fazendo a ela o que bem entendiam, até que o dia começou a raiar”(Juízes, cap. 19).

Essa condição de objeto de posse, sem muito valor, abaixo dos bens como a terra, os animais, produz uma subjetividade tal que raramente uma mulher tem um mínimo de desejo a ser satisfeito. A mulher, para esse povo, é uma mercadoria, e a “*escolha de parceiros sexuais é uma questão de política e diplomacia, e não de amor ou desejo carnal*”. O sexo enquanto prostituição é um trabalho da mulher, a subjetivação do sexo não é mercadoria, a mulher é .

A prostituição, embora exista há longa data, parece acompanhar as características gerais da sociedade.

Na Grécia o contexto cultural é bem diferente. Pois devemos atentar os valores culturais, às divindades gregas, onde a figura feminina é elevada à condição de deusa. Elas são figuras importantes na construção da sociedade grega. Os deuses são valores máximos para os gregos, por exemplo, Atená, fundadora de Atenas, é a deusa da inteligência, trabalho e guerra. Afrodite é a deusa da beleza e amor. Hera é a deusa do casamento, maternidade e das crianças. Artemis é a deusa da caça. Então, observa-se que a mulher na Grécia tem um valor diferente do que o homem. Não é propriamente uma serva do homem.

A atividade sexual entre os gregos e romanos era freqüentemente a relação amorosa entre os homens, ou das mulheres com as meninas.

O termo “prostituição”, para os gregos, não sofre nenhuma desqualificação moral, seja numa orgia lésbica ou no homossexualismo.

No Império Romano, as relações entre os homens adquiriam ainda mais importância. Contudo, a mulher passou a ser meramente uma relação de prazer. Teve sua importância diminuída, diferente da Grécia, sendo que, em Roma, o espaço social do homem era separado do da mulher.

A mulher romana passa a ser um objeto de cobiça, uma mercadoria, comercializada a um bom preço. A mulher romana passa a ser a profissional do sexo, pois especializa-se em massagens, banhos... na arte erótica.

A prostituição começa a ter outra conotação, de desqualificada, desagradável..., com a constituição da cultura cristã, influência dos filósofos gregos e romanos que atendiam a uma minoria da aristocracia que tinham aversão ao sexo, consideravam o *“ato sexual como o perigo prejudicial à saúde”* (Ranke-Heinemann, 1996: p.22).

Esse valor de austeridade, de abstinência sexual, influenciou a cultura cristã em formação, embora os cristãos baseassem a sua abstinência em Jesus. Galeno, século II, médico pessoal do Imperador Marco Aurélio, *“julgava louvável que os cristãos, apesar de sua deficiente filosofia, traduzissem em realidade virtudes autênticas que ele tinha em alta conta, como a continência sexual durante toda a vida”* (Ranke-Heinemann, 1996: p.21).

Assim os cristãos tomaram essas práticas no sentido moral e religioso. O sentido de viver era um *“cuidado de si”* (Foucault, 1984: p. 13). Para uma vida saudável e longa, necessitaria da abstinência sexual que evitaria um mal moral, um pecado, uma ofensa a Deus. É esse discurso moralista que os médicos e outros agentes sociais, preocupados em limpar o espaço urbano, tomam como fundamento para as suas ações contra a prostituição.

A prostituição atualmente tornou-se um rótulo que se dá às pessoas que fogem das normas. E rótulos só podem identificar objetos, coisas e não pessoas.

4. Um pouco da História da Prostituição

Desde o século XII, segundo Jacques Rossiand,⁷ teólogos tentam justificar a existência da prostituição. Isto ocorreu quando a Igreja tornou-se vitoriosa sobre os hereges e concubinos; os teólogos mais lúcidos compreendiam que o *“ordo conjungatorum”*⁸ só se daria através de uma prostituição organizada. Questionavam a esmola, o benefício, o trabalho e até mesmo a identidade da

prostituta, pois na reflexão dos teólogos, poderia haver tolerância com um dos tipos de prostituição. A igreja passou a classificar prostituição em: luxuriosa – mulher que busca o prazer; e prostituição de mulheres estrangeiras – mulher que vendia seu corpo para sobreviver. Então a Igreja tolerava a prostituição da mulher estrangeira que usava seu corpo como fonte de ganho e condenava a mulher que fazia do sexo o uso para seu prazer. Enfim, definia a fornicação simples, ato cometido por prostitutas públicas, como ato que não chegava a turvar o sócio-espiritual, mas o reforçava.

A Igreja tolerava a prostituição pública, que considerava um mal menor, desde que fosse destinado aos solteiros, pois estes não tinham as implicações morais de uma união conjugal assumida por Deus.

Mas estes caminhos doutrinários e morais não prevaleceram por muito tempo. Diferentes setores da sociedade da época passam a se mobilizar contra a prostituição, principalmente a pública. Defensores da família, por exemplo, a partir de 1400, iniciaram movimentos contra a vida mundana. Pensavam que a prostituição deveria ser controlada. Porque os bordéis pareciam apropriadores de jovens solteiros, e que por isso não levavam a sério o matrimônio, pois não assumiam compromissos institucionalizados como formar novas famílias, etc. Por outro lado, as autoridades civis e sanitárias passaram a ver a prostituição como caso de saúde pública que afetava a ética urbana. A prostituição tornava-se um ato contra *natura* e não se poderia deixar que os vícios mundanos atropelassem o curso correto na vida de um bom cristão.

Nos séculos XIV, XV e XVI, de acordo com os estudos de Flandrin,⁹ os documentos eclesiásticos demonstram uma vontade das autoridades religiosas em dominar os comportamentos da vida privada das pessoas. Mas tal intuito não chegou a atingir sua plenitude, “(...) *se a proibição fosse eficiente bastaria proibir uma vez*”.¹⁰

As modificações ocorridas nos comportamentos dos casais estão fundamentadas na “Teologia da Moral” que a Igreja utiliza para a construção de uma sociedade moralista, pois os prazeres sexuais têm fins na construção da família. O sexo é para a procriação. O prazer mundano, na concepção cristã, degrada o Espírito, corrompe a pureza da alma e a impede de elevar-se a Deus.

E para instituir tais práticas de controle sobre o comportamento dos casais, a Igreja fundamenta-se na Bíblia. A partir dela são elaborados os códigos que dirão respeito ao certo e ao errado na questão do sexo.

Na visão da Igreja, na época, o sexo é um mal, uma doença que corrompe o Espírito. Mas como não se podia ter filhos sem o ato sexual, o casamento é um remédio que Deus dá ao homem, para que ele realize o plano da vida e possa ter filhos. Mas deve lembrar-se que o casamento não tem a função do prazer sexual, que continua sendo proibido. A função do casamento é exclusivamente procriadora, como na citação Bíblica de São Paulo a Corintos: “*Penso que é bom para o Homem que não toque em nenhuma mulher. Contudo, para se evitar a impudicência, que cada um tenha a sua mulher e que cada mulher tenha o seu marido. Que o marido proporcione à mulher o que lhe deve, e que a mulher atue do mesmo modo para com o marido*” (I Cor. VII, 1-3).¹¹

Até o século XVI a Igreja via como pecaminoso todo ato sexual, mesmo o que tinha em mente apenas procriar, ainda assim era pecado e deveria confessar e fazer penitência.

E este casamento, que é só para procriar, sem prazer sexual, invade o campo da consciência. Na transição do século XVI para o XVII vê-se surgir novos discursos sobre a problemática do prazer no ato sexual. O esposo deveria unir-se à esposa e não cometeria nenhum pecado, desde que o ato sexual não fugisse do verdadeiro sentido do sexo, a procriação. Passou-se então a proibir o ato sexual que fosse praticado apenas por prazer. O prazer sexual continuou sendo pecado mortal.

A Igreja reforça a caça, agora, ao sexo feito por prazer, “prazer apenas”, multiplicando as proibições. E a partir dos séculos XVII e XVIII, a Igreja utiliza-se dos seus códigos, elaborando proibições como: copular em locais públicos e sagrados, no período de aleitamento, nos dias de jejuns, períodos de impureza da mulher (menstruação), a proibição de certas posições sexuais, sendo só aceitável a dita natural: mulher deitada de costa e o homem por cima dela.

Assim, Foucault nos remete a fazer uma análise do período moderno em que certas idéias e certas concepções vão se firmando. O sexo passa por uma visão, a visão pastoral, da moralidade cristã. É reprimido, e a repressão se dá através da formação.

A Igreja, a partir da Reforma Religiosa, para se restabelecer, utiliza o sexo como dispositivo de poder, de controle. A técnica é a “*colocação do sexo em discurso*”.¹² O século XVIII passa a ser o século do discurso, do policiamento

da língua. A Igreja estende com a confissão a importância de acelerar as regras da moral. Sobre isto atribui a penitência aos cristãos que não as seguirem, desde que façam seu exame de consciência, o exame de si mesmo, para castigarem e se redimirem.

Foucault mostra que na Europa moderna e em todos os países católicos, o sexo passou a ser um enigma, pois deveria ser confessado, é a modificação no falar, não a condenação do sexo por permanecer na obscuridade, mas de terem devotado a falar dele, valorizando-o como segredo.

No momento em que o casamento é institucionalizado, sacramentado, é para atender às necessidades morais. A partir de então, a prostituição torna-se ato “*contra natura*”,¹³ um trabalho ingrato e desqualificado para a sociedade cristã. Mas a prostituição também é vista como reguladora, para manter-se o casamento. As mulheres tornam-se simplesmente objeto de uso, e as rotulam como anomalias, pois estão fora dos padrões normais da moral.

Se Foucault já diz que é possível a existência de diversas constituições históricas ao redor dos sujeitos classificados em níveis distintos e fazendo com que uns sejam mais iguais do que outros, Falcon¹⁴ nos chama a atenção que a História Moderna não passa somente pelos discursos e que não é uma História absolutamente clara, precisa, mas que perpassa por um processo que incorpora ideologias de transformação de concepção em vários contextos sociais, culturais e econômicos.

O mundo moderno é o espaço-tempo em que se constrói uma nova visão de mundo. A luta da Igreja em formar uma concepção, o religioso, místico, saem de cena.

Inicia-se um novo modo de controle, que não é mais o controle exercido pela Igreja, em nome da doutrina, do pecado. Novos agentes vão se constituindo, como racionalismo e o naturalismo ou seja a nova visão do mundo terreno e humano. Então o homem e o mundo tornam-se parte da mesma realidade.

Ao surgimento do individualismo, que marca a ruptura do homem com a sociedade antiga e surge um novo começo, que vem a partir do caráter natural e racional, “*cria-se o campo de afirmação do individualismo: liberdade, igualdade, propriedade, segurança*”,¹⁵ que abre caminho para esta nova sociedade.

O século XVIII marca esta mudança, que é o estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das diversas ciências que operam no espaço-tempo e do conhecimento, que reelaboram novas concepções de valores: civilização, humanidade, religião e progresso.

E a prostituição é o exemplo disto: para que houvesse uma reformulação na sociedade, ela passa a ser alvo dos discursos dos médicos, sanitaristas, juízes, etc.

Foucault nos mostra como o pensamento, na sua relação com a verdade, tem também uma história, enquanto uma história do pensamento da verdade como objetivação, que significa uma problematização, não de objetos que existem, mas do conjunto das práticas discursivas e não discursivas que se constituem como objeto para o pensamento, como “*um jogo de verdadeiro e falso*”¹⁶, em relação a uma reflexão moral, do conhecimento científico, análise política, etc.

Assim Foucault analisou a passagem da medicina moderna, que é uma medicina social, cuja finalidade é para a prática social, para a nova medicina, do individualismo, pois, utiliza-se de aspectos individualistas e valoriza as relações médico-paciente. E dá início, com o capitalismo florescente do século XVII e XIX, a uma nova prática, pois a medicina passa de coletiva para privada, atendendo às necessidades do sistema.

O trabalhador não é somente controlado pela consciência ou ideologia, mas como um corpo, força de trabalho, biológico.

O Estado através da medicina social apropria-se deste corpo para, em nome da ciência, organizar seu aparelho político, “*produziu uma cumplicidade e a burguesia ofereceu seus homens, sua capacidade, seus recursos, etc., à organização do Estado*”¹⁷.

Este mecanismo desenvolveu nas cidades a normalização dos médicos estatais, da profissão de médico, que fora utilizado pelo Estado para organizar o “*pânico urbano*”¹⁸.

Com o surgimento da classe social, a burguesia, formada por comerciantes, manufactureiros, surgida do renascimento, promoveu o desenvolvimento do comércio e a redefinição no mundo do trabalho no qual essa classe conseguiu participar do governo econômico e político. A essa classe se juntaram; juízes, advogados, médicos, grupos com conhecimento técnico e administrativo, o que culminou com a expansão das Universidades.

De acordo com Julia Varela¹⁹ as Universidades exerceram o controle

das profissões, e as masculinizaram, deixando para as mulheres uma única perspectiva de vida, o casamento, ou exercer trabalhos rejeitados pelos homens ou ainda aumentarem a massa de mulheres marcadas com o signo da maldição, ou seja, bruxas, feitiçeras ou prostitutas, que formavam um coletivo de sujeitos sem status.

As prostitutas formavam um dos primeiros contingentes de trabalhadores assalariados, que tiveram que submeter-se a normas profissionais. Porém seu trabalho introduziu, como nenhum outro, uma inovação: a venda do próprio corpo, ao contrário dos outros trabalhadores que vendiam somente sua força de trabalho.

A prostituição constituiu-se também num ritual de iniciação sexual obrigado para os jovens burgueses e artesanais. No campo da prostituição, esse campo diminuído e codificado, se entrecruzou, condensou e expressou as relações de poder, que então se instituíram entre os grupos sociais e os grupos dos sexos.

O fato é que na prática, a totalidade de mulheres que não se submetiam às regras de normalização, regras essas em grande parte impostas pela Igreja, se viram tachadas de mulheres públicas. Deste modo naturalizou-se a prostituição.

O vínculo do casamento pode assim aparecer como um vínculo nobre pelos interesses econômicos, entre outros. E a prostituição, vista como um “*mal necessário*”²⁰ como reguladora do casamento, permitiu vender, de forma salarial, as relações sexuais.

Assim a medicina desempenhou seu papel, pois em nome dela o discurso passou de um olhar sobre o social, para um olhar sobre o corpo do indivíduo. No século XIX, fortificou-se a disciplinação e a normalização para penetrarem nos corpos e construir um novo comportamento, instalou-se, como diz Foucault “*um aparelho punitivo, um dispositivo de seleção entre os normais e os anormais*”²¹.

5. Um Pouco da História de Blumenau

“Ao se falar em trabalho e mulheres, é comum pensar-se, *antes de tudo, no trabalho doméstico.*”

(Cristina Scheibe Wolff)

No século XX é atribuído à mulher o caráter de trabalhadora. De acordo com Wolff²² a partir da década de 70 o movimento feminista procura dar visibilidade ao trabalho doméstico. A história cristã, cita que países da Europa, como Itália, assumem algumas medidas para regularizar o trabalho doméstico realizado geralmente por mulheres, o cuidar dos filhos, etc., para que seja remunerada.

Firmando-se na perspectiva marxista para definir que o trabalho doméstico é produto, o movimento feminista mostrou que do trabalho doméstico resulta um produto, produzido como mercadoria, a mão de obra.

Há portanto, uma preocupação grande de colocar em visibilidade, de utilizar o trabalho de mulheres não só no âmbito doméstico, mas em outros tipos de trabalho como uma articulação das esferas da produção e da reprodução social e das relações entre classes e sexos, segundo Daniele Kergoat:

*Em se cruzando o lugar na produção (lugar atual ou passado) e a reprodução com os momentos de vida (definidos pela intersecção da história pessoal e social) uma tal abordagem permite desde já avançar hipóteses explícitas sobre as modalidades de formas de luta (individuais e/ou coletivas), contra a exploração e/ou opressão das mulheres e dos homens de classe operária.*²³

Em Blumenau, como em boa parte do mundo, o trabalho das mulheres não era só afazeres domésticos, cuidar dos filhos, cozinhar..., mas com a ascensão da indústria têxtil na última década do século XIX, fica difícil estabelecer o espaço doméstico e o não doméstico.

Porque desde a metade do século XIX “a mulher não existia enquanto indivíduo”²⁴, isto numa linguagem econômica-política.

Neste período o trabalho agrícola era considerado um trabalho familiar, natural, não cultural ou social, considerava-se uma extensão dos trabalhos domésticos. Então a mulher e os filhos constituíram-se importante força do trabalho para o chefe da família.

A colônia Blumenau iniciou-se a partir de uma empresa particular, encabeçada pelo Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, com a chegada em 1850, dos primeiros colonos. E em 1860 vendeu a colônia ao Império por motivos de dificuldades financeiras, e continuou administrando-a até 1882, quando emancipou-se, tornando-se município.

Os imigrantes que aqui chegaram eram artesãos ou lavradores, que vieram da Alemanha conturbada política e economicamente. Demarcados os lotes em 1852 e vendidos aos colonos, estes dedicam-se à agricultura. “*O trabalho escravo era proibido pelos estatutos da colônia: era contrário às convicções de seu fundador, além de contrapor-se aos interesses das autoridades e latifundiários brasileiros*”.²⁵ Desta forma haveria um incentivo à imigração. Contudo, o aumento da mão de obra feminino cresceu em 1897, como o próprio Dr. Blumenau afirma em sua carta sobre a importância da mulher para auxiliar os homens e cuidar da casa.

Porque ser colono significa ter uma pequena propriedade; então a mulher era peça fundamental na vida de um colono, pois fazia de graça todas as tarefas domésticas, auxiliava no trabalho da roça, além de oferecer carinho, companhia e filhos.

A família para o colono era importante, principalmente a mulher, pois esta relação ultrapassava a força do trabalho, porque a “*solidão da floresta virgem os afligia*.”²⁶

E a mulher valorizava a família, e seu trabalho feminino sustentava a tradição e a manutenção dos hábitos e costumes tradicionais.

O trabalho agrícola muitas vezes ficava a cargo da mulher e dos filhos, enquanto o homem trabalhava em outras propriedades e/ou serviços. Conforme relato de 1875 do Sr. Augusto Sievert, chegado em Blumenau ainda criança: “*Além dos trabalhos da roça, eu ainda trabalhava, durante seis meses cada ano, na Companhia Salinger (...). e, durante estes meses, minha mulher ficava sozinha na colônia com nossos dois filhos, Walter e Willy, auxiliada apenas por uma empregadinha de 12 anos*”.²⁷

A industrialização em Blumenau dá-se em 1880, com o aparecimento da malharia Hering - 1880, e das tecelagens de algodão - Karsten - 1882 e Garcia - 1885. Eram empresas unicamente familiares. Porém, com o seu crescimento, surgia a necessidade de admissão de funcionários. E estes eram principalmente mulheres. Em 1917, havia 250 operários empregados, donde 60 eram homens e 190 mulheres.

Observa-se que o número de operárias era maior, pois o trabalho de costura, tecelagem e fiação eram tradicionalmente trabalhos caseiros e artesanais, tarefa feminina. Eram as que menos ganhavam.

A mulher tinha jornada dupla ou tripla de trabalho, na roça, na casa

e na empresa, mas não era visível o trabalho assalariado, porque eram vistas como reprodutoras e não como trabalhadoras.

A vida de uma mulher em Blumenau, a partir de 1914, principalmente no período da I Guerra Mundial (1914-1918) e anos seguintes, era muito difícil, pois, ela dificilmente era vista como operária por toda a vida, pois intercalava o trabalho na indústria com a vida doméstica e agrícola.

O cotidiano feminino incorporava outras atividades diversas que não eram vistas como trabalho, mas como obrigações ou até lazer, os retoques na arrumação da casa, cuidados com o filho ou marido doente, trabalhos manuais como bordados, tricô, crochê... atividades que preencheriam o dia e a noite.

As mulheres geralmente tinham ganhos inferiores aos homens, porque seu trabalho assalariado (nas fábricas) era muitas vezes feito por mulheres jovens, que utilizavam seu ganho para ajudar a família e para comprar seu enxoval, ou por senhoras mais velhas que geralmente costuravam em casa, onde dividiam o trabalho para a fábrica com as atividades rurais.

Observamos que o trabalho feminino em Blumenau, constituiu-se basicamente em mão de obra barata, que possibilitou o crescimento das indústrias têxteis, e que a jornada de trabalho era dividida em trabalho na fábrica e trabalho doméstico/rural, cujas atividades do lar e no campo não eram consideradas como dois trabalhos, mas uma única atividade.

O trabalho das mulheres tornava-se invisível, pois normalmente eram identificadas como reprodutoras e não trabalhadoras, havendo grande rotatividade na mão de obra operária.

Criaram-se óticas diferentes na constituição e formação da mulher blumenauense. Elas estavam presentes em todos os setores da economia, como força de trabalho, mas não se dava de maneira homogênea. As mulheres da classe mais pobre, além do trabalho doméstico, também estavam no trabalho agrícola, industrial, comercial... Enquanto as das classes abastadas, restringiam-se ao trabalho doméstico.

Embora o trabalho se restringisse ao trabalho doméstico, as mulheres ricas realizavam diversas atividades, como costurar, cozinhar e educar seus filhos.

A formação da mulher em Blumenau, se dava em torno da “boa dona de casa”, embora se diferenciava segundo a classe social e o local em que morava. As mulheres de classe alta eram consideradas “boas mães”, esposas e donas de casa, caprichosas elegantes e muito econômicas. Boas educadoras para seus

seus filhos. Para as mulheres de classe popular, o trabalho significava não só o doméstico, mas o agrícola, como também o industrial.

A boa operária se caracterizava pela obediência, e pela reprodução social dos valores culturais. Como diz Daniele Kergoat “as operárias não são operárias não qualificadas ou trabalhadoras manuais porque são mal formadas pela escola, mas porque são bem formadas pela totalidade do trabalho reprodutivo”.²⁸ Isto nos mostra que a formação cultural das mulheres em Blumenau não são só as habilidades importantes para o trabalho, mas que são diversos mecanismos culturais e sociais que constituem a boa trabalhadora.

Com isto cria-se uma imagem diferente da mulher alemã, comparada às demais mulheres brasileiras. Em Blumenau, o trabalho tem um sentido social e cultural. A própria Igreja Católica e/ou Luterana o enfatizam:

As preocupações e o trabalho do lar não irritam uma mulher brasileira, estas coisas prosaicas ela deixa a cargo das escravas, das negras, das mulatas. (...) Cuida pouco ou nada do lar e da educação das crianças. Na vida pública e na vida social ela está em último plano, ela é a flor que enfeita o homem, ela se dedica com o ardor e com o brilho, mas, não como amiga e colaboradora. (...) A mulher do colono alemão não conhece bem horas de lazer, para ela só existe trabalho e mais trabalho, a carga do trabalho da casa e que trabalho quando existem 10 a 12 filhos ou mais, está em suas costas..²⁹

O próprio fundador já dizia “... *uma mulher é boa dona de casa (...)* *uma esposa é tão necessária como o pão de cada dia*”.³⁰

Em suma o papel da mulher em Blumenau era lavar, passar, cozinhar para manutenção familiar. Saber fazer pão, cerveja, cuidar da criação, plantar... ajudar o seu marido, seja qual fosse sua profissão, além da educação dos filhos e estar na produção agrícola, artesanal e industrial. Se fazer respeitar, era uma obrigação para uma moça-alemã, pois deveria ser asseada, econômica e fazer sexo só após o casamento. Assim se dava uma boa mãe, mulher e esposa.

Assim tentou-se construir a imagem da boa mulher, mãe, através das normas que eram pregadas pela Igreja, pelo seu fundador e sociedade em geral, observada em periódicos que circulavam em Blumenau. Conforme o jornal *A Cidade*, de 28.09.1929: “*A grandeza da nossa Pátria depende da cultura moral, intelectual de seus filhos. A grandeza e felicidade de cada um deles depende da boa ou má escola paterna que viram com os olhos e beberam com inteligência.*”

*A boa escola é: moralidade, instrução, justiça, higiene e economia. (...)*³¹

Notas de Fim

³ A expressão “mal necessário” foi cunhada pelos médicos sanitaristas do século XIX, que buscavam moralizar o espaço urbano e encontraram na prostituição um forte elemento em suas ações para “limpar” as cidades. Convenceram-se de que não tinham meios suficientes para eliminar a prostituição. Passaram então a exercer várias formas de reclusão das prostitutas aos espaços previamente indicados por eles, a fim de poderem exercer um controle sobre elas, que passaram a ser toleradas como um “mal necessário” para o bom funcionamento da sociedade burguesa e de suas instituições, marcadamente a instituição casamento. Roberto Machado, Magali Engel e Margarete Rago nos apresentam farta documentação sobre o assunto. “Pela necessidade de o homem descarregar sua sensibilidade (...) a prostituição torna-se indispensável como válvula de escape”. ENGEL, 1989, p. 109.

⁴ Veja-se **A Construção da Subjetividade no Mundo da Prostituição**. Blumenau. Relatório de Pesquisa - FURB.

⁵ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. V. III - O cuidado de si. 1985. p.129

⁶ Alan Corbin *apud* ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840/1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 54.

⁷ ROSSIAND, Jacques. A prostituição. In: MARQUES, Adhermar Martins, BERUTTI, Flávio costa e FARIA, Ricardo de Moura. **História Moderna através de textos**. 1999, p. 52.

⁸ Idem.

⁹ FLANDRIN, Jean-Louis. A sexualidade: da doutrina da Igreja à realidade dos comportamentos. In: MARQUES, Adhermar Martins; BERUTTI, Flávio Costa; FARIA, Ricardo de Moura. **História Moderna através de textos**. 1999, p. 153.

¹⁰ Idem, *ibidem*.

¹¹ idem, p. 154.

¹² FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal.

¹³ ROSSAND, Jacques: A prostituição. In: MARQUES e BERUTTI, *op. cit.*, p. 53.

¹⁴ FALCON, Francisco J. C. Introdução à História Moderna. In: MARQUES e BERUTTI, *op. cit.*, p. 11.

¹⁵ Idem, p. 13

¹⁶ FOUCAULT, Michel. Nós, vitorianos. In: **A história da sexualidade: a vontade de saber**. V. 1. Rio de Janeiro, Graal.

¹⁷ Idem.

¹⁸ idem.

¹⁹ VARELA, Julia. Genealogia y feminismo. In: **Nacimiento de la mujer burguesa: el ambiente**

desequilíbrio do poder entre los sexos. Madrid: La Piqueta, 1997. Cap 2 (Colección: Genealogía del poder).

²⁰ ENGEL, op. cit.

²¹ FOUCAULT, op. cit.,

²² WOLFF, Cristina Scheibe. **As mulheres da colônia Blumenau: cotidiano e trabalho (1850-1900)**. São Paulo, 1991. Dissertação (Mestrado em História) - PUC - SP.

²³ KERGOAT, Daniele. Em defesa de uma Sociologia das Relações Sociais. In: **O Sexo do Trabalho**. Apud WOLFF, op. cit., p. 26.

²⁴ TALAHITE, F. Hakiki. Publicado artigo em **O Sexo do Trabalho**. In: WOLFF, op. cit., p. 27.

²⁵ WOLFF, op. cit., p. 32.

²⁶ Idem, p. 33

²⁷ "Um veterano depõe". Entrevista com o Sr. Augusto Sievert. **Blumenau em Cadernos**, Tomo III, n. 4, abr. 1960, p. 61. Apud WOLFF, op. cit., p. 33.

²⁸ KERGOAT, op. cit., p. 48

²⁹ BREITENBACH, W. Über das Deustschtum in Süd Brasilian. Tradução Curt W. Henninhs, Arquivo Histórico Fundação Casa Dr. Blumenau. in WOLFF, op. cit., p. 51.

³⁰ WOLFF, op. cit., p. 55.

³¹ A cidade de 28.09.1929. Jornal de circulação municipal onde se utiliza deste mecanismo para vender mercadorias, sendo valorizado pelas empresas a moral e a boa formação familiar. (Notícia para vender o tônico capilar Petrolina Minâncora).

Referências Bibliográficas

BACELAR, J. A. **A família da prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELTRÃO, I. R. **Corpos dóceis, mentes vazias, corações frios: didática, o discurso científico do disciplinamento**. São Paulo: Imaginário, 2000.

DIMENSTEIN, G. **Meninas da noite**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992.

ENGEL, M. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. v. 1. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. v. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade: o cuidado de si**. v. 3. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GASPAR, M. D. **Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social**.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

KIRSCH, J. **As prostitutas na Bíblia**: algumas histórias censuradas. Tradução por: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998. Tradução de: The harlot by the side of the roof: forbidden tales of the Bible.

MACHADO, R. et al. **Danação da norma**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MARQUES, A.; BERUTTI, F.; FARIA, R. **História moderna através de textos**. São Paulo: Contexto, 1999.

MURPHY, E. **História dos grandes bordéis do Mundo**. Tradução por: Heloísa Jahn. 2. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994. Tradução de: The Great Bordellos of the World.

PERROT, M. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

RAGO, M. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RANKE-HEINEMAN, U. **Eunucos pelo reino de Deus**: mulheres, sexualidade e a igreja católica. Tradução por: Paulo Fróes. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1996.

RENAUX, M. L. **O outro lado da história**: o papel da mulher no vale do Itajaí - 1850/1950. Blumenau: FURB. 1995.

SILVA, J. F. da. **História de Blumenau**. 2. ed. Blumenau: Fund. "Casa Dr. Blumenau", 1988.

_____. **A imprensa em Blumenau**. Florianópolis: IOESC, 1977.

SPINK, M. J. **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

VARELA, J. Genealogia y feminismo. In: **Nacimiento de la mujer burguesa**: el ambiente desequilibrado do poder entre los sexos. Madrid: La Piqueta, 1997.

WOLFF, C. S. **As mulheres da colônia Blumenau**: cotidiano e trabalho (1850-1900). São Paulo, 1991. Dissertação (Mestrado em História) - PUC - SP.

A seguir é publicada a tradução de texto inserido no relatório do ano letivo de 1935, da Escola Alemã de Blumenau,¹ através do qual se toma conhecimento das atividades de uma Escola de Artífices, em Blumenau.

Sentindo a necessidade de se oferecer instrução técnica para a formação de jovens artífices, a União de Artífices de Blumenau organizou, em 1933, uma escola para tal fim, que funcionou no prédio da antiga Escola Alemã, que na época era dirigido pelo Sr. Ludwig Sroka. O texto dá conta do desenvolvimento e das atividades da escola de artífices entre 1933 e 1935. Revela ainda a fundação de outras duas escolas similares no Alto Vale do Itajaí, durante este período, e que ficaram subordinadas à direção escolar em Blumenau.

O relatório da Escola Alemã faz parte do acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Escola de Artífices de Blumenau²

Em setembro de 1933 foi criada, em conjunto com o diretor da Escola Alemã, a Escola de Artífices pela União de Artífices de Blumenau, instituição fundada no mesmo ano. A Escola Alemã colocou suas salas à disposição para as aulas, sem qualquer custo. O Dr. Sroka tornou-se também diretor da Escola de Artífices, que foi incorporada à estrutura técnica e administrativa da Escola Alemã, enquanto que a União de Artífices de Blumenau, agora Sindicato dos Empregadores Industriais de Santa Catarina, é o representante legal da instituição.

¹ Deutsche Schule Blumenau. Bericht über das Schuljahr 1935. 46. Jahrgang. Blumenau.

² Tradução: Méri Frotscher.

Fragmentos de nossa história local

Por conta da falta de uma formação teórica da nova geração de artífices, a União considera o trabalho na Escola de Artífices como sua tarefa mais urgente. Há duas grandes dificuldades a serem superadas: de um lado, há que se eliminar o preconceito de demais círculos de artífices contra uma escola deste tipo, na qual o aprendiz somente deverá receber aulas. De outro lado, deveria ser criado um plano de ensino a partir da práxis, que tomasse em consideração os diferentes tipos de instrução preparatória dos alunos e que, na medida do possível, fizesse jus a todas as profissões aqui representadas, que não podem ser lecionadas em separado por conta do número pequeno de alunos.

A instituição foi aberta em 1933 com 25 alunos, que inicialmente foram reunidos numa mesma sala. Dois professores proferiam as aulas.

Em 1934 o número de estudantes aumentou para mais ou menos 30. No mesmo ano os alunos foram divididos em duas salas. O número de professores aumentou para quatro. Dois técnicos, sem formação pedagógica, colocaram-se à disposição para trabalhar sem remuneração.

Neste ano houve uma rápida evolução. Cerca de 50 alunos foram ensinados por cinco, mais tarde, seis professores, em três classes. Cada professor trabalhou seis horas semanais.

No final de 1935, com a presença de representante do *Reich* e de uma série de artífices, foi realizada, pela primeira vez, a prova final.

No ano deste relatório foram realizadas as primeiras provas de aprendizes. Cinco alunos que haviam terminado seu período de aprendizagem e que deixaram a Escola de Artífices para trabalhar em outros locais, foram aprovados.

Em 1935, foram criadas escolas de artífices em Rio do Sul e em Hansa-Hamônia, subordinadas à direção escolar em Blumenau. Representantes destas escolas eram os grupos locais da União de Artífices.

O corpo de professores da Escola de Artífices de Blumenau era formado pelos seguintes senhores:

(Quase todos os professores atuaram como voluntários).

Nr	Nome	Profissão	Disciplina	Classe
1.	Dr. Sroka, Ludwig	Conselheiro Escolar	Diretor da Escola	
2.	Gerlach, Rodolfo	Professor	Português Redação de correspondências em português	I II
3.	Hacke, Richard	Talhador Vice-Diretor	Cálculo Elementar Física e Química Desenho a mão livre	I I I
4.	Kiel, August	Engenheiro	Matemática	III
5.	von Knoblauch, Franz	Arquiteto	Confecção de maquetes e de projetos arquitetônicos	II e III
6.	Martins, Heinrich	Professor	Aritmética, Geometria Álgebra, Mecânica	II II
7.	Niemeyer, Hans	Mestre em Latoaria Diretor da União de Artífices	Jurisprudência Administração	III III

São recolhidos mensalmente 5\$000 de mensalidades escolares. Já que esta receita quase não é suficiente para a aquisição do material escolar necessário - livros, maquetes, instrumentos para desenho - a escola agradece qualquer contribuição financeira. Uma alegria especial nos causou uma doação de livros didáticos e de material de desenho da velha pátria de origem.

No decorrer do ano seguinte será agregado à instituição um curso de aperfeiçoamento para aprendizes que trabalham com metal, construção civil e madeira.

Richard Hacke,
Vice-Diretor da Escola de Artífices
Chefe da Formação de Aprendizes da União de Artífices

Tristeza no dia do soldado de 1947

TEXTO:
ALBERTO P.
BAUMGARTEN*

Dias destes passei em frente ao 23º R.I., revendo com muitas saudades a Praça de Esportes, local onde nos anos de 1955/56, estive servindo o exército, e com certeza metade deste tempo estive em contato com o esporte. Mas nem tudo são boas recordações, muito me entristece ao lembrar de um acontecimento nos idos de 1947, exatamente a 25 de agosto, Dia do Soldado, episódio que veio a enlutar nossa pacata Blumenau. Esta data é muito reverenciada pelo Exército Nacional. Neste ano, o grupo escolar em que eu estudava fôra um dos estabelecimentos de ensino convidado para as festividades: o Grupo Escolar Luiz Delfino.

A partir das 8h, iniciaram-se as festividades e competições no 32º Batalhão de Caçadores¹, para homenagear o dia do soldado. Durante toda a manhã, grande variedade de jogos eram disputados, como ping-pong, futebol, corridas de 100 e 200 metros, saltos de altura e distância, enfim, era uma verdadeira mini-olimpíada infantil. Nos intervalos dos jogos era servido farto lanche e refrigerantes. Para recompensar os mini atletas que se destacavam nas diversas modalidades, muitas medalhas eram oferecidas.

A grande área destinada às festividades e às disputas estava colorida, alegre e muito agitada. Os pequenos atletas não viam a hora de disputarem suas provas.

As solenidades do dia do soldado, que foi realizada no dia 25 de agosto daquele ano de 1947, culminaram com um trágico final que entristeceu várias

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

¹ Esta denominação de 32º Batalhão de Caçadores deu-se na constituição desta companhia que chegou a Blumenau em 1939. Posteriormente passou a chamar-se 23º Regimento de Infantaria.

peças e causou profundas repercussões entre a comunidade blumenauense e cidades vizinhas.

Após o almoço, lá mesmo no quartel, quando terminara o primeiro período do evento, muitos dos estudantes iam de volta para seus lares e foram transportados com os verdes veículos do exército e da prefeitura de Blumenau. Em um destes veículos destacava-se um caminhão do 32º B.C., que transportava aproximadamente umas 30 crianças do Grupo Escolar Luiz Delfino. Em determinada altura da rua Amazonas, o veículo quis ultrapassar outro caminhão, que também transportava crianças. Porém, foi infeliz na ultrapassagem, foi de encontro a um poste de energia elétrica. O acidente foi quase em frente à Matilde Odebrecht e também a uns 200 ou 300m do hospital Santa Catarina.

O alvoroço foi enorme, eram gritos, choros e muito sangue por todo lado. Os maiores problemas eram costelas fraturadas e trincadas, braços e pernas também. Isto fez com que toda a equipe médica e todo o corpo de enfermagem do hospital Santa Catarina, chefiados pelo competente médico Dr. Rhomada, ficasse à disposição dos acidentados, nos dias que se seguiram. Diversos amigos meus estavam feridos gravemente. Foram colocados provisoriamente sentados e deitados sobre a calçada à espera de quem os levasse ao hospital para serem socorridos. Foi uma terrível e longa tarde de horror.

Werner Greuel, Gumercindo Caminha (Misso), Adalberto Baumgarten e Rui Teotônio da Silva são alguns amigos que me vêm à memória.

O caso mais grave aconteceu com Ralf, filho de Ludwig e Hilde Markert. A família Markert era nossa vizinha e muito amiga na rua Getúlio Vargas. No acidente, Ralf teve seu braço direito seccionado. Esvaindo-se em sangue, foi levado com urgência para o hospital Santa Catarina, porém de nada adiantou, veio a falecer na madrugada do dia 26 de agosto.

No dia 27, Blumenau acordou de luto, estava silenciosa e triste. Na hora do fêretro, a rua 15 estava repleta de pessoas em ambas as calçadas. Todas aguardando a passagem do carro que conduzia o nosso pequeno amigo. Após a subida do morro da Igreja Protestante, o corpo de Ralf chegou ao destino e, em lugar romântico e silencioso, cercado de altos e garbosos ciprestes, foi dado à sepultura.

Além das palavras religiosas para confortar os familiares, proferidas

pelo pastor da comunidade, o senhor Hans Methner, também falou na oportunidade o comandante do batalhão, o coronel Irapuan.

O motorista do caminhão que provocou este acidente foi preso ali mesmo no local, pois testemunhas que assistiram à colisão disseram que o veículo, quando realizou a ultrapassagem, desenvolvia velocidade que não era permitida pelo regulamento de trânsito.

Não consigo me lembrar ao certo, porém, acho que nunca mais houve outros encontros no quartel, para festejar qualquer tipo de evento, com alunos das escolas primárias.

Semanas antes de escrever estas memórias, na semana do dia de finados deste ano de 2002, fui até ao cemitério evangélico. Os túmulos estavam todos caprichosamente cuidados e floridos, pareciam um festival alegre de cores. A sepultura de Ralf estava cercada do silêncio e do romantismo, à sombra dos verdes e velhos ciprestes, como há 55 longos anos atrás.

Sua memória continua viva, não somente na lembrança de seus familiares, mas também em todos aqueles que viveram o trágico dia 25 de agosto de 1947.

Ralf Markert nasceu a 22/01/1939 e nos deixou em 26/08/1947, com a tenra idade de 8 anos...

Aleixo Maba, meu tipo inesquecível

TEXTO:
ORLANDO
OLINGER*

Existem criaturas que entram em nossas vidas de forma marcante, sob diversos aspectos.

Nasci em 1930 e desejo contar como, em 1942, apareceu lá na ferraria do meu pai, um sujeito meio baixo, atarracado, alegre, pedindo um emprego.

Papai olhou-o com simpatia, fez algumas perguntas, gostou da sinceridade nas respostas, propôs um valor para ensinar-lhe a profissão; como de praxe, ganharia casa, comida e ajuda de custo. No dia seguinte, veio com uma pequena trouxa, onde trazia roupas e objetos pessoais.

Disse chamar-se Aleixo Maba e procedia de Baixo Baú, perto de Ilhota, Santa Catarina.

Como papai possuía três carros de mola (tipo táxi), precisava de uma pessoa versátil, dito “pau pra toda obra”, isto é, trabalhar de dia na ferraria e ajudar a cuidar dos cavalos de tração, alimentá-los, lavá-los e, à noite, levá-los às pastagens da vizinhança.

Eu e alguns amigos estudávamos no Colégio Pedro II e gostávamos de cavalgar à noite, depois da faina diária.

Aleixo, com seu jeitão, conquistou a todos na oficina, bem como aos meus amigos.

Contador de histórias do folclore litorâneo, cujo personagem principal era “Pedro Malazarte”, esperto e com tiradas hilariantes.

Ensinou-nos os costumes açorianos, o “boi de mamão”, o “terno de reis” e outras brincadeiras que desconhecíamos.

Trabalhava “no duro”, suava a camisa no árduo trabalho diário e, à noite, depois da “ceia”, como chamávamos o jantar, sentava-se conosco, sobre um balaio de cipó e nos prendia “pelo beíço” contando com rara habilidade suas histórias (um “causo”).

Alimentados os cavalos, dávamos água, pois nem sempre havia regatos nas pastagens da vizinhança.

Aquelas reuniões descontraídas, pertinho

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

das cocheiras, tornaram-se um hábito diário, no qual o Aleixo, apesar do pouco estudo (mal fizera o primário), mas aos 17 anos possuía uma memória incrível, sempre atendendo quando eu ou alguns dos meus amigos pedia: conta mais uma...

Lá pelas 10 horas da noite, após a rotina, montávamos os cavalos escolhidos, a fim de dar uma corrida no bairro Bom Retiro, após o que, soltos os animais, voltávamos, cabrestos nas mãos, em alegre e descontraído bate-papo.

Certa noite, alguém contou que ali no Bom Retiro existia o pomar de um alemão com as pêras despencando das árvores carregadas.

Aleixo sugeriu que déssemos uma espiadela...

Amarramos os cavalos no muro da moradia e fomos adentrando na propriedade; Aleixo fez um sinal com os dedos sobre os lábios e aproximou-se da casa às escuras, onde um pouco de luz apareceria nas frestas das janelas.

Tempo de guerra era proibido falar alemão, italiano ou japonês, com penas severas, até prisão em Florianópolis.

Aleixo ficou escutando perto de uma janela, tudo escuro como breu. Ouvíamos vozes em alemão, sinos batendo ritmados.

Como a “barra” parecia “limpa”, subimos e começamos a colher as pêras.

De repente, ouvimos uma voz com sotaque alemão, bradando furioso: desçam daí, seus ladrões!

Cautelosos, camisas cheias de frutas, descemos apavorados.

O homem portava uma lanterna e segurava pela coleira dois mastins que latiam e espumavam impacientes.

Agora vou chamar a polícia para prender vocês todos! – vociferou...

Com o coração batendo descompassado, ouvimos a voz do Aleixo dizendo com toda a calma: acho bom mesmo o senhor chamar a polícia, pois eu quero também contar que ouvi vocês escutando a Rádio da Alemanha. Só hoje afundaram 14 navios, pelas batidas do sino!

Ao ouvir isso, o homem acalmou-se, abrandou o tom ameaçador e sugeriu: vocês não precisam fazer isto, podem levar as frutas que quiserem hoje e quando quiserem podem buscar mais de dia, é só pedir.

Aleixo, calmo, só disse: “Tudo bom, é assim que se fala!” Saímos montados em nossos cavalos com as camisas estourando de frutas.

Somente então ouviu-se uma gargalhada de aprovação ao nosso “contador de histórias”.

Em 21/02/1945, quase dois anos depois, soubemos de sua morte heróica na batalha de Monte Castelo.

Comovidos, choramos a perda do querido amigo soldado Aleixo Herculano Maba, herói do glorioso Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial!

Memórias

Escola Barão do Rio Branco¹ - Parte final

Passados mais de 40 anos desde que saí da Escola Barão do Rio Branco, a “Barão” cresceu! E como cresceu! Dona Ilse se manteve à frente da escola até 2000 e ao longo destes quase 50 anos provou à sociedade blumenauense que aquele início, em março de 1953, com apenas 17 alunos, foi o primeiro passo para uma longa jornada. A instalação da Escola Barão foi uma grande iniciativa da Comunidade Evangélica, que muito bem soube substituir D. Ilse pelo Pastor Hugo Westphal.

Parabéns, Barão, pelos 50 anos de atividades! E que a cada novo ano que se somar ao teu meio século seja sempre de sucesso!

A todos os professores que já foram e que ainda o são, a todos os ex-alunos e alunos, e aos idealizadores...

Parabéns!

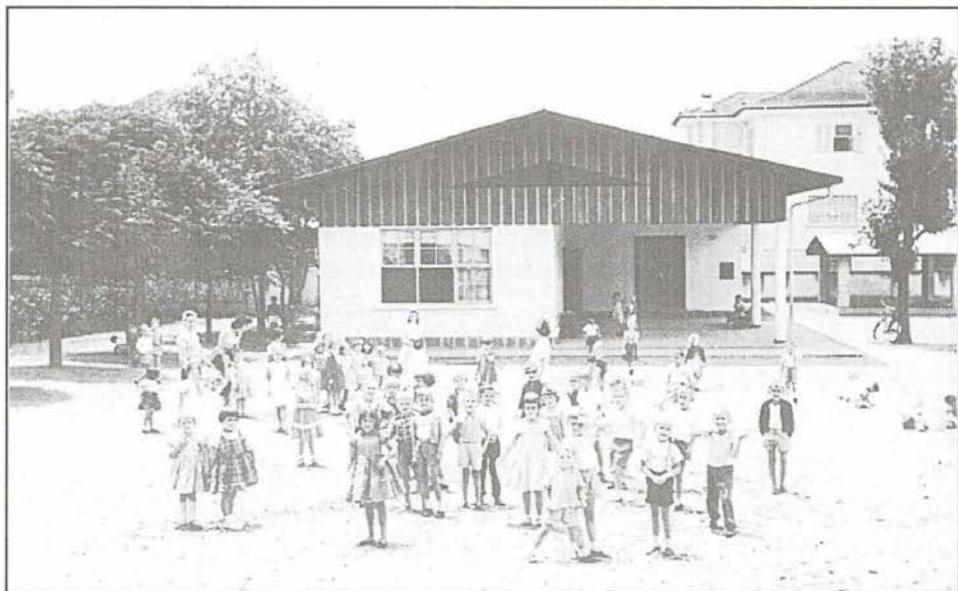


No 2º dia de aula. A turma na sala.

TEXTO:
BRIGITTE
FOUQUET
ROSENBROCK

BLUMENAU
em Cadernos

¹ Este texto é a parte final do artigo sobre a Escola Barão do Rio Branco, publicado na edição anterior da revista Blumenau em Cadernos.



Prédio do Jardim de Infância e Pré-primário da Escola Barão do Rio Branco. Alunos da 2ª. turma, do jardim e do pré, na hora do recreio. Blumenau - 1958.



Primeira turma do Pré-primário, com a professora Brigitte Rosenbrock.
Blumenau - dezembro de 1957.

Entrevista

A vida fora das fábricas: o cotidiano dos operários da indústria têxtil de Blumenau (1950-1970)

ENTREVISTADOS:
SR. MÁRIO E
SRA. PAULA KRATZ

ENTREVISTADORES:
CRISTINA
FERREIRA E
RICARDO
MACHADO



A seguir publicamos entrevista realizada com ex-operários da Empresa Industrial Garcia e Artex S.A., concedida ao projeto “A vida fora das fábricas: o cotidiano dos operários da indústria têxtil de Blumenau (1950-1970)”, desenvolvido junto ao Departamento de História, da Fundação Universidade Regional de Blumenau, sob orientação da professora Cristina Ferreira. Através da entrevista, o leitor pode perceber aspectos do cotidiano dos operários e operárias, dentro e fora da fábrica, incluindo as atividades de lazer. A entrevista foi realizada pela professora Cristina Ferreira e o acadêmico de História Ricardo Machado, em 05 de março de 2003, na residência dos entrevistados, em Blumenau.

C.F.: Estamos aqui na casa do Sr. e Sra. Kratz, que fica na rua Progresso. Hoje é dia 5 de março de 2003 e nós vamos começar uma conversa para saber como foi a vida deles aqui em Blumenau.

P.K.: Foi difícil, muito difícil. Porque na época o ganho era muito pouco. E tinha que trabalhar, a gente saía do serviço toda branca, trabalhava na fiação. Eu trabalhei na fiação da empresa Garcia e aquele pó vinha e a gente ia para casa com o cabelo branquinho, porque não podia passar nada para limpar, nada. Tinha que trabalhar até em cima da hora, e terminava à uma e meia, eu trabalhava no primeiro turno.

C.F.: Qual era o seu horário de trabalho?

P.K.: Eu trabalhava das cinco à uma e meia. No dia em que eu fiz quatorze anos, minha mãe me levou lá na portaria. Na época não era como hoje que tem assistente social, essas coisas todas, departamento...

sabe? O serviço era arrumado na portaria da Empresa Garcia. E ali trabalhei dezoito anos. Então casei e tive quatro filhos, o mais moço é excepcional. Eu chegava em casa às três e meia, porque não tinha ônibus, era tudo a pé ou então de bicicleta. Chegava em casa e passava a noite em claro porque ele tinha febre direto. Às vezes, com ele, assim sentada na cama, pegava no sono, deixava até ele cair no chão, de tão cansada. A gente teve uma vida muito difícil.

C.F.: E quando a senhora chegou lá na porta da fábrica com a sua mãe? O que a senhora sentiu?

P.K.: Eu estava feliz porque queria trabalhar. Porque eu era a mais velha da família, e tinha mais onze atrás, todos pequenos. A diferença de idade era de dois anos e nasciam todos em casa. A minha mãe... porque o meu pai bebia, sabe... ela [a mãe] teve que dar conta de tudo. E olha, colocar onze filhos todo dia em uma mesa para comer, não era fácil. Naquela época o charque era muito barato, comíamos muito charque: então era feijão e charque, ou era um “arrozinho” com charque. Eu até digo que não sei como a família não tem o apelido de “pão com banha”, porque nós comíamos sempre o pão com banha e açúcar.

C.F.: E onde é que a senhora morava?

P.K.: Eu morava ali onde é a Rosibel, a floricultura [Bairro Progresso]. Nasci em Indaial.

C.F.: Em que ano a senhora nasceu?

P.K.: Eu nasci em trinta e oito. Aos três anos, os meus pais vieram para Blumenau. Aí a gente mudou, moramos em vários lugares por aqui mesmo em Blumenau, até que eles conseguiram comprar um chão. Daí eles fizeram uma casinha.

R.M.: E os seus pais trabalhavam onde?

P.K.: Meu pai na Artex e minha mãe, na Empresa Garcia.

C.F.: E como foi o seu primeiro dia na fábrica? A senhora já sabia costurar?

P.K.: Não. Eu fui para a fiação e só trabalhava com fio, eu fui aprender lá. Trabalhar, a gente já trabalhava desde os nove anos, porque tinha que cuidar dos irmãos,

tinha que mandar o almoço para o meu pai, limpar a casa. Eu me lembro que naquela época a gente tinha o assoalho de madeira, como o meu hoje ainda é, então a minha mãe chegava em casa e tinha aquelas panelas todas areadas. Eu areava o assoalho com cinza. Não tínhamos fogão a gás, era tudo fogão a lenha. Então nós pegávamos aquelas cinzas e lavávamos o assoalho, que ficava branquinho. Ela chegava em casa e aquilo estava tudo limpinho e arrumadinho. Ela ficava feliz da vida! Era tudo muito puxado na firma. Hoje o pessoal tem mais liberdade. Não podia conversar, tinha que trabalhar e dar conta da produção. Tenho uma foto que foi batida na Cremer. Eu trabalhava na encruzadeira. Essas máquinas vieram todas da Alemanha. Então esta se chamava “Schlafa”. Isto eu sempre me lembro. E naquela época não havia cartão, se usava uma “chapinha”. Quando entrava de manhã pegava a chapinha, levava, e quando saía do serviço à uma e meia, colocava dentro de uma caixinha.

C.F.: Levava para quem?

P.K.: Levava para dentro da fábrica. E aí tinha que cuidar para não perder. Podia levar sacola, podia levar tudo. Hoje já não pode mais, já existem armários nas portarias para colocar as coisas. Mas naquela época podia levar. Levava-se de tudo lá para dentro. Trabalhava descalça, trabalhava molhada, trabalhava de qualquer jeito que se chegasse lá. Aqui nós não tínhamos energia elétrica, era tudo com luz de querosene. E muitas vezes tinha gente que chegava lá com o vestido do avesso porque não enxergava direito. Essas são as histórias que a gente lembra. Às vezes acordava pensando que já era a hora do trabalho, e olhava no relógio não muito bem porque não tinha luz muito boa. Lembro-me que um dia me levantei, tinha duas irmãs que trabalhavam comigo, aí chegando lá, vimos que eram duas horas da madrugada. Aí ficamos uma olhando para a outra. Naquela época se podia andar, não tinha o que tem hoje. Hoje está ruim para andar de noite. Às vezes os cachorros avançavam na gente, tinha até vacas nas estradas.

C.F.: A senhora ia a pé?

P.K.: Nós três íamos a pé. Às vezes uma chorava, a outra estava braba, a outra ria. Quando a gente se enganava, vínhamos para casa e depois voltávamos de novo. Num estantinho a gente chegava. Não era longe. Hoje eu vou a pé lá na empresa, na cooperativa. Eu não chego mais, caminho, ando, ando e não

chego mais. Penso como eu bati isto aqui e hoje está tão difícil para chegar. Olha, foi muito sofrido.

C.F.: E a senhora brincava quando era criança?

P.K.: Lembro que tínhamos um pasto grande ao redor da casa e lá fazíamos uma casinha. A gente pegava e limpava um pedaço e botava areia ao redor, e brincávamos: “Aqui é meu, lá é seu.” Tinha bonecas, às vezes fazia de conta que a boneca morria e nós enterrávamos. Fazíamos o enterro. Hoje não há mais destas coisas...

C.F.: E depois que a senhora começou a trabalhar na fábrica...

P.K.: -Aí acabou de vez...

C.F.: Mas a senhora brincava de boneca até os quatorze anos?

P.K.: Não, só até os nove anos, por aí. Depois dos nove anos já tinha que cuidar dos irmãos, cuidar da casa. Tinha que trabalhar. Fiz catorze anos, já estava lá, fiz os papéis, era muito simples. Já começava naquela semana mesmo.

C.F.: E a senhora disse que queria muito ir trabalhar.

P.K.: Sim, queria muito, sempre gostei de trabalhar. E aquilo foi uma felicidade, aquele primeiro pagamento. Para você fazer uma idéia, naquela época o pessoal usava um lencinho branco e amarrava o dinheiro na ponta daquele lenço. Porque nós ganhávamos tudo em moeda. Na época era tudo tostão, eu ganhei mil e quinhentos réis no primeiro pagamento.

C.F.: A senhora sabia então quanto era?

P.K.: Sim, naquela época já era um dinheirinho bom. Então aquilo parava ali para não perder a moedinha, tinha que segurar bem aquilo. O meu primeiro pagamento foi uma felicidade tão grande. E isso dava mais vontade ainda de trabalhar, porque sabia que recebia também.

C.F.: E a senhora trouxe o pagamento para casa...

P.K.: Eu entregava tudo em casa.

C.F.: Dava para o seu pai e sua mãe.

P.K.: Eu casei com dezoito anos. Logo a gente se conheceu...

R.M.: *Vocês se conheceram onde?*

P.K.: Ele veio morar na casa de uma irmã dele que morava em um chão ali no morro e depois a prefeitura alargou a estrada e a gente até perdeu aquilo ali. Eles tiraram tudo e nem o barro a gente ganhou. Então aquela irmã dele se separou e ele veio morar com a gente. Porque a irmã dele era cunhada da minha mãe. Como eles se separaram, um foi para um lado e o outro foi para o outro.

C.F.: Mas como é que era se separar naquela época?

P.K.: O marido era cunhado do Mário e irmão da minha mãe. E o marido da irmã do Mário bebia e era briguento. Naquela época os bailes eram muito poucos nos salões, era mais nas casas. Então ele brigava, a polícia às vezes ia atrás e o prendia. Ele chegava em casa e quebrava tudo. Era uma vida muito difícil, e então não deu mais certo e separaram. E aí o Mário foi morar na minha casa. Foi o primeiro namorado, nunca tive outro. Naquela época era tão rigoroso, que se a gente olhasse para um rapaz e ele viesse conversar com a gente em casa... o pai não aceitava. Porque qualquer coisinha, um beijo já...

C.F.: *O que se podia fazer?*

P.K.: Olha, para pegar na mão, se fosse muito agarradinho, já vinha palavrão. Era muito difícil. Era sentadinho um lá e um cá, com o pai e a mãe de vez em quando olhando. E graças a Deus a gente se entendeu, sempre se entendeu bem e vamos fazer agora quarenta e sete anos de casados. Foi uma história meio complicada. A gente ia casar, tinha tudo preparado já para o casamento, ele tinha comprado uma porção de criação para fazer a festa. Mas aí o meu pai não aceitou, porque eu estava muito nova e não queria que casasse, eu trabalhava e tinha que ajudar um pouco em casa, porque tinha muitos irmãos e o meu pai já não trabalhava mais. Trabalhava um pouco. Então estava tão difícil que o Mário começou a sair atrás de lazer, de um baile, lá para a casa do outro irmão no Rio do Teste. Às vezes dizia para mim que ia pescar e o pescar dele era o baile.

C.F.: *Mas era bom pescar, seu Mário?*

M.K.: Se era!

P.K.: E eu era muito inocente, não tinha noção nenhuma. Nem uma gravidez eu sabia como era. Por acaso veio a menstruação, comecei a chorar, chorar, assustada. Porque se a gente fosse perguntar: “Mãe, o que é isso?”, ela não dava explicação. Eu vi os meus irmãos nascendo, e queria saber como é que vinham essas crianças e não tinha como perguntar. Eu tinha uma irmã, essa adotiva, mais velha, às vezes eu ia lá e perguntava alguma coisa para ela, mas ela também não me explicava direito. Depois no fim fiquei grávida, aí meu Deus do céu! Aí eu tive que casar.

C.F.: Então seu pai teve que deixar.

P.K.: Naquela época a gente foi criada, ainda hoje, meus filhos foram criados assim, com “bênção pai”, “bênção mãe”. Casei e fiquei três meses morando junto com os pais, até a gente conseguir uma casinha. Eu casei e não tinha uma colher, um garfo, um prato, não tinha nada. E quando a gente conseguiu uma casinha para alugar, ele saiu e trouxe dois pratos, uma chaleira, duas panelas. É difícil de acreditar, mas a vida da gente não foi fácil. Tudo o que a gente conseguiu, foi lutando. Este terreno, por exemplo. Nós tínhamos ali uma rocinha de aipim que ele plantava.

C.F.: A que horas o seu Mário plantava esta roça?

P.K.: Depois que eu vinha do serviço.

C.F.: O senhor chegava a que horas?

M.K.: Depende. Na época em que trabalhava no primeiro turno, eu vinha às duas ou duas e meia; na época em que eu trabalhava na turma geral, vinha depois das cinco.

C.F.: Aí já ficava mais difícil.

M.K.: Às vezes eu fazia no sábado ou no domingo. Não parava de trabalhar, era direto, sempre.

C.F.: Mas como é que foi o seu casamento, dona Paula?

P.K.: A gente casou no dia vinte e quatro de outubro, numa quarta-feira. Até inclusive o Henrique foi o padrinho da gente e um outro cunhado meu. Nem as esposas não foram, só foram as testemunhas lá assinar no civil. Não

havia ninguém, não foi feito nada, porque meu pai estava bravo comigo. Como eu estava contando, pedia a bênção para ele e ele não me respondia, ele não dava. Mas nunca deixei de pedir. Ele não dava, mas eu sempre pedia “benção pai”, “benção mãe”, de manhã ou de noite quando a gente acordava ou quando a gente dormia. Então passou um tempo e muita gente o xingou e fez ele entender um pouco, porque aquilo para ele era um fim de mundo. E a minha mãe é filha de mãe solteira. Ela faleceu faz três anos, com oitenta e três anos. Então naquela época já existiam estas coisas. Mas o meu pai não queria nem saber, porque a família dele tinha que ser certinha. Porque se ele visse uma de nós em um baile dançando duas marcas com um rapaz, ele já não deixava mais, tinha que ir embora porque a gente estava querendo namorar. Tinha todas estas coisas, mas eu não, só as minhas irmãs, porque eu só namorei o Mário.

C.F.: Duas marcas são duas músicas diferentes?

P.K.: Sim, dançava uma marca e acabou. Naquela época não havia conjunto musical. Era acorde e aquelas coisas. Era tudo uma cantoria, era muito divertido. Havia muitas coisas assim que eu tenho saudade daquele tempo.

C.F.: Mas a senhora ia no baile?

P.K.: Às vezes a minha mãe não ia, porque estava cheia de filhos e ele levava a mim e mais duas irmãs minhas. A gente tinha na época uns catorze, quinze anos, por ali.

C.F.: E a senhora disse que os bailes eram nas casas. Mas como é que funcionava?

P.K.: Havia um aniversário, aí a gente chegava lá e o gaiteiro já começava a tocar lá na porta. E se abriam as portas, e não levava meia hora os vizinhos já estavam todos lá e o baile começava.

C.F.: Arrastava os móveis e começava...

P.K.: Sim, meu Deus! Estragava todo o assoalho, porque naquela época não havia cera, era tudo lavado. E depois não havia móveis, naquela época existia na sala só uma mesa com duas ou três cadeiras. Não existiam muitos móveis. E mesmo se houvesse, não se tinha dinheiro para comprar. Então ali eram dois toques e tirar, encostar a mesa na parede e o baile já começava. No sábado

passado até foi engraçado. A gente estava sentado lá na varanda e o rapaz pegou um CD e um... como é que se chama... não é rádio...

C.F.: Um micro-sistem?

P.K.: Isso. E ele trouxe umas músicas lá da fábrica e começou a tocar umas músicas. Tinha o “peixe vivo, que não pode viver fora da água fria”. E aquilo me deu uma saudade! Como a gente dançava estas músicas!

M.K.: São músicas velhas. E muitas destas músicas antigas já não existem mais. Se existem, elas estão lá jogadas no canto.

P.K.: E às vezes eu ainda escuto um pouco de músicas daquelas, mas que eles trocaram algumas coisas. Mas são músicas daquela nossa época. A gente cantava com acordeão. Era muito divertido, aí havia café, pão “chimiado”. Naquela época não havia estes bolos, era aquele bolinho seco, o bolo inglês, ou uma cuca de alemão mesmo. Às vezes, dependendo como estava o meu pai, porque às vezes estava na “baga”, ficava mais tempo. Depois cada uma de um lado trazia-o para casa.

R.M.: E estes bailes aconteciam de tarde?

P.K.: Os bailes naquela época começavam às seis horas da tarde. Os “suarês” começavam às duas horas da tarde. Nós tínhamos o Clube de Caça e Tiro aqui no Garcia Jordão, que hoje não existe mais.

C.F.: Não existe mais?

P.K.: Este Caça e Tiro atual já é outro, mas ele não é muito velho. Havia o Caça e Tiro bem antigo e o baile era lá, nos sábados. Durante a semana, nem pensar em nada, só trabalho.

C.F.: Mas ao menos no sábado havia um baile?

P.K.: Cada três ou quatro meses a minha mãe saía com o meu pai, porque era muito difícil. Era escuro porque não tinha luz, aí ele rolava do barranco para baixo e perdia sapato, chapéu, carteira. No outro dia, quem tinha que cuidar de todas estas coisas éramos nós, as meninas. Quando passo por lá ainda me lembro, que eu descia lá embaixo e ia procurar sapato, a carteira dele e estas coisas, porque de noite não se enxergava nada.

C.F.: E lá no baile como os homens faziam para tirar a senhora para dançar?

P.K.: A gente ia com aquelas saias bem rodadas, que se usava mesmo. Eu era magrinha, bem magrinha, tinha uns quarenta e três quilos.

M.K.: Quarenta e oito.

P.K.: Mas isso depois de casada já. Eu saía com o meu filho mais velho, e os outros perguntavam para mim se era o meu irmão. Eu era magrinha, magrinha, a gente tinha uma vida sofrida. Eu trabalhava em um turno e o marido no outro. Às vezes sem comer, sem almoço, sem poder tomar um banho, tinha que chegar e entregar o filho para a mãe e dizer: “Este remédio é agora, este remédio é outra hora.” Não era fácil trabalhar. Às vezes com trovoada, chegava toda molhada lá e assim tinha que trabalhar. Às vezes ficava doente e ia ao médico e ele passava uns remédios para a gente tomar. Dava um mal-estar na gente, toda doída, com o tipo de uma febre, uma coisa assim e tinha que ir trabalhar. Saía para extrair dente e tirava quatro dentes de uma vez na hora do trabalho.

R.M.: Mas isto na empresa?

P.K.: Na antiga empresa Garcia. O café da manhã era às nove e um dia fui para lá extrair os dentes, quatro dentes e aí voltei para lá trabalhar até na hora de ir embora. Aquelas anestésias que davam, a agulha era uma agulha de máquina hoje. E quando eles aplicavam a gente via aquilo arrebetando a gengiva da gente. Às vezes enchia a boca de algodão e tinha que ir lá para dentro sem poder comer, sem poder beber, não podia colocar nada na boca porque tinha aquele algodão. E tinha que ir até à uma e meia. E isso não era só comigo, todos que extraíam o dente tinham que ir na hora do café, porque não se ganhava um atestado ou um comprovante como hoje, que o dentista tira um dente e já se ganha um atestado. Naquela época não havia isso.

R.M.: Naquela época a Garcia já tinha dentista?

P.K.: A firma já tinha dentista, médico. O falecido Dr. Caetano era o médico na época quando entrei lá. E o dentista, até já é falecido, a secretária dele era uma tal de Mariana Gonçalves.

R.M.: E vocês gostavam do atendimento do dentista?

P.K.: Sim, nós éramos muito bem atendidos, eram muito bons para a gente. Porque a gente foi criado assim, sem ganhar um abraço. Naquela época era tudo assim, como eu vou dizer... não tinha um carinho. Então uma pessoa quando dava uma atenção para a gente, aquilo era maravilhoso, porque em casa a gente não teve um carinho. O meu pai era muito bravo, batia muito na gente, não podia se fazer uma pergunta, e quando se queria saber alguma coisa, não tinha resposta porque eles não davam, porque tudo era vergonhoso, tudo era pecado.

C.F.: *E lá na fiação como era, dona Paula? A senhora conversava de vez em quando ou não podia?*

P.K.: Olha, quando os encarregados saíam para tomar café, a gente às vezes batia um papo com uma “coleguinha” do lado ou da frente. Porque a máquina... eu até quero mostrar para vocês... [BUSCA FOTOGRAFIA]. Esta é a máquina em que eu trabalhava na Cremer, mas na empresa Garcia também tinha uma igual.

C.F.: *Esta aqui é a senhora? E quando a senhora começou a trabalhar na Cremer?*

P.K.: Eu entrei na Cremer em 1970 ou 71.

C.F.: *E por que a senhora saiu da Empresa Industrial Garcia?*

P.K.: Eu tive que sair por causa do meu menino. Porque eu estava que não podia mais, porque no fim a gente também fica estressada, cansada e no fim estava começando a ficar doente também. Tive que sair porque era muito puxado.

C.F.: *Quando a senhora trabalhava na Industrial Garcia, não tinha lugar para deixar seu filho?*

P.K.: Não tinha. Se a mãe não tinha quem cuidasse tinha que sair da fábrica, porque não tinha com quem deixar. Ou se arrumava uma irmã. Eu tinha as minhas irmãs que vinham aqui olhar, porque eu tinha quatro filhos. Eu tinha que dar conta da saúde deles, da fábrica, da casa, da escola, pois eles estudavam, a roupa tudo bem “arrumadinha”, bem limpinha, além de assinar boletim. Muitas vezes eles vinham para assinar o boletim e eu já estava saindo, correndo para ir trabalhar e tinha que botar lá na parede da casa e assinar o nome. Sinceramente, por tudo isso a gente passou.

Houve um que ficou dois anos na oitava série e não conseguiu sair dali. Não tinha tempo para dar uma palavra para eles, porque só conversava um pouco de noite quando chegava da fábrica. De manhã muitas vezes saía para o médico às quatro horas e chegava em casa às onze. Naquela época já havia ônibus, tinha um de manhã às quatro horas, depois ao meio-dia e às seis horas da noite. Eu pegava o ônibus das quatro horas, ia com o menino lá para o INSS, sentava na escada e às vezes cochilava com ele no colo, até às sete quando abriam para atender o pessoal. Aí vinha para a casa de novo, a pé porque não havia ônibus. Olha estas coisas eu não gosto de lembrar...

C.F.: Voltando lá para a fiação, a senhora disse que de vez em quando conversava...

P.K.: Quando os encarregados iam tomar café. Às vezes tinha um fio passando... porque o fio passava no meio de um pente. Às vezes esse fio escapava e ia por cima, e a gente ganhava bronca. Eles gritavam com a gente que a sala toda escutava. E essa máquina fazia barulho, muito barulho. Então tinha que gritar muito para escutar.

C.F.: Eram homens os encarregados?

P.K.: Sim, era o falecido... Ele era o meu encarregado. Ele era muito bravo. E tinha o falecido pai dele também que nós chamávamos de Sommer.

R.M.: Ele também era encarregado?

P.K.: Sim, ele era o mestre geral.

R.M.: E normalmente os encarregados eram homens?

P.K.: Todos homens. Na época eram todos homens. Os homens tinham vez para tudo naquela época, hoje mudou já, mas naquela época, só tinham vez os homens. As mulheres tinham que trabalhar e dar conta do recado e o resto era com eles.

R.M.: Esta foto quem é que fez?

P.K.: Esta foto foi de um rapaz que trabalhava com a gente e ele batia fotos. Naquela época não era como hoje, que qualquer um bate uma foto. Então quem tinha uma máquina era procurado. O nome dele era Daniel, e todas bateram esta foto perto da máquina. Na época a gente usava aqueles "bobs".

na cabeça. Eu sei que sempre fui uma pessoa que gostei, mesmo com todo este trabalho, de andar bem arrumada. Toda vida sempre gostei de andar bem arrumada. Quando lembro disso aqui, meu Deus do céu, que vida! Como eu estava contando, todos bateram, eu bati. Esta foto deve ser de mil novecentos e oitenta e um, mais ou menos.

C.F.: O que mais o encarregado não deixava vocês fazerem?

P.K.: Antes de chegar na máquina eles já chegavam e diziam: “Você vai ensinar esta pessoa a trabalhar, mas não pode conversar, tem que prestar atenção no serviço, para não trancar.” Naquela época trancava o cabelo, não podia deixar o cabelo cair, tinha que estar bem amarrado atrás. Quanta gente perdeu o cabelo, foi horrível aquilo. Havia um rolinho em que corria o algodão no meio e aquilo ali abaixava, pegava um fiozinho de cabelo e ia tudo. E não saía mais. Até desligar a máquina, ...porque aquilo ia parando devagarzinho e aí já tinha arrancado tudo. A gente viu alguns destes problemas lá dentro da empresa Garcia.

C.F.: A senhora disse que não usava uniforme. Então com que roupa a senhora trabalhava?

P.K.: Qualquer roupa. Usei só na Cremer. Na Garcia eu nunca usei. A gente usava um guarda-pó porque era lá do outro lado da cidade. Então vinha para a casa muito cheia de pó, então eu usava um guarda-pó. Mas na Garcia não.

C.F.: E a senhora nunca ficou doente com este pó todo?

P.K.: Nunca fiquei doente, nunca deu problema de ouvido, porque era aquele barulho, nunca senti nada. Meu único problema é pressão alta e o sistema nervoso, estas coisas. Como a gente passou por muita coisa, agora começa a vir. Mas outros problemas, graças a Deus, não tenho. O que a gente não podia fazer lá? Era aquilo ali, não podia conversar, tinha que cuidar do serviço, não olhar para ninguém, era tudo muito rápido. Ia correndo, vinha correndo, hoje não pode mais correr por causa dos acidentes. Era tudo corrido, os banheiros não eram de sentar, eram daqueles que tinha um tijolo aqui e outro ali.

C.F.: Aqueles com um buraco no chão?

P.K.: Isso, tinha um valo embaixo. Lá não era possível dormir. Hoje eu acho que tem gente que vai para o banheiro e dorme lá. Naquela época, ficava de cócoras ali, se pegasse no sono, caía lá dentro. Se desse uma cochilada, pimba! E aquilo era sujo, era escorregadio. Era até um perigo, tinha que tomar muito cuidado para chegar até ali e fazer as necessidades. Depois na empresa Garcia foi mudando com o tempo. Depois de uns dez anos que estava lá foi mudando, os banheiros foram feitos diferentes, já havia o bacio, mais higiene. Então foi melhorando. Mas na área do trabalho tudo continuava o mesmo. Não podia passar um pano para se limpar, nada. Era trabalhar até em cima da hora e ali daquele jeito pegar e deixar para o outro turno. Tinha primeiro, segundo e terceiro turno.

C.F.: O terceiro turno a senhora nunca fez?

P.K.: Não, nunca trabalhei à noite. Mas ele sim.

M.K.: Eu trabalhei quatro anos.

C.F.: O terceiro turno era em que horário, seu Mário?

M.K.: Começava às dez da noite e ia até as cinco da manhã.

C.F.: E o senhor dormia de dia?

P.K.: Ele dormia uma parte e uma parte fazia o trabalho de casa.

C.F.: O senhor não tinha sono, seu Mário?

M.K.: Não. Hoje em dia se eu me sentar diante da televisão é capaz de não me dar sono.

C.F.: Onde é que o senhor trabalhava, em que setor?

M.K.: Primeiro na empresa Garcia, onde trabalhei vinte e oito anos. Depois saí de lá e entrei na Artex e trabalhei quase cinco anos.

R.M.: Mas o que o senhor fazia lá?

M.K.: Eu era tecelão. Na empresa Garcia comecei com dois teares, depois passei para quatro. Quando saí de lá e vim para a Artex comecei com seis teares. No final eu já estava com dez.

C.F.: E isso ia crescendo?

M.K.: Tinha que agüentar. Hoje em dia acho que eles trabalham com dezesseis ou vinte teares automáticos. Só precisa cuidar do fio quando arrebenta. Não sei se vocês conhecem como era o tear. Eu trabalhava com um que jogava uma lançadeira com a espula. Um dia tinha outro tear do lado, quando a lançadeira veio, ela saltou fora e pegou bem atrás da minha cabeça, na nuca. A sorte minha foi que ela veio de comprido, pois se ela viesse de costas, esquece. Mas eu levei um tombo.

C.F.: Imagina a força com que veio. Com que idade o senhor começou na fábrica, seu Mário?

M.K.: Comecei com dezessete anos.

C.F.: E como é que o senhor foi parar lá?

M.K.: Foi o meu cunhado que arrumou para mim. Eu estava lá na Velha trabalhando na roça e ele pediu para eu vir ali e aí ele arrumou o serviço para mim. Isso foi em 1948.

C.F.: E como é que o senhor se sentiu quando viu a máquina na sua frente?

M.K.: Lá comecei como varredor. Só varria a sala. Quando eles cortavam o rolo e o tear estava parado, aí eu limpava o tear.

R.M.: Naquela época havia o “salário de menor”.

C.F.: O senhor chegou a ganhar?

M.K.: Sim, havia a carteira de menor também. Acho que não dava dois cruzeiros por mês.

P.K.: Eu e ele juntos não dava cinco, não sei como era na época, se era centavos ou cruzeiros.

M.K.: Quando casamos, nós dois juntos ganhávamos mais ou menos sete cruzeiros e quando eu me aposentei, em 1980, ganhava onze, até doze cruzeiros por mês, isso no terceiro turno. E o vencimento da aposentadoria veio com nove e pouco, dois salários e meio. Hoje em dia não ganho mais que um salário e meio. Está abaixando cada vez mais.

C.F.: E como é que o senhor foi parar na máquina? O senhor começou varrendo, e depois?

M.K.: Fiquei um ano só varrendo de um lado para outro. Depois eu já sabia trabalhar de tecelão e me botaram para trabalhar como tecelão, e ali o meu ganho foi aumentando.

R.M.: Como o senhor aprendeu a trabalhar de tecelão?

M.K.: Na hora que acabava de varrer, eu ia nos teares e ia aprendendo. Os tecelões iam explicando para mim.

C.F.: Ali só havia homens?

M.K.: Na tecelagem havia só homens. Naquele tempo onde a mulher trabalhava era só a mulher, e onde o homem trabalhava era só o homem.

C.F.: Então quer dizer que a fiação e a costura eram para mulher.

M.K.: Eram. Também havia mulher na tecelagem, nos teares lisos. Eu trabalhava nos teares felpudos. Eles têm aqueles encordamentos de todo o tamanho. Ali a mulher não podia trabalhar. Quando estragava, um encarregado ia lá em cima consertar. Muitas vezes estas cordas arrebentavam, então o tecelão tinha que ir consertar. Isso ali eu arrumava tudo, ou, ainda quando quebrava uma agulha, eu tinha que tirar esta para colocar outra.

C.F.: E isso o senhor foi aprendendo a fazer?

M.K.: Fui olhando o que os outros faziam, me metia e ia fazendo também.

C.F.: E o senhor gostava de trabalhar como tecelão?

M.K.: Sim, gostava muito.

C.F.: Naquela época havia o operário padrão, que a gente ouvia muito falar. Ali na empresa Garcia houve?

M.K.: Sim, houve candidato para o operário padrão. Mas como era eu não sei. Só ouvi falar disso...

C.F.: E quando o senhor começou a trabalhar ali na empresa, o que o senhor gostava de fazer quando saía de lá, antes de casar?

M.K.: Não fazia nada.

C.F.: O senhor nunca saía?

M.K.: Não fazia nada. Quando eu estava na casa do meu cunhado, não tinha nada para fazer.

C.F.: O senhor não gostava de futebol... ou de pescar...?

M.K.: Não, não...

P.K.: Conta o que tu gostavas de fazer!

M.K.: Não, naquele tempo não.

P.K.: Ele caçava.

C.F.: Ah, o senhor caçava?

M.K.: Mas isso foi só depois de casado.

C.F.: Mas pode contar...

P.K.: Ele me deixava em casa com os quatro filhos. Quando ele ia caçar, eu ia dormir neste quarto aqui com os quatro filhos, porque eu tinha medo e ficava sozinha dentro de casa. Às vezes ele ficava oito dias no mato. Ele adorava caçar, e eu gostava de dançar. O pouco que ele ia ao baile, ia bravo, mas ia.

M.K.: Baile era só no Caça e Tiro onde eu era sócio.

C.F.: O senhor era sócio, mas o senhor atirava também?

M.K.: Atirava na festa.

C.F.: O senhor foi rei?

M.K.: Não.

C.F.: Mas em que mato o senhor ia caçar?

M.K.: Aqui para cima, lá para o Encano. Hoje em dia já não dá mais para ir, na maior parte é área preservada da FURB e da prefeitura.

C.F.: E o que o senhor pegava?

M.K.: Eu pegava tatu, passarinho, quati...

R.M.: Iam quantas pessoas junto?

M.K.: Nós íamos sempre em três ou quatro.

C.F.: E vocês dormiam no mato mesmo?

M.K.: A gente fazia um ranchinho lá mesmo. Colocava a palha no chão e se deitava ali mesmo. Ainda hoje em dia se fosse para eu dormir no mato, eu dormiria.

R.M.: E como o senhor passava oito dias no mato? Como ficava a fábrica?

M.K.: Era só nas férias.

C.F.: E caçar no final de semana, o senhor ia?

M.K.: Às vezes ia. Aí eu não ia longe. A gente se deixava levar com o carro até na entrada do mato e depois a gente ia a pé para dentro. Duas ou três horas para dentro. Isto eu gostava muito.

P.K.: Se eu tivesse que passar por tudo de novo... A gente quando é nova tem um pensamento, tem uma cabeça diferente. Quando se passa dos quarenta anos, muda. Tantas coisas que eu aceitava e que não estava certo. Se eu fosse passar tudo de novo, eu não aceitaria.

C.F.: O que a senhora não faria, dona Paula?

P.K.: Vamos supor, a mulher naquela época não tinha direito a quase nada. Quem mandava em tudo era o homem. Muitas coisas que a gente queria e gostaria de comprar...por exemplo o telefone, quando chegou aqui na rua Progresso custava onze cruzeiros. Meu marido não quis.

M.K.: Custava dezesseis, porque onze foi o relógio da força.

P.K.: Pelo que eu sei custava onze cruzeiros.

M.K.: O relógio nós compramos, pagamos e ficou lá na Celesc. E o telefone nós não compramos porque não era possível instalar.

P.K.: Não, Mário, aí já podia instalar. Aí eu queria comprar, porque trabalhava e queria o telefone. E ele não deixou eu comprar. A gente tinha um dinheiro que ele gostava de depositar no banco. Era o décimo terceiro e férias. Veio também um senhor aqui para vender um carro, uma Kombi inteirinha e boa. Eu disse: “Vamos comprar?” E ele disse: “Não, não vamos mexer naquele dinheiro.” Então muitas coisas a gente perdeu. Muitas destas coisas que a gente deixou de ter e que ele, com medo de dívidas não queria. Mas eu acho que quando a gente trabalha e a gente acha que pode pagar, tem que comprar para depois não se arrepender. Hoje, se a mulher trabalha, os direitos são iguais. Eu conheço casais que a mulher quer comprar alguma coisa e ele diz que não precisa, e então ela vai lá e compra. E naquela época não podia fazer isso, porque tinha que ser a palavra dele e pronto.

C.F.: Seu Mário, como foi que o Sr. comprou o terreno daqui?

M.K.: Isso foi o pai dela que me ajudou, fui arrumando dinheiro emprestado. O pai dela ajudou. E nós ficamos pagando. Foi pago como se fosse à vista, eu peguei dinheiro emprestado. Paguei cinco por cento de juros por mês e tinha que pagar de prestação da terra cinco cruzeiros por mês. E o nosso dinheiro junto somava apenas sete cruzeiros. Mas muitas vezes o sogro me ajudou a completar.

*

C.F.: Aconteceu alguma coisa que fez o senhor ficar chateado com alguém lá fábrica?

M.K.: É, ficava, mas não adiantava ficar chateado, porque tinha que se conformar de novo. Às vezes a gente levava bronca...

C.F.: Mas o que é que fazia de errado?

M.K.: Às vezes acontecia, a gente esquecia de muitas coisas... quebrava o tear, e a gente não via, aí estragava um pouco de fazenda. E o encarregado vinha em cima da gente e dizia: “Tu não cuidas!”

R.M.: E entre as pessoas que trabalhavam no mesmo serviço, podia-se conversar, fazer alguma amizade? Como era?

M.K.: Quando o serviço corresse tudo bem, tudo normal, aí podia conversar. Aí o encarregado não falava nada. Mas se ele pegasse um conversando e o serviço

estivesse parado, ele vinha que era uma flecha!

R.M.: E vocês tinham contatos com os donos da empresa, chegavam a vê-los?

M.K.: Não, não, o dono ninguém via. O gerente que mandava lá na firma toda, ele só passava. Se visse algum erro dos empregados, depois quando voltava para a gerência, que era o lugar dele, aí ele chamava o encarregado.

R.M.: E o senhor participava das festas que aconteciam... por exemplo no dia 1º de maio, estas festas que a fábrica fazia?

M.K.: Participava da festa dos empregados.

R.M.: No final do ano...

M.K.: No final do ano nunca havia festa. Eles davam presentes, como um pacote de fazenda, um pacote de doce. Porque na época eram todos pobres, tinha muita pobreza. Uma hora antes de terminar o trabalho, fazia-se a limpeza total das máquinas, deixava-se tudo limpinho, e aí ficavam todos na fila e ganhava-se um pacote de fazenda, de doce, de castanha. Então aquilo era uma festa para o empregado. Mas depois de um tempo tiraram esta fazenda... principalmente a Garcia é que dava. A Artex também depois dava porque não podia tirar este auxílio. Depois que entrou para Coteminas, tiraram tudo.

P.K.: Teve um ano, numa troca de gerente, cogitou-se cortar esta fazenda.

M.K.: Quem queria cortar era o Zadrosny...

P.K.: Mas isso faz tempo, foi no tempo da mãe ainda...

M.K.: Quem queria tirar era o Zadrosny, quando a Artex comprou a empresa Garcia.

P.K.: Eu sei que estava no fim do ano, já em cima do Natal e não havia nada pronto. Naquela época não existia caixote, essas coisas para pôr o fio dentro, era tudo dentro de sacos, e o saco era uma fazenda boa, porque naquela época o algodão era um algodão bom. Era uma fazenda que dava roupa de cama, era um algodão amarelo, porque não era alvejado, e lavando com um certo tempo aquilo ficava bem branquinho. Então eles tiveram que dar aqueles sacos, eles queriam tirar e não conseguiram. Aí os empregados se manifestaram e foram atrás de um direito porque aquilo eles não podiam tirar, já vinha sendo uma tradição muito antiga. Aí eles tiveram que dar sacos para colocar

o fio dentro. Foi no tempo da minha mãe.

R.M.: Vocês chegaram a ver os empregados se manifestar por alguma coisa?

P.K.: Na época havia muita greve. Até houve uma revolução e os empregados saíram todos lá para fora. Os aviões passando por cima, e pensavam que a guerra vinha para cá. Isso foi muito curioso.

C.F.: A senhora lembra quando aconteceu isso? Foi em 1964?

P.K.: Não, foi na época do falecido Getúlio Vargas.

C.F.: Aquela greve que houve na empresa Garcia foi em 1950. Vocês lembram desta greve?

P.K.: Eu lembro.

M.K.: Eu não participei. Eu tinha bem pouco tempo que entrara na fábrica. Eu caí fora...

C.F.: O senhor não ia trabalhar?

M.K.: Eles nem deixavam a gente entrar. Eu fiquei fora, não participei. Porque se os grandes vissem que a gente participava da greve, era voltar e eles mandavam já embora.

R.M.: O senhor lembra por que fizeram a greve?

M.K.: Era um ganho muito pequeno. Naquela época existiam mais greves do que hoje. Hoje quase não se vê, mas naquela época qualquer aumento que eles não davam, eles já se reuniam.

P.K.: A empresa Garcia era muito famosa, ela era mais rica do que a Hering. Tinha boa qualidade e tudo, mas foi para a Artex. Eu me encostei pelo INPS porque tinha problema de coluna e me aposentei. Tinha uns trinta e oito anos na época, aí comecei a participar do Clube de Mães dos Excepcionais. Nós éramos em vinte e poucas mães...

C.F.: E o que vocês faziam, dona Paula?

P.K.: Todo o retalho da fábrica que não servia para eles, mandavam para nós. Então nós costurávamos e fazíamos roupa de cama e íamos vendendo e

aquele dinheiro eles davam para a gente ajudar nos remédios das crianças. Agora está fazendo seis anos que terminou. Aquilo foi um baque tão grande para nós, porque a gente tinha muita ajuda. Depois que a Artex foi vendida não teve jeito, porque tinha mãe que já estava vinte e sete anos no clube de mães. A gente trabalhava em casa até uma e meia, depois tomava um banho, ia para lá e voltava para casa às cinco e meia ou seis horas da noite. Lá trabalhávamos nas máquinas, uma costurava, outra talhava, fazíamos tudo ali e começamos um bazar. E fomos vendendo, vendendo e foi sempre aumentando a venda, e aquilo foi crescendo, crescendo. No fim, dava três dias de Bazar. Eu aprendi muito ali, porque eu era uma pessoa tão revoltada, era uma pessoa que achava que ninguém tinha problema, só eu tinha problema. Eu chorava porque tinha esse menino deficiente, e a vida da gente era tão difícil! E quando comecei ali vi tantos problemas, e percebi que o meu não era tão grande. Havia muita palestra, e aquilo foi muito bom. Então eu me toquei porque reclamo tanto. Pedi tanto perdão para Deus! Eu estava reclamando de uma coisa mínima, e via problemas muito piores. Aquilo foi uma coisa muito boa.

C.F.: Como é que foi quando a Empresa Garcia acabou e passou tudo para a Artex? Como é que o seu coração sentiu, Sr. Mário?

M.K.: A Artex era um pouco mais rigorosa. A empresa Garcia era um pouquinho mais livre.

R.M.: E a escola, vocês chegaram a estudar?

P.K.: Eu fiz o primário. Entrei na escola e tive uns cinco meses de aula, estudei no Pedro II, lá em cima. Aí eu já sabia matemática, já sabia ler um pouquinho e fui para o primeiro ano forte. Quando estava lá estudando, uns quatro meses, tive que sair da escola, com onze anos, e tive que cuidar dos meus irmãos porque minha irmã foi trabalhar. Eu só tive o primário, mas sei ler. Eu adoro ler.

C.F.: O que a senhora lê?

P.K.: Eu leio muito meus livros de igreja, não sou beata, mas gosto de ler livro de igreja, a bíblia. Gosto de jornal, revista, todas estas coisas que vejo eu pego para ler.

C.F.: Na época em que a senhora trabalhava na fábrica, a senhora lia também?

P.K.: Não dava tempo para pegar nada. Nunca deu tempo para pegar um livro.

R.M.: E o seu Mário chegou a estudar?

M.K.: Eu estudei, mas não aprendi nada. Só sei escrever meu nome, mais nada.

P.K.: Ele vai escrever e coloca o D no lugar do B, aí eu começo a rir dele e ele já não escreve mais. Às vezes eu digo para ele: “Tem tanto livro, vai ler!” Mas ele não se interessa. Mas eu não, não vejo novela, só vejo coisas que são importantes. Às vezes estão ele e o meu menino vendo novela e eu passo a mão em um livro e vou ler.

C.F.: Mas o que o senhor faz nas horas vagas?

M.K.: Fico andando por aí.

C.F.: O senhor não caça mais?

M.K.: Já faz mais de vinte anos que não vou para o mato. Porque não posso mais. Quem pode correr e se esconder, ainda dá, mas eu não posso mais correr.

C.F.: O senhor nasceu em que ano?

M.K.: No dia dois de abril de 1932. Eu já vou fazer dezessete anos invertido.

C.F.: Mas quando o senhor estava na fábrica, o que mais chamou a atenção em todos os seus vinte e oito anos de fábrica?

M.K.: Para dizer a verdade, nem sei. No começo quando a gente entra, tudo chama a atenção, porque a gente nunca viu. Vem do mato, entra dentro de uma fábrica dessa. Depois se acostuma e pronto.

C.F.: O senhor não cansava, não?

M.K.: Não.

P.K.: Não tinha férias, nem nada, para ganhar o pagamento dobrado.

M.K.: Uma época eu trabalhei sete anos sem folgar uma hora de serviço. Doente, com febre, mas ia direto. Só depois o seguro cortou isso. Pelo menos dez dias tinha que ficar em casa.

C.F.: Mas o senhor gostava de ficar em casa?

M.K.: Gostava de trabalhar direto. Porque quando chegava a época das férias o encarregado vinha com o papel e mandava assinar e no pagamento vinha o dinheiro. Mas depois o meu encarregado vinha e dizia: “Tu tens que ficar dez dias em casa.” Eu disse: “Mas por quê? Eu gosto de trabalhar, eu quero trabalhar.” E ele respondia: “Mas o seguro não admite.” Aí eu tinha que ficar dez dias em casa, mas a gente ficava enjoado. No inverno era bom, porque eu ia para o mato caçar, no verão não dava.

C.F.: E não se escolhia quando pegar férias?

M.K.: Geralmente eles davam quando eles podiam dar. Eles também não podiam dar para dois ou três, porque faltava empregado no serviço. Então eles só davam férias quando podiam colocar outro empregado no lugar dele, para as máquinas não pararem.

C.F.: E naquelas festas que eles chamavam todo mundo, o que tinha seu Mário?

P.K.: Quando teve o centenário da firma, eu lembro que na época o meu menino tinha nascido. Nós trabalhávamos e o gerente fez uma festa e deu churrasco, e eu sei que ele [o marido] foi lá e buscou o meu, porque eu estava no resguardo. Havia o antigo campo do Amazonas, da empresa Garcia, a festa foi feita ali. Como hoje está tudo mudado!

R.M.: O senhor gostava de futebol?

M.K.: Sim, eu gostava. Só não gostava de assistir aos jogos na TV.

R.M.: Por quê?

M.K.: Porque lá se ouvia muitas palavras feias. Eu fui uma vez no campo do Palmeiras e se escutava aqueles nomes feios ali. Eu peguei e fui embora. Ora, escutar estes nomes feios, eu nunca gostei de escutar. O juiz mesmo, vou dizer...

R.M.: Mas o senhor torcia por algum time?

M.K.: Aqui em Blumenau era o Olímpico, fora daqui, no Rio de Janeiro, eu sou Fluminense. Mas não sou muito fanático.

C.F.: O senhor ia à igreja?

M.K.: Aqui na Santa Isabel.

P.K.: Hoje ele não vai, quem vai sou eu.

C.F.: E o domingo, quando vocês já tinham filhos, como era o domingo de vocês?

P.K.: Eu me lembro bem dessa época. Nós acordávamos sempre cedo, não sei não se tinha sono. Hoje a gente tem sono. A gente acordava, colocava aquele café na mesa, era uma alegria tão grande, com os quatro filhos. Eu já tinha dois filhos estudantes. O mais velho também passou muito trabalho. Porque além da fábrica e tudo, nós ainda tínhamos vaca de leite e então tinha que plantar gramão ali em cima e ele (o filho) tinha que tirar. Meu filho mais velho tinha que tirar trato, fazer compra, ajudar na cozinha, ajudar a lavar a louça, ajudar a limpar a casa. De tarde o Mário limpava a casa com os filhos, porque não tinha menina. Tive que ensinar os filhos.

P.K.: Havia muitos domingos que eu não tinha folga. Porque eu tinha que trabalhar de manhã até de noite, cuidando da roupa para a escola e para trabalhar. Porque de segunda à sexta eu estava na estrada...

C.F.: A senhora falou que depois que vocês casaram vocês iam em baile, a senhora arrastava o seu Mário. E como eram esses bailes?

P.K.: Eu trabalhava até dez horas da noite no sábado e chegava em casa e dizia: “Vamos para o baile, vamos sair um pouco?” Porque a gente já estava cheia de só trabalho, só trabalho. Ele ia meio bravo, mas passava a mão em uma bicicleta e nós íamos para o baile. E de madrugada nós íamos rodando para lá e para cá porque ele já tinha tomado uma e outra cerveja. Não sei como não rolava do barranco para baixo. Às vezes eu pulava do bagageiro. E aí quando eu via que o negócio estava indo mais certo, pulava no bagageiro de novo. Essa foi a vida da gente, minha filha. No outro dia eu perguntava para ele: “Tu lembra que a gente quase foi para a grotá?” Ele dizia: “Não, não lembro de nada.” Depois que a gente já estava lá e ele tomava umas cervejas, ele ficava contente.

C.F.: Mas dançava, dona Paula?

P.K.: Sim, a gente dançava.

C.F.: E podia dançar com outra pessoa?

P.K.: Sim, podia. E ele também dançava com conhecidas, colegas da gente, porque a gente sempre teve muitos conhecidos. Como a gente sempre morou aqui e era o pessoal daqui que ia mais. Na época eu também era nova, tinha uns trinta anos. Com vinte sete anos tive o meu último filho e depois não tive mais.

C.F.: *A senhora ia com vestido rodado, ou não podia mais?*

P.K.: Sempre aquelas saias rodadas, meu Deus como eu lembro! Não só eu, mas todas iam.

C.F.: *A senhora que fazia o vestido?*

P.K.: Não, eu tinha uma costureira.

C.F.: *Seu Mário, e lá no Clube de Caça e Tiro, além do tiro, o que o Sr. fazia?*

P.K.: Ele ficou na diretoria um tempo.

C.F.: *Você ia aos domingos, lá?*

M.K.: Não, ia uma vez por mês.

C.F.: *Quando tinha a prática do tiro ao alvo?*

M.K.: Não, disso eu não participava. Ia um domingo por mês.

C.F.: *Mas o senhor gostava de caçar, porque o senhor não ia?*

M.K.: Porque tinha que pagar. Eu só participava da festa do tiro, que era duas vezes por ano. Depois ficaram muitos anos sem cobrar, mas agora se paga de novo.

C.F.: *E o senhor vai buscar o rei?*

M.K.: Buscar o rei já não vou mais, porque tem que marchar, tem que levantar muito cedo. Mas eu vou lá atirar, converso com a turma, às vezes tomo um pouquinho.

P.K.: Ele já está aposentado há mais de vinte anos.

C.F.: *Como é que foi isso, como o senhor se aposentou por lá?*

M.K.: É por idade. Trinta e cinco anos de contribuição e cinquenta e cinco anos de

idade. Eu entrei em 1950.

C.F.: O senhor é um dos sócios mais antigos do clube?

M.K.: O Clube estava fechado há muito tempo e em 1950 ela reabriu de novo e eu entrei.

C.F.: O senhor já tinha ouvido falar em Clube de Caça e Tiro? Lá na Velha também havia?

M.K.: Também, mas lá nunca participei. Só participei aqui, por causa do meu cunhado. Eu vim em 1948 para a casa dele e ele era sócio. Quando o Caça e Tiro fechou, ele já era sócio, e quando ela reabriu ele foi lá e me colocou junto.

P.K.: Às vezes a gente vai lá. Hoje a gente está vivendo mais um pouco, mas com o pouco ganho depois que se aposentou. A gente vai lá e almoça com o menino, depois se volta.

R.M.: Vocês antigamente não iam à praia?

P.K.: Antigamente íamos. Eu tinha um cunhado que tinha uma Kombi e ele a enchia para a gente fazer um piquenique. Nós tirávamos um domingo para fazer um piquenique. Era bom, né, Mário? A gente levava os frascos, levava as comidinhas já prontas de casa, uma maionese, um pão, uma salada. Era tão gostoso! Passava o dia na beira do mar ou dentro do mato. A gente teve assim, um lazer mais ou menos bom. Iam a família, as irmãs, os cunhados, os netos menores. Era bem gostoso. Depois de um tempo é que ele não quer mais sair de casa. E isto é ruim porque uma pessoa depois de uma certa idade tem que conversar, tem que sair porque senão ela fica “cismada”, aí vem esse negócio de depressão... essas coisas.

C.F.: E seu Mário, como eram seus pais? Seu pai morreu quando o senhor tinha sete anos?

M.K.: Depois tinha só o padrasto.

C.F.: E sua mãe, quando o senhor casou?

M.K.: Eles eram do mato. Não davam bola para a gente.

P.K.: Eles foram criados assim na mão dos outros, sem um carinho, sem um amor, sem nada.

M.K.: Com treze anos eu saí de casa para trabalhar na casa dos outros, pela comida e pela roupa. Até os dezessete fiquei trabalhando lá na roça. Depois dos dezessete vim para cá para entrar na fábrica. Ali é que comecei a ganhar um pouco. Antes eu trabalhava só pela comida e pela roupa.

P.K.: Mário, conta dos pepinos que tu comias nas roças. Ele conta que trabalhava e comia os pepinos e os abacaxis nas roças.

M.K.: Descascava e comia. Assim matava a fome.

C.F.: Sr. Mário e Sra. Paula, muito obrigado pela entrevista.

P.K.: De nada.

Amazonas Esporte Clube

TEXTO:
ADALBERTO DAY¹



Falar de futebol em Blumenau é muito fácil quando voltamos principalmente ao saudosismo das décadas entre 20 a 60 do século XX. Ao contrário dos dias atuais, existiam várias agremiações, que juntamente com outras equipes da região realizavam campeonatos inesquecíveis.

Anteriormente o futebol era praticado somente por equipes formadas pelos jovens do “Turnverein Blumenau (1873-1942)” e operários da Empresa Industrial Garcia, depois Amazonas Esporte Clube. Os jogos eram realizados nos finais de semana, próximo ao hotel Holetz, hoje Grande Hotel.

O primeiro jogo em Blumenau com equipe realmente formada foi no dia 25 de março de 1911, no pasto do hotel Holetz, contra um grupo de alemães, da Esquadra Imperial Alemã. Conforme o jornal *Urwaldsbote*, era um domingo à tarde. O resultado do jogo não é conhecido, mas foi vencido pelos alemães.

O Amazonas foi a primeira equipe de Blumenau a vencer um time de Florianópolis (seleção da cidade). O placar foi 2 x 1, gols de Nena Poli e Leopoldo Cirilo.

As mais tradicionais equipes de Blumenau foram o G. E. Olímpico, Palmeiras E.C., Amazonas E.C. (todos fundados em 1919), S.E. Vasto Verde, Guarani, Progresso, que disputavam o campeonato da cidade e torneios, que ora era vencido por uma, ora por outra equipe.

O importante nessas competições era o espírito esportivo e o amor à camisa vestida por qualquer dos componentes das agremiações blumenauenses.

Além do campeonato da cidade, também existia a disputa com outras equipes da região, das quais podemos citar o Tupi, de Gaspar, União, de Timbó,

¹ Ex-integrante em diversas modalidades no Amazonas Esporte Clube.

Floresta e Botafogo, de Pomerode, XV de Outubro, de Indaial, Baependi, de Jaraguá do Sul e outros.

Eram tempos de muita nostalgia, amor, determinação e colaboração, conforme relatos feitos por muitas pessoas que conviveram e viveram nas décadas citadas e posteriores, as quais não nominamos, para não sermos injustos com cidadãos que, com merecimento, deveriam constar e por alguma razão poderiam ser esquecidos. Por isso falamos em nome de toda a comunidade de Blumenau, principalmente do Grande Garcia, ao referirmos ao Glorioso Clube Alvi-Celeste.

Ao mencionar o clube Amazonas Esporte Clube, é preciso conhecer um pouco de sua história. No ano de 1919 foram fundados três clubes em Blumenau: o Blumenauense, depois Grêmio Esportivo Olímpico; o Brasil, depois Palmeiras Esporte Clube; e o Amazonas Esporte Clube.

O clube Alvi-Celeste, como era conhecido o Amazonas, time proletário do bairro Garcia, teve como primeiro estádio, por alguns meses, onde hoje é o batalhão do exército. Depois se transferiu para as proximidades da rua Ipiranga, conhecida como rua Mirador, por quase cinco anos. Posteriormente,

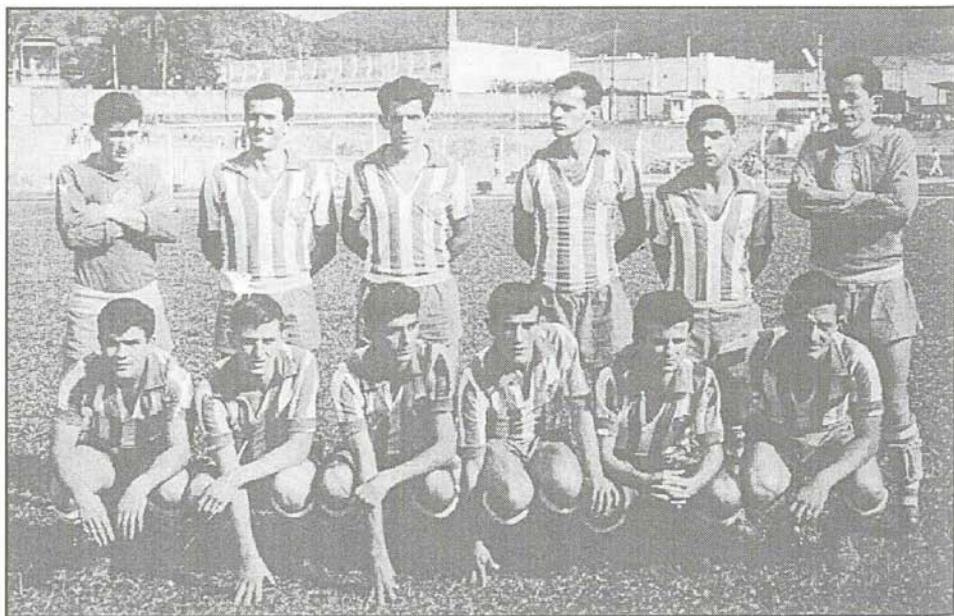


Estádio do Amazonas E. C. em 1963

por alguns meses, na rua Progresso, próximo à Artex, onde existia um bar conhecido como bar do Iço e, finalmente, em 1926, mudou-se para o definitivo local, próximo à Empresa Garcia, até ser aterrado pela Artex, em 1974. Chamava-se estádio da Empresa Industrial Garcia.

Relembro com muita tristeza a enxurrada de 31 de outubro de 1961, que destruiu totalmente toda praça esportiva, inclusive o salão, e ali foram encontradas três vítimas fatais presas ao alambrado. Neste período de recuperação do estádio, que se tornou mais bonito, sediando até competições dos primeiros jogos abertos em Blumenau, o Amazonas treinava num estádio construído provisoriamente próximo de onde hoje é a praça Getulio Vargas. Nos jogos oficiais, o mando de campo era no estádio do Palmeiras E.C.

Durante a Segunda Guerra, todos os clubes do Brasil que tinham nome de estados, cidades ou que tivessem alguma semelhança com o nazismo e o fascismo tiveram que mudar de nome, e o Amazonas, durante alguns meses, chamou-se Aimoré. Depois, a partir de 1952, passou a denominar-se Amazona Esporte Clube, retirando-se a letra S. Pouca gente sabe disso, pois na realidade continuou até o seu fim definitivo, em janeiro de 1975, com o nome original.



Time do Amazonas E. C., em 1962: Nino, Oscarito, Ride, Agnaldo Schaefer, Carioca, Antônio Tillmann, Gaturamo, Afonso Luebke, Boião, Jeter, Pelé, Osny

Algo lamentável, mas que não pode ser esquecido, ocorreu entre 1943 (1944, confirmado depois através do livro “O craque Eterno” - Teixeira) e 1951, quando os dirigentes da empresa Garcia terminaram com as atividades esportivas e até o racismo fez parte desta situação.

Quantos jogos memoráveis que os torcedores Amazonenses presenciaram durante muito tempo. Ver os gols do grande Nena Poli, Leopoldo Cirilo, as defesas de Rudolf Rosumek, do Antonio Tillmann, do Nino do Ziza, Valdir, Deusdith, Gaspar, a zaga firme Oscarito, Osny, Cilinho Corsini, Eloy, Vilmar Heiden (que jogou no meia esquerda, ponta), Elizeu, Nicássio muita classe e o Malheirinho talentoso, os chutes fortes do Chico Siegel, Ivo Mass, Tarcisio Torres, e os pênaltis cobrados pelo Gepe ... que categoria! O Arlindo Eing, Rizada, enfim, tantos que fizeram a glória do Amazonas. Dizem os mais idosos, que jogou por aqui algumas partidas, o jogador Patesko, jogador do Botafogo do Rio de Janeiro, que também jogou na seleção brasileira.

Como esquecer os gols de bicicleta do Filipinho, e aquele gol de calcanhar que o Dico fez contra o Palmeiras, as arrancadas fulminantes do Mayer, que quase sempre se transformava em gols, o Celinho, Duflis, artilheiros natos. Nilson (Bigu - maior artilheiro da história do clube) era zagueiro. Fazia tantos gols que foi jogar de centroavante, assim como tantos outros artilheiros que passaram pelo Amazonas.

Mas o Amazonas para mim sempre foi um grande clube, e ainda continua, porque não saiu ainda da memória dos fanáticos torcedores amazonenses, onde se praticava diversas modalidades esportivas, como futebol de campo e de salão, onde se destacaram Deusdith, Bigu, Ticanca, Mali, Malaca, Tarcisio Torres, Cavaco e outros; basquete, vôlei, atletismo, ciclismo. As comemorações juninas e natalinas, como dia do trabalhador, dia da criança, patrocinadas pela diretoria do Amazonas e da Empresa, estando à frente da organização o inesquecível José Pêra, e as comemorações do centenário da Empresa Industrial Garcia S/A, em novembro de 1968, foram acontecimentos que marcaram época.

Não posso aqui nominar todos os atletas, somente alguns nomes de expressão, pois faltaria espaço para tantos que merecem menção. Mas alguns jogadores como Nena Poli, Leopoldo Cirilo, Gepe, Nilson Siegel (Bigu), Nino, e tantos outros, foram convidados para jogar em clubes paulistas ou cariocas. Outros, como Duflis, jogou no Santos, ao lado de Pelé; Mayer, no Grêmio; Tarcisio Torres, na Portuguesa de Desportos; Valmor, no Atlético Paranaense;

Raul Cavaco, no Maringá; Nena Pereira foi jogar no Rio Grande do Sul; Dico foi campeão catarinense em 1963 pelo Marcílio Dias; Patesko jogou no Botafogo e na seleção brasileira; Armando Boos e Valdomiro Dias foram campeões catarinenses, brasileiros e sul-americanos de ciclismo e tantos outros jogaram também em diversos clubes de Santa Catarina.

Presenciei muitas partidas memoráveis no estádio da Empresa Industrial Garcia, desde o início dos anos 60 até o último jogo, no dia 26 de maio de 1974, quando joguei na preliminar. O jogo foi contra o Tupi de Gaspar e o resultado foi 3 x 1 para o Amazonas, dois gols de Nilson Siegel e um de Tarcisio Torres.

A incorporação da Empresa Garcia à Artex, em 19 de fevereiro de 1974, marcou o começo do fim de uma era brilhante no esporte blumenauense. Os dirigentes da Artex fizeram questão de acabar com o clube, mas ergueram um novo e moderno estádio, no antigo campo do América, que anteriormente era conhecido como pasto do Sr. Bernardo Rulenski, seu antigo proprietário. Por volta de 1970, a Artex comprou este local e fundou em 1971 a Associação Artex.

O fim foi inevitável, mas trouxe muitas revoltas por parte de dirigentes, jogadores e torcedores. Ao saber do encerramento das atividades, alguns saquearam a sede e levaram tudo que o pudessem, para ter alguma coisa como recordação. A própria direção da Artex fez vista grossa para o ocorrido, tanto é verdade que nada existe na Associação Artex, que mostre a existência da agremiação. Sou sabedor deste episódio, pois trabalhava na área de Recursos Humanos, onde possuía acesso a estas informações.

Como cientista social, historiador e antigo atleta em diversas modalidades do Amazonas, procurei resgatar a história do clube, pesquisando junto à comunidade e ex-jogadores. Muitos deles me doaram fotos, troféus, bandeiras, camisas, e deram informações, as quais pude transcrever em jornais e repassar através de documentários, rádio, TV e escolas. Fizeram isto com orgulho. Alguns, com idade avançada, repassaram seus objetos para mim, pois tinham a segurança que, após sua morte, alguém zelaria como memória histórica de uma época de nostalgia, amor, determinação e colaboração e brilhantismo.

Quando garoto conheci vários jogadores que atuaram no antigo Amazonas desde o início da fundação, podendo citar nomes como Bertoldo Rosenbrock, Reinoldo Mass, José Vinotti, Henrique Machado, Oswaldo Moritz, Belirio Rebelo, Getúlio Machado, Marcos Moritz, Alfredo Kertischka, Max Rudolf Wuensch (que em 1936 ajudou a fundar a Artex), Rudolf Rosumek, José

Pêra, Tuti Freigter, Hercilio Bart, Nena Poli, Leopoldo Cirilo e tantos outros que não me recordo, mas que também fizeram parte da minha pesquisa desde 1960.

Os jogadores do Amazonas eram trabalhadores da Empresa Industrial Garcia e, em sua maioria, moravam próximos, em casas da própria empresa.

Um dos acontecimentos que mais me emocionou foi a comemoração dos oitenta anos de fundação do Amazonas, no dia 25 de setembro de 1999, na Associação Artex, um encontro de todas as gerações do clube. Foi uma festa brilhante, teve exposições, estava presente a TV, enfim, houve um bate-papo em que se recordaram detalhes gloriosos. Não faltaram lágrimas, principalmente quando pronunciei uma crônica sobre as atividades do clube e o porquê do encerramento das atividades da agremiação Alvi-Celeste.

Os dados aqui relatados são uma pequena amostra, do que foi a trajetória gloriosa do Amazonas Esporte Clube, da qual orgulhosamente pude conviver em parte, com os antigos jogadores que iniciaram o clube, como também com os que jogaram nos anos 50, 60, 70, até o último jogo, em 1974. A história sempre mostrará a vivência das comunidades que quando se organizam, conseguem fazer sucesso. A esses atletas, mencionados por mim ou não, o nosso carinho e respeito.

Com orgulho hoje verifico que não foi em vão todo sacrifício que tenho passado desde 1960 com o resgate da história do bairro, da Empresa Industrial Garcia e do Amazonas Esporte Clube, pois a procura por informações no acervo que guardo com muito carinho, tanto por parte de jornalistas, de educandários do nível fundamental e médio, até de Itajaí e Brusque, e também de pessoas da Universidade Federal de Santa Catarina e da Universidade de Blumenau tem sido grande.

**Relatório do Dr.
Ignácio da
Cunha Galvão
ao Ministro da
Agricultura,
Comércio e
Obras Públicas,
de 28 de
fevereiro de
1867 - Parte 2**

Nesta edição, publicamos a segunda parte do relatório do Presidente da Província de Santa Catarina ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, escrito em 1867, em que tece considerações sobre diversas colônias ali existentes. Nesta segunda parte, trata-se da situação da Colônia Blumenau, considerada a mais “próspera colônia” na província, pelo autor do documento. Tece comentários sobre a administração e as necessidades da colônia, incluindo, ao final, tabelas estatísticas sobre o movimento da população, a produção, importação e exportação e as despesas da colônia.

É longa a história da colônia Blumenau, data a sua existência do ano de 1850, em que foi fundada pelo Dr. H. Blumenau. Passou em 1860 ao domínio do Estado, em virtude de contrato celebrado com seu fundador. Conta hoje 668 fogos e 2861 almas.

Nos relatórios da repartição das terras públicas, do Sr. conselheiro Pedreira, que em 1859 a inspecionou, encontram-se interessantes informações sobre ela, que julgo desnecessário aqui reproduzir; a elas me reporto, limitando-me a considerar o seu estado atual e o seu futuro.

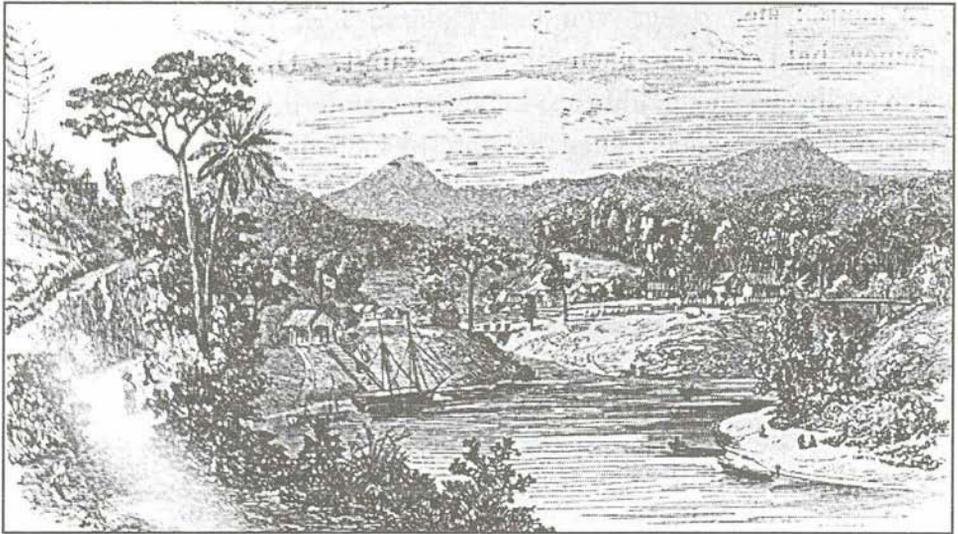
É sem dúvida a colônia Blumenau, de todas quantas vi, a mais próspera. Estabelecida no fértil vale do Itajaí-Açu, com fácil saída por terra e por água para a vila de Itajaí, portó de mar, algum movimento comercial, dirigida com inteligência, zelo e perícia, que todos reconhecem no seu dedicado fundador, e continuada a mesma disciplina sob o atual diretor interino, o Sr. H. de Wendeburg, discípulo que honra a seu mestre, auxiliada eficazmente pelo concurso generoso do governo, povoada por colonos, cuja maior parte foi para ali encaminhados pela intervenção do próprio Sr. Blumenau, e não pelos agentes ordinários do

Brasil, o seu progresso era muito natural.

A inspeção das tabelas nº 4 e 5 demonstra a sua marcha ascendente, e o minucioso mapa estatístico (nº 2) cujos números ocioso é aqui repetir, e do qual esta narração não é senão o complemento, revela o lisonjeiro grau de desenvolvimento atual.

Não terá aplicação a ela, ao menos, o dito mui comum, que os dinheiros gastos pelo governo com as colônias, tem sido lançados ao mar.

O lado sombrio, segundo a expressão do Barão de Tschudi, no seu relatório da colônia Blumenau, o estado horroroso de seus caminhos desapareceu, completamente.



Vista do porto fluvial de Blumenau - Gravura do livro *Reisen durch Südamerika*, de Johann Jakob von Tschudi, de 1867.

Hoje pode-se ir a galope com toda a segurança, da vila de Itajaí à colônia; dentro dela, estradas planas, grande parte para carros, tão bem conservadas como as de D. Francisca, conduzem até as extremidades de seus extensos raios coloniais, pouco restando a fazer.

A sede da povoação, conquanto longe de poder competir com Joinville, já apresenta ao colono recém chegado um aspecto animador de conforto e abundância, já não se pode dizer que, os que para ali vão, são atirados para o

meio das matas, sem recursos, etc; casas de bela aparência e hotéis decentes, casas de pasto de mais modestas proporções, e mais abaixo o barracão agreste e rude, porém limpo, para o que traz só seus braços, denunciam a presença da civilização.

Existem na colônia homens de inteligência culta, negociantes abastados, fabricantes, etc.

Não se observam reuniões devassas, nem orgias de embriaguez, a música, o canto, a dança, o exercício de tiro ao alvo que ali é muito apreciado e fez organizar uma companhia de carabineiros, onde se encontram excelentes atiradores, são os passatempos em comum.

Casas da escola existem diversas em diferentes pontos da colônia, bem construídas as casas e bem dirigido o ensino. O meio por que ela se tem estabelecido é digno de ser imitado, (na falta de internato); querendo os moradores de um distrito, ou raio colonial, uma escola, cotizam-se e apresentam uma certa soma, reunida a qual o governo concorre com o resto e edifica-se a casa.

É considerável o número de casas de boa aparência, que se encontram disseminadas na colônia, construídas com solidez, paredes de tijolos e cobertura de telhas.

O número de olarias, que se vê no mapa, indica a grande extração de seus produtos. Grandes plantações e pastos da melhor aparência encontram-se em todas as linhas, o vale do Garcia está descortinado e cultivado em toda a sua extensão; o milho, o fumo, a cana, a mandioca e os tubérculos, produzem ali perfeitamente.

A qualidade do fumo ainda não é boa, as sementes de Havana, de Djebel e da Bahia, modificam-se pela ação do solo, do clima ou do trato, de tal forma que as propriedades do fumo não deixam conhecer a origem.

Fabrica-se em quantidade charutos na colônia, que exportam pelos preços de 8 a 10\$000 o milheiro.

A cultura do algodão ainda não foi experimentada em grande escala, os diversos ensaios parciais têm apresentado bons resultados.

A respeito do café acham-se os lavradores bastante esmorecidos, cento e tantas mil mudas tinham sido distribuídas pelo incansável Dr. Blumenau. Achava-se a planta ainda muito tenra quando sobreveio a extraordinária geada do ano passado, das mais fortes que se tem notícia na província, e foram destruídas; resistiram unicamente as árvores maiores anteriormente plantadas.

A cana sofre também das geadas, mas não é destruída; a produção de

aguardente já é considerável na colônia.

Sobressaem as plantações nos lugares em que a terra é lavrada a arado; mas ainda está pouco espalhado o seu uso e bem assim o emprego do estrume.

Excelente gado vacum possui a colônia; além da raça crioula que é muito boa, tem a de Ost-frise, vulgarmente chamada taurina, e a raça cruzada das duas.

Com prazer aqui consigno (tabela nº 2)* um catálogo do interessante viveiro de plantas, reunido e entretido à sua custa, pelo Dr. Blumenau, testemunho de sua dedicação e amor à colônia que criou.

Admira como tão solícito pela introdução de novas plantas, não tentou ainda a oliveira.

Sendo o clima daquela região tão semelhante ao de Portugal e Itália, é de presumir que ela se desenvolveria bem ali, e que adaptando-se aos morros que hoje só servem de obstáculo, venha a torná-los aproveitáveis.

Com todas estas vantagens, não deixa, todavia, a colônia Blumenau, de ter seus senões, de lutar com algumas dificuldades, de reclamar certas providências.

As inundações, que tomam na bacia do Itajaí, proporções colossais, chegando as águas a elevarem-se a mais de 60 palmos acima do nível ordinário, causam, às vezes, grandes estragos, tendo chegado a arrebatam casas, e são ordinariamente acompanhadas de um enxame de lagartas que aumentam os estragos feitos pelas águas.

As geadas aniquilam, como já disse, os cafezais novos, e prejudicam muito a safra de cana.

A configuração montanhosa do seu solo é um outro sério inconveniente.

O vale principal do Itajaí é encerrado entre altas montanhas, que correm quase paralelamente, deixando entre si uma estreita planície que, em toda a extensão que percorri, não tem mais de 600 braças de largura, podendo ter no médio 300 a 400; nesta planície serpenteia o rio de 80 braças de largura, aproximando-se ora para um lado, ora para o outro, das fraldas do morro.

Os afluentes do Itajaí, Garcia, Velha, Teste, em menor escala, apresentam a mesma configuração.

Sendo o terreno da vargem de grande fertilidade, outro tanto não acontece ao dos morros que, ordinariamente, só prestam para a mandioca e pastos, isso mesmo não com muita vantagem, e os mais altos nem para isso.

* A tabela não consta no documento.

Em consequência desta configuração do solo a colônia tem tomado um desenvolvimento longitudinal extraordinário, estendendo-se pelo Itajaí mais de quatro léguas, pelo Testo, quase igual distância, pelo Garcia até onde se encontram terras cultiváveis, ficando a população disseminada em longas linhas a uma grande distância do porto e sede da povoação, e uma vasta extensão de terrenos despovoados e incultos, nos rincões formados pelos diversos rios.

Afora estes raios divergentes, um único caminho concêntrico existe, que liga o Itajaí com o Testo, formando uma curva cujo centro pode-se considerar a confluência dos dois rios; colonos se acham aí estabelecidos, mas o terreno é todo montanhoso; o aspecto das plantações e das matas denota a inferior qualidade da terra.

Este inconveniente da disseminação da população por extensas linhas foi ainda agravado pela recomendação ou ordem dada, há anos, pelo governo à direção, de só estender a colonização na direção da colônia D. Francisca; de sorte que os vales secundários da Velha, e da Itoupava, que deságua meia légua acima da margem na margem esquerda, estão: o primeiro inteiramente inculto e o segundo com muito poucos moradores.

Creio não errar, afirmando que a vantagem que se procurava com aquela medida de ligar duas colônias distantes umas das outras mais de 20 léguas, sem probabilidade de entreterem comércio ativo por serem similares os seus produtos, não compensa os inconvenientes que ela acarreta; podendo o colono, que chega a estabelecer-se na proximidade do porto e povoação, ter de ir procurar lotes nas extremidades daquelas longas linhas.

As terras dos vales da Velha e Itoupava, dizem ser excelentes. Julgo, portanto, de grande conveniência a revogação daquela ordem, e que se mande demarcar lotes nos dois referidos vales.

Os profundos barrancos de todos os afluentes da margem direita do Itajaí são outro inconveniente da configuração do solo da colônia; combinando-se com a circunstância da largura extraordinária, a que se elevam as águas nas enchentes, tornam sumamente dispendioso o estabelecimento de pontes, pontilhões e bueiros, sendo preciso dar-lhes grande desenvolvimento, grande solidez aos encontros e pregões, e consolidar cuidadosamente o leito do rio em não pequena extensão.

A ponte que se está construindo no pequeno ribeirão da Velha, não importará em menos de 5:000\$000; verdade é, que toda ela é de alvenaria de tijolo. Devo novamente dizer, que nos núcleos recentes de população como

uma colônia, onde há tantos serviços urgentes a atender, não permitindo os recursos do Estado o dispêndio de avultadas somas, para atender a todas, não considero aplicável o princípio de que mais vale fazer uma construção definitiva e permanente, embora cara, do que obras provisórias de menor custo.

Entendo, pelo contrário, mais conveniente atender imediatamente, a um maior número de necessidades existentes embora por obras provisórias, contanto que tenham solidez bastante para durarem 10 ou 15 anos, e facilitar assim um mais rápido desenvolvimento da prosperidade do núcleo, o qual fornecerá meios de sobra para conservação e substituição das obras provisórias, quando esse tempo chegar.

Penso que devia prevalecer este segundo princípio, em todas as obras de todas as colônias.

Em Blumenau, torna-se sensível o inconveniente do primeiro. Não possui ainda hoje capela, nem casa de oração; um compartimento do tosco barracão para recepção dos colonos serve de casa de oração para os protestantes, e um pequeno rancho coberto de palha, de capela para os católicos.

As suas estradas ainda não estão concluídas; extensos lanços de estrada de rodagem deixaram por muito tempo e ainda hoje alguns deixam de ser para ela aproveitados, por falta de pontes ou pontilhões que estabeleçam a continuidade.

Um outro e grave inconveniente foi o ter-se dado a princípio, só 50 braças de frente aos lotes.

A maior parte dos colonos do Garcia queixam-se que com aquela diminuta frente não podem formar pastos, e ficarem com terras bastante para cultura, porque sendo a vargem estreita, os fundos montanhosos só servem, como já disse, para mandioca e maus pastos.

Grande número dos do Jordão, cujo vale ainda é mais estreito e as terras inferiores, tem abandonado seus lotes e se mudado para o alto Itajaí e Testo, onde a direção, reconhecendo o seu erro, tem dado frentes de 100 braças não obstante ser o vale mais largo.

Esta remoção, porém, é um grande mal, para evitar na verdade mal maior; todos repugnam abandonar um lote onde despenderam o seu suor, e fixaram benfeitoria.

Uma vez ocupados os lotes num vale, a frente de um só pode ser aumentada com a retirada de um dos vizinhos; e o alemão por natureza teimoso, fica muitas vezes vivendo miseravelmente num terreno apertado, esperando que o vizinho se desengane e se mude antes dele.

A grande largura e profundidade do rio Itajaí, também traz seus inconvenientes: é necessário fazer estrada em ambas as margens, e de distância em distância balsas para atravessar o rio.

O Garcia e o Testo, bastante caudalosos e vadiáveis em poucos lugares, exigem a mesma dupla despesa de vias de comunicação. Por uma bem entendida economia, tem a direção feito estrada de rodagem, só em uma das margens de cada um deles, e no outro caminho de cargueiro.

Necessidades da Colônia

A exploração do rio Itajaí até as suas vertentes, e daí até os campos de serra acima, que reclamou da presidência o zeloso substituto do Dr. Blumenau, e que esta com sua habitual solicitude autorizou, parece-me de suma conveniência.

O comércio interno tanto ou mais que o externo, desenvolve os recursos naturais do país; uma estrada que, descendo da serra pelo vale do Itajaí, facultasse a permuta do gado e outros produtos dos campos com os produtos tropicais da colônia, açúcar, aguardente, café, etc., seria de imensa vantagem quer para a colônia, quer para os habitantes dos campos, aos quais, além disso, se proporcionaria um porto no oceano, na vila de Itajaí.

Nos serviços de construção desta estrada, encontrariam os colonos recém-chegados, pronta e útil ocupação, e poder-se-iam ir estabelecendo nas suas margens, onde fossem encontrando terras próprias para seus fins.

Escala em Itajaí do vapor da linha do Rio de Janeiro. A comunicação direta a vapor com Desterro, e mais ainda com o Rio de Janeiro, é de vital e óbvio interesse para a colônia.

Não posso compreender a razão porque, no contrato ultimamente celebrado, foi preferido o porto de Itapocoroy, sem relações algumas com centros produtores, ao Itajaí, para onde descem as madeiras de vinte e tantas serrarias movidas por água dos rios Itajaí-Mirim e Açú; os produtos de duas importantes colônias, Blumenau e Itajaí, de diversos estabelecimentos rurais à margem dos dois rios, e de ora em diante os da colônia Príncipe D. Pedro, que acaba de ser fundada.

Que a barra do Itajaí oferece dificuldades para a entrada e saída de barcos de vela, não há dúvida; dependem elas dos ventos especiais que nem sempre sopram, e quando sopram nem sempre concordam com a direção que têm de levar o navio que sai, uma vez fora da barra, ou seja, com a proa que precisam trazer para aproximarem-se da barra quando é para entrada (vide

mapa nº 9)*.

Mas para vapores não existe este embarço, a barra, segundo a informação de práticos, tem a largura no canal de 26 braças, e este a profundidade mínima de 40 palmos.

O único obstáculo que encontram os vapores é o da rápida correnteza das águas na ocasião das grandes enchentes do rio, a qual chega às vezes a 12 milhas por hora; mas este fenômeno raras vezes no ano se reproduz, e melhor seria deixar o vapor de tocar no porto, quando acontecesse coincidir a sua chegada com uma grande enchente fundeando então em Itapocoroy do que ficar o porto privado o ano inteiro de sua visita.

Apareceu ultimamente na província a idéia de organizar uma linha de vapores costeira, que partindo do Desterro e tocando em Itajaí, subisse até a colônia.

Não crendo que o movimento comercial atual seja suficiente para alimentar uma linha regular, partilho a opinião do presidente da província, que seria mais conveniente, tocando a linha do Rio de Janeiro no Itajaí, estabelecer um pequeno lanchão a vapor, que fizesse a viagem do rio até a colônia, e bem assim a do Itajaí-Mirim até a Limeira, rebocando barcos de fundo chato, onde viessem as mercadorias. Teriam assim as duas colônias, com diminuta despesa, comunicação direta não só com Desterro, mas também com o Rio de Janeiro, mercado de outra ordem, para todos os produtos, e principalmente para os que exigem rápido consumo, como manteiga, ovos e galinhas.

Além das necessidades e providências apontadas, há mais: o estabelecimento modelo de agricultura que reclamo para todas as colônias em maior ou menor escala; a adoção do sistema de empreitada para os trabalhos públicos da colônia, dando a devida publicidade à adjudicação e suas condições; a introdução de teares singelos; existem na colônia muitos tecelões de profissão. O tear mecânico que ultimamente mandou da Europa o Dr. Blumenau, pareceu-me algum tanto complicado e de elevado preço; aconteceu infelizmente que o pente ou peça de que depende a grossura do tecido, é para fazer fazendas finas, que não só não são as de que necessitam os colonos, como não serve para elas o fio fiado à mão como o fazem na colônia; um hospital na sede da povoação, aonde se recolhem os doentes cujas enfermidades exijam longo tratamento; as grandes distâncias de que já falei, não permitem ao médico visitar freqüentemente o mesmo cliente em sua casa; é a diminuta população, junto a salubridade do clima, não reclama, por ora, mais de um médico.

* O mapa não acompanha o documento

Administração

Já manifestei em parte o meu juízo sobre ela; o diretor interino, digno substituto do Dr. Blumenau, nada deixa a desejar; as duas escolas públicas de meninos e meninas, e as particulares são muito bem dirigidas; na de meninas pessoalmente reconheci o mérito da professora, e o adiantamento das alunas; na dos meninos diversas circunstâncias obstaram a que eu assistisse aos exercícios; baseio-me nas informações e na conversação com o professor, e bem assim a respeito de particulares.

O pastor protestante pareceu-me tomar pouco interesse na pasta espiritual das almas.

A colônia não tem cura católico, a população católica é pequena, e é atendida pelo vigário da freguesia de São Pedro Apóstolo, Padre Gattone, acerca do qual as informações são muito favoráveis.

A escrituração é feita com ordem e método, nos seguintes livros:

Livro caixa.

Dito de contas correntes dos colonos.

Dito de notas da venda de terras.

Dito Mestre e Diário.

Registro das férias dos trabalhadores.

Dito das terras vendidas.

Matrícula dos colonos.

Diário estatístico sobre o tempo e acontecimentos na colônia.

Registro dos casamentos, nascimentos e óbitos dos católicos.

Os títulos provisórios já tinham sido distribuídos aos colonos.

O território da colônia ainda oferece vasto espaço, e existe número de lotes demarcados para o estabelecimento de novos colonos.

RESUMO

No estado de prosperidade em que já se acha, com boas terras, bom clima, boas vias de comunicação, regularidade e ordem na administração, a colônia Blumenau, está nas condições de vir a ser um centro ativo de atração para a emigração; deve, portanto ser eficazmente auxiliada.

É tempo também de se promover a cobrança das dívidas dos colonos;

da tabela nº ...¹ se vê quão diminuída é a soma até hoje cobrada.

Convirá marcar um prazo curto, dentro do qual, sob as penas dos contratos, os que têm mais de seis anos de estada satisfaçam a primeira prestação, passando-se depois à segunda e às outras, e bem assim sucessivamente aos que tiverem menos de seis anos.

É aproveitável também a idéia de deduzir-se para abater na dívida, uma quota do salário, que percebem por serviços públicos, feitos na colônia, aplicando-a somente aos que tiverem mais de dois anos de residência.

TABELA IV - COLÔNIA BLUMENAU

Mapa do movimento da população, da importação e exportação e da despesa desta colônia durante o último quinquênio.

	1862	1863	1864	1865	1866	OBSERVAÇÕES
População início do ano	1.484	2.058	2.286	2.471	2.535	No princípio de 1867, a população era de 2.861 almas
Colonos que entraram	607	166	127	160	223	
Colonos que saíram	62	2	20	159	0	
Nascimentos	63	91	105	88	139	
Óbitos	34	27	27	25	36	
Importação em R\$?	41:000\$000	45:000\$000	45:000\$000	40:000\$000	
Exportação em R\$?	13:000\$000	18:000\$000	30:500\$000	38:500\$000	
Despesas da colônia	58:246\$245	52:947\$419	49:952\$722	51:197\$625	39:408\$104	

TABELA IV - COLÔNIA BLUMENAU

Mapa da produção desta colônia durante o último quinquênio

	1862	1863	1864	1865	1866
Milho, alqueires	7.000	17.000	24.000	28.000	32.000
Arroz, alqueires	0	0	300	510	628
Feijão, alqueires	896	2.150	2.912	2.846	1.822
Farinha de mandioca, alqueires	2.490	3.624	4.464	5.706	10.917
Aipim, batatas e outros tubérculos, alqueires	9.000	18.000	37.000	52.000	111.000
Aguardente, canas	12.616	12.752	13.940	15.800	24.930
Açúcar, arrobas	5.900	3.890	4.904	5.776	6.048
Fumo, arrobas	344	382	469	560	783
Algodão, arrobas	0	20	20	32	164
Café	122	53	180	212	156

¹ N. E.: A tabela referida não consta no documento original.

Autores Catarinenses

Abandonada no campo do centeio 1 e 2

A voz do vento

TEXTO:
ENÉAS
*ATHANÁZIO**

Abandonada no campo do centeio (1)

Depois de ter feito extraordinário sucesso, em especial com o romance “O Apanhador no Campo de Centeio”, o escritor norte-americano J. D. Salinger (Jerome David Salinger) rompeu com o mundo e passou a viver em reclusão numa espécie de chácara, em Cornish, New Hampshire. Numa casa baixa, cercada de mato e entre colinas, ele passa seus dias enfurnado, às voltas com escritos e leituras. No começo ainda saía para o essencial, mas hoje nem sequer se mostra. Placas com a inscrição “Não ultrapasse!” foram colocadas nas divisas do terreno, afastando curiosos e jornalistas. Estes últimos, - odiados por ele, - chegam a acampar nas proximidades na vã esperança de vê-lo e fotografá-lo. Inútil: o ermitão não aparece. Esse comportamento insólito fez dele uma das maiores curiosidades americanas, sobre quem surgem sem cessar histórias e boatos. Tem fãs fanáticos e críticos impiedosos de todos os gêneros.

Enquanto isso, em outro lugar do país, uma jovem escritora se formava, alheia à questão Salinger: Joyce Maynard. Curiosa e criativa, escreve artigos e crônicas, até que um ensaio de sua autoria é publicado na revista do “New York Times”, com ampla foto da autora na capa (23 de abril de 1972). “Uma jovem de 18 anos relembra sua vida” era o título. Nele analisava a vida e os sonhos de uma moça naquela fase, que a autora julgava valerem para as americanas de sua geração em geral. O memorialismo precoce da ensaísta, quase menina, teve imediata repercussão e provocou grande interesse. Começa a receber convites para entrevistas, palestras, artigos, crônicas e cartas, cartas aos montões. Torna-se celebridade aos 18 anos de idade.

* Escritor e Advogado.

Até que um dia, entre tantas cartas, vem uma assinada por J. D. Salinger, o ermitão. Elogiosa, simpática, encorajadora, dava conselhos à nova escritora, recomendando-lhe fidelidade aos seus princípios e sinceridade na arte literária. Cativada pela atenção do escritor talentoso, célebre e rico, ela responde e a troca de cartas se intensifica, passando depois aos telefonemas.

Ele é 35 anos mais velho e misterioso, mas o fato é que ela se descobre apaixonada. Os telefonemas são quase diários, as cartas não cessam. Trocam opiniões críticas sobre literatura, arte, cinema, música, autores, atores, gostos. E confidências, muitas confidências.

Acontece, então, o primeiro encontro. Com o coração aos pulos e as pernas bambas, ela se depara com o solitário de Cornish. Quem a recebe é um homem alto, de uma magreza total, faces enrugadas e cabelos grisalhos. É sério e fala pouco, numa voz tranqüila e suave. Tem 53 anos de idade.

Assim tem início um dos romances mais discutidos nos meios literários de todo o mundo.

Abandonada no campo do centeio (2)

Depois do primeiro encontro com J. D. Salinger, a quem chama de Jerry, Joyce Maynard passa um fim-de-semana com ele. Os encontros se sucedem e o escritor a convence a morar em sua companhia na isolada chácara de Cornish.

Apassionada, a moça não vacila. Abandona o curso na Universidade de Yale, o emprego no jornal, a carreira promissora, o conforto do apartamento. Enfrenta a incompreensão dos amigos e a decepção dos pais consternados. Dá as costas ao mundo e vai morar com o escritor recluso.

A vida na chácara é monótona. Resume-se a caminhadas pelas colinas, raras saídas para o essencial, leituras, escritos, música e televisão. Salinger só recebe o casal de filhos e a faxineira. Ninguém mais penetra naquele tugúrio.

O verdadeiro Salinger, muito diferente do mito, não tarda a se revelar. É rude e seco, jamais ri ou, ao menos, sorri. Crítico impiedoso de tudo que ela faz ou escreve, é um rabugento que não gosta de nada e de ninguém. Tranca-se no quarto por horas a fio, sem falar ou comer. Odeia o mundo, as pessoas, os jornalistas e os médicos. Homeopata convicto, só se trata com suas bolinhas e agulhas; vegetariano fanático, só come o que ele próprio planta em sua horta. Nutre olímpico desprezo pelo mundo que palpita para além das placas de sua

chácara: “Não ultrapasse!”

Os dias naquela casa achatada são pesados e lerdos. Tudo que faz parece compor o plano para moldar a moça a seu gosto, tornando-a o lado feminino dele próprio. Sempre apaixonada, Joyce Maynard a tudo se submete, disposta ao sacrifício em troca do amor daquele homem ríspido mas genial. E assim decorre um ano.

Mas vai que um dia, quando estavam numa praia, Salinger a expulsa. Com a voz fria de sempre, sem revelar qualquer emoção, ele lhe entrega as chaves da casa e decreta: “Apanhe suas coisas e vá embora!”

Assim, sem explicação ou motivo, faces retesadas e olhos fuzilantes, profere o veredito sem apelação. Os pedidos de explicação pelo telefone ou por carta nunca obtiveram resposta. Na única visita que lhe fez depois, Salinger a recebeu de forma gélida e proferiu apenas quatro palavras: “Você ama o mundo!” Nessa ocasião o escritor já vivia com outra moça, parece que conquistada através de cartas simpáticas e encorajadoras.

Arrasada, Joyce volta para a mãe e luta pela retomada da vida. Retorna ao “New York Times”, escreve para jornais, revistas, rádio e teatro. Encontra novos amores, casa-se e tem filhos. Publica livros, entre eles “Abandonada no Campo de Centeio”, onde relata o sofrido caso de amor com J. D. Salinger (Geração Editorial – S. Paulo – 1999), cujo sucesso se repete em todo o mundo. Para saber mais, só lendo o livro.

A voz do vento

Em minha última visita a Calmon, o epicentro do “Contestado”, fiz uma excursão, com alguns amigos, à localidade de General Dutra, situada nos campos de São Roque, os mais bonitos da região. Fomos de carro até uma fazenda próxima e depois, caminhando pelos velhos trilhos abandonados da antiga Rede Viação Paraná-Santa Catarina (RVPSC), prosseguimos até a estação e a caixa d’água ali existente para o abastecimento das locomotivas movidas a lenha. A estação, uma das poucas construídas em alvenaria, foi das mais isoladas daquele trecho, um prédio solitário e cinzento se destacando entre as coxilhas da campanha aberta e sem matas ou mesmo árvores escoteiras. A plataforma feita com blocos de pedra-ferro, o telhado de largas abas para a frente e os fundos, a sala onde funcionavam os serviços do agente e do telegrafista, uma cozinha e duas ou três outras peças. Distante uns duzentos metros, ergue-se a

caixa d'água, importada da Inglaterra, fabricada em ferro maciço, e ainda em pé até hoje, desafiando os tempos e as intempéries. Sem dúvida uma das estações mais solitárias da ferrovia; dali os horizontes dos moradores só encontravam limites onde o verde dos campos se mistura com o azul do céu. Hoje abandonada, a estação está em ruínas e foi submetida ao saque e ao vandalismo impiedosos, só restando aquilo que é impossível de carregar.

Nos meus tempos de garoto, andando por ali na minha velha bicicleta, conheci o telegrafista, de nome Germano, ainda bem moço, envergando o uniforme azul com botões dourados e usando quepe com as iniciais da ferrovia. Fico me perguntando como ele, solteiro, conseguia suportar a solidão, só compartilhada com o agente, em especial nos rigorosos e longos invernos da região. Ele, porém, nunca demonstrou descontentamento, pelo menos que eu notasse. Deveria consolar-se com o trabalho, acompanhando atento os trens cargueiros e de passageiros que por ali transitavam. Além da voz do vento constante, chorando nas quinas da estação, o silêncio era violado pelo resfolegar das locomotivas, pelos apitos estridentes e pelo martelar das rodas nos trilhos de aço. Agarado ao **morse** e ao **seletivo**, ele não sentia o escoar dos dias de sua juventude.

Caminhando sobre a linha férrea, que aos poucos vai sendo coberta pelo capim que retoma seu espaço, estendendo-se em retas infinitas que cortam coxilhas e canhadas, damos largas à imaginação e à memória. Figuramos o agente na plataforma, com o quepe vermelho designativo da chefia, estendendo entre dois dedos o “pode” para o maquinista do trem que entra devagar no quadro da estação e apanhando com os demais dedos da mesma mão aquele que lhe é entregue. Com a mão livre, num gesto largo, faz uma saudação estudada à equipe do trem, enquanto o telegrafista, entre pontos e traços, comunica à estação seguinte que ele acaba de passar. Acelerando a locomotiva, com um apito breve, a composição retoma seu curso e ganha velocidade, serpenteando pelo campo qual monstro metálico e barulhento. Na estação, com olhos presos no trem que parte, os funcionários solitários o acompanham até que desapareça nas curvas distantes. E assim acontecia com os cargueiros, os mistos de cargas e passageiros, o direto noturno e o internacional que ligava Buenos Aires a São Paulo, com seus luxuosos vagões blindados, restaurantes, salas de estar e cabines. Todos percorrendo aqueles mesmos trilhos, hoje entregues ao abandono, que constituíam a própria espinha dorsal do país.

Ainda mais solitária e silenciosa, a velha estação não ouve mais os apitos, o resfolegar das locomotivas, o martelar das rodas nos trilhos. Só restou mesmo a voz do vento chorando nas suas quinas gastas e desbotadas.

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
 - R\$ 15,00 (anos 60)
 - R\$ 20,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de 2003 (Tomo 44). Anexo a este cupom, a quantia de R\$00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

- () Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos
- () Depósito no BESC - conta 77.995-2 - Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- () Cheque - Banco: Número do Cheque:

Dados do Assinante:

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cx. Postal: _____
CEP: _____ - _____ Fone para contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

Promoção especial:

Antigos assinantes que queiram presentear alguma pessoa com uma assinatura anual da revista *Blumenau em Cadernos*, poderão fazê-lo através do pagamento de R\$ 55,00 (valor reduzido).

() Sim, desejo dar de presente uma assinatura anual da revista *Blumenau em Cadernos* (ano 2003) para a seguinte pessoa:

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cx. Postal: _____
CEP: _____ - _____ Telefone para contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - - Fone: (47) 326-6990 - Fax (47) 222-2259

Blumenau (SC) - E-mail: funculbl@terra.com.br



TOMO XLIV
Maio/Junho de 2003 - Nº 5/6

Apoio Cultural:

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hildegard Rossmark Schramm

Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora



